

A POTÊNCIA LITERÁRIA DOS CONTRASTES E CONFRONTOS
NOS SERTÕES EUCLIDIANOS

Universidade Federal do Rio de Janeiro

2018

HAROLDO DO CARMO OLIVEIRA

**A POTÊNCIA LITERÁRIA DOS CONTRASTES E CONFRONTOS
NOS SERTÕES EUCLIDIANOS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito para a obtenção do Título de Mestre em Letras Vernáculas (Literatura Brasileira).

Orientadora: Prof^ª. Doutora Anélia Montechiari Pietrani

Rio de Janeiro

Fevereiro de 2018

A POTÊNCIA LITERÁRIA DOS CONTRASTES E CONFRONTOS
NOS SERTÕES EUCLIDIANOS

Haroldo do Carmo Oliveira
Orientadora: Prof^a. Doutora Anélia Montechiari Pietrani

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Literatura Brasileira.

Examinada por:

Presidente, Prof^a. Doutora Anélia Montechiari Pietrani – UFRJ

Prof^a. Doutora Maria Lúcia Guimarães de Faria – UFRJ

Prof^a. Doutora Anabelle Loivos Considera – UFRJ

Rio de Janeiro
Fevereiro de 2018

RESUMO

A POTÊNCIA LITERÁRIA DOS CONTRASTES E CONFRONTOS NOS SERTÕES EUCLIDIANOS

HAROLDO DO CARMO OLIVEIRA

Orientadora: Anélia Montechiari Pietrani

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Literatura Brasileira.

Euclides da Cunha, em *Os sertões*, de 1902, compôs uma obra-prima que possibilita inúmeros estudos literários, e a potência dos contrastes e confrontos nesses sertões euclidianos é um deles. Quando descreve as terras sertanejas e suas antagônicas concepções geológicas, climáticas e de vegetação, Euclides está reinterpretando cenários, considerando o abstrato dessas formas. De modo semelhante, quando constata que o homem sertanejo, mestiço por natureza, inquieto e forte, cuja formação e caráter parecem talhados para experimentar adversidades, o escritor parece querer apontar o viés diverso e paradoxal da formação humana. E ainda, quando insiste em mostrar os descuidos das preparadas tropas do exército, assim como a ousadia e as estratégias de sucesso dos sertanejos inexperientes, ele cria uma proposição textual que destaca os desconcertos e denuncia a barbárie da luta em Canudos. Nesse “sertão evitado” pelas duras imagens, propenso a um “clima caluniado” e com um mestiço forte, “cerne da nacionalidade”, as figuras antagônicas e contrastantes se acentuam, fortalecendo a incompreensão pela racionalidade. Na verdade, as entrelinhas do primoroso texto de Euclides convidam para um mergulho impreciso, mas empolgante, pelo universo das ambivalências, das ironias e do arcabouço da incompletude, que nos permite adentrar bifurcações incessantes na tentativa de descortinar o imaginário humano que não se esgota pela simples expressividade das letras.

Palavras-chave: Euclides da Cunha; Contrastes; Ironia; *Os sertões*.

Rio de Janeiro
Fevereiro de 2018

ABSTRACT

THE LITERARY POWER OF CONTRASTS AND CONFRONTATIONS IN THE EUCLIDIAN SERTÕES

HAROLDO DO CARMO OLIVEIRA

Advisor: Anélia Montechiari Pietrani

Dissertation submitted to the Postgraduate Program in Vernacular Letters, Faculty of Letters, Federal University of Rio de Janeiro – UFRJ, as part of the requisites required to obtain the Master degree in Brazilian Literature.

Euclides da Cunha, in *Os sertões*, published in 1902, composed a masterpiece that enables numerous literary studies. The power of contrasts and confrontations in these Euclidean backlands is one of them. While he describes the backlands and their antagonistic geological, climatic and vegetation conceptions, Euclides is reinterpreting scenarios, considering the abstract of these forms. Likewise, when he finds the restless and strong sertanejo man, a mestizo by nature, whose formation and character seem to be cut to experience adversities, the writer seems to point out the whole diverse and paradoxical bias of human formation. And while he insists on showing the carelessness of the prepared army troops, as well as the boldness and strategies of success of the inexperienced sertanejos, he creates a textual proposition that highlights the bewilderments, and denounces the barbarism of the struggle in Canudos. In this “avoided sertão”, by hard images, prone to a “slandered climate” and a strong mestizo heritage, “center of nationality”, the antagonistic and contrasting figures are accentuated, enhancing the incomprehension by rationality. In fact, the lines in the text by Euclides invite an imprecise but exciting plunge into the universe of ambivalence, ironies and every framework of incompleteness that allows us to enter incessant bifurcations in the attempt to unveil the human imagination that does not end by the simple expressiveness of the letters.

Keywords: Euclides da Cunha; Contrasts; Irony; *Os sertões*.

Rio de Janeiro
February 2018

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, como não poderia deixar de ser, agradeço a Deus, criador, amigo, protetor e sustentador de todas as coisas. Sem sua permissão e vontade, nada disto seria possível.

À minha esposa, Beatriz Soares Oliveira, companheira, amiga, grande incentivadora e aquela que lutou comigo esta desgastante e compensadora luta.

Aos meus filhos, Matheus Luiz Soares Oliveira e Rafael Soares Oliveira, porque compreenderam a árdua tarefa e tiveram paciência com o pai.

À minha professora, amiga e orientadora Anélia Pietrani. Sempre paciente, educada, atenciosa, calma, mas firme nos direcionamentos e correções.

À professora Anabelle Loivos por seu incentivo e suas primeiras, e proveitosas, conversas sobre este trabalho.

Aos professores Maria Lucia Guimarães de Faria e Ronaldo de Melo e Souza, autoridades competentes e capacitadas do universo euclidiano e sempre atenciosos e compreensivos nas demandas da Pós-Graduação.

Ao professor Eduardo Coelho, do setor de Ciência da Literatura, da Pós-Graduação da UFRJ, pelo apoio nos momentos de necessidades pedagógicas.

Aos meus amigos “corujas”, da primeira turma do noturno de Letras da UFRJ, que tanto incentivaram a pesquisa e o mergulho intenso na realidade acadêmica.

Aos demais professores da Graduação e da Pós-Graduação em Letras da UFRJ pela competência e credibilidade que dão ao desenvolvimento acadêmico dos alunos.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da UFRJ, na pessoa da professora Ângela Beatriz C. Faria, pela compreensão, orientação e solução das dificuldades.

À secretaria da Pós-Graduação, na pessoa de Patrícia Barbosa Oliveira, por sua dedicação e empenho no trato das demandas dos mestrandos.

- “- Não gosto de pretos, Kindzu.*
- Como? Então gosta de quem? Dos brancos?*
- Também não.*
- Já sei: gosta de indianos, gosta de sua raça.*
- Não. Eu gosto de homens que não têm raça.”*

“Não inventaram ainda uma pólvora suave, maneirosa, capaz de explodir os homens sem lhes matar. Uma pólvora que, em avessos serviços, gerasse mais vida. E do homem explodido nascessem os infinitos homens que lhes estão por dentro.”

Trechos preciosos do livro *Terra sonâmbula*, de Mia Couto.

SUMÁRIO

1. Introdução	4
2. A potência literária da ironia entre ciência e arte	6
2.1 – A ironia como prova da dualidade existencial	13
2.2 – Proposta de abertura ao lirismo	18
2.3 – Tocar o realismo invisível	24
2.4 – Os paradoxos recriam o “real”	28
3. Os contrastes da terra sertaneja	32
3.1 – O solo difícil	35
3.2 – Uma seca desgraçada, num clima ostensivamente agressivo	40
3.3 – A vegetação como soldado e testemunha do massacre	43
4. O contraste da mestiçagem sertaneja e o confronto étnico	50
4.1 – A formação mestiça do Brasil	52
4.2 – Um forte homem sertanejo	55
4.3 – Os contrastes dos homens deste sertão espezinhado	59
4.4 – Civilização de empréstimo	71
5. A potência da ironia na denúncia da luta	74
5.1 – Sertão <i>versus</i> litoral	75
5.2 – Alteridade e denúncia	79
5.3 – “Canudos não se rendeu”	87
6. Conclusão	92
7. Bibliografia	95

1. Introdução

Os processos de criação ficcional costumam inquietar os sujeitos de visão mais objetiva e concreta por alegarem que ciência e arte não se misturam, são formas antagônicas. Entretanto, a noção de um sujeito dotado de sentimento, razão e vontade potencializou a história do homem desde sempre e, nessa perspectiva, o grande incômodo entre o que é e o que parece ser, ou pode ser, oprime há longo tempo o imaginário dos povos. Aquela visão cartesiana, de um sujeito sempre positivista, concreto e tecnicista por natureza, nunca atendeu plenamente a espécie humana, que continua até hoje se inquietando com o “inexplicável”.

Neste trabalho, nossa proposta será levantar reflexões sobre a potencialidade literária que há nos contrastes e confrontos de *Os sertões*, obra-prima de Euclides da Cunha, publicada originalmente em 1902. Num primeiro momento, faremos um percurso pela ideia preponderante do autor de que a ciência e a arte são elementos que se complementam e que, portanto, não estão dissociados na criação literária. Para a compreensão dessa desafiante conciliação de saberes, tomaremos como pressupostos teóricos as obras dos românticos alemães, como Friedrich Schlegel, cuja formação literária destacava a ironia romântica, postulado teórico da contradição e inconclusividade do discurso poético. Euclides da Cunha parece ter alicerçado sua pretensa interação entre conhecimentos distintos nos modelos de Goethe, Humboldt e Fichte, famoso grupo de intelectuais que já pensavam na possibilidade de intercâmbio entre ciências consideradas divergentes.

Utilizaremos ainda obras de referência sobre a escritura euclidiana, como *A geopoética de Euclides da Cunha* (2009), do professor Ronaldo de Melo e Souza, um dos grandes defensores da potência literária na interpretação euclidiana de interação entre a ciência e as artes. Para Ronaldo, o autor de *Os sertões*, a todo tempo, se despersonaliza do narrador comum para valer-se de vários tipos narrativos que comungam a noção de que aquela escritura traduz muito mais do que os prováveis sentidos expressos por suas letras, confirmando que, nas ironias de suas linhas, há uma clara intenção de chamar a atenção para uma terra, um povo e uma luta, cujas referências não são construídas apenas pela materialidade da história.

De forma complementar, pretendemos interpretar os vários contrastes nas inúmeras imagens descritas por Euclides da Cunha para destrinchar uma terra tão arredia e controversa. Esse consórcio desenhado para a terra diz respeito à sua formação geológica desequilibrada e desigual, ao clima tão discrepante ao longo do dia e durante as estações do ano e também às concepções irônicas retratadas na vegetação resignada e tão resistente daquela região. Para

essa análise, nos valeremos dos estudos do professor José Carlos Barreto de Santana, em sua obra *Ciência & arte: Euclides da Cunha e as ciências naturais* (2001), em que apresenta uma série de pesquisas que destacam a amplitude poética ligada à terra na narrativa euclidiana dos sertões. Nesse “sertão evitado”, com duras imagens geológicas, propenso a um “clima caluniado” e com um carismático messias, as figuras antagônicas e contrastivas presentes nessas terras fortalecem a noção de um universo cada vez mais incompreensível à luz da racionalidade.

Outro item que verificaremos será a controvérsia das palavras de Euclides da Cunha que causaram enorme alvoroço junto aos cientistas sociais: “(...) aquela rude sociedade, incompreendida e olvidada, era o cerne vigoroso da nossa nacionalidade” (CUNHA, 2016:103). Diante de uma sociedade cuja formação estava calcada na segregação e no preconceito, enxergar a mestiçagem como a marca mais contundente de inferioridade da nossa raça não seria um caminho muito complicado. Ironicamente, a combinação de três raças, num processo multiforme de heterogeneidade étnica, formou uma raça de garra, força e coragem inigualáveis. No tipo sertanejo a que se refere Euclides, ao fazer-lhe exaustiva menção – até honrosa –, representa-se, contraditoriamente, um mestiço inquieto com a dureza da própria realidade.

Na sequência narrativa de *Os sertões*, Euclides dedica amplo espaço ainda às ironias presentes na luta em Canudos. A insistência em mostrar os descuidos das tropas do exército, assim como a ousadia e as estratégias de sucesso dos sertanejos inexperientes com batalhas configuram uma proposição textual que destaca os desconcertos. Euclides aproveita-se desses atropelos da investida em Canudos para denunciar a ironia de uma luta por uma terra que, apesar de áspera, dura e seca pela própria natureza, ainda consegue atrair desejos de poder.

A obra *Os sertões* representa, portanto, pela potencialidade literária dos contrastes e confrontos que destaca, uma leitura que valoriza a reflexão ampla dos paradoxos e das contradições que a sustentam. Tentar enfatizar e descrever a linguagem oculta dessa literatura se mostra um desafio fascinante e permanente. As entrelinhas da obra-prima de Euclides configuram um mergulho impreciso, mas empolgante, pelo universo das ambivalências, das ironias e de todo o arcabouço da incompletude e recheiam o imaginário, entrelaçam terras, gêneros, povos e ideais, formando uma verdadeira sinfonia literária que vai além do singular. Na verdade, cria bifurcações incessantes que tentam descortinar o imaginário humano diante de suas muitas crises. Afinal, só mesmo a palavra, seja ela literal ou abstrata, para ter o poder sagrado de gerar vida plena de significados que não se esgotam pela simples expressividade das letras.

2. A potência literária da ironia entre a ciência e a arte

Em carta-resposta elaborada ao crítico José Veríssimo, por ocasião das ressalvas levantadas por este à obra-prima *Os sertões*, Euclides da Cunha proferiu aquelas que seriam as palavras que marcariam sua trajetória esplêndida e incomum de escritor literário, plenamente registradas na *Correspondência de Euclides da Cunha* (1997), edição elaborada por Walnice Nogueira Galvão e Oswaldo Galotti:

(...) sagrados pela ciência e sendo, permita-me a expressão, os aristocratas da linguagem, nada justifica o sistemático desprezo que lhes votam os homens de letras – sobretudo se considerarmos que o consórcio da ciência e da arte, sob qualquer dos seus aspectos, é hoje a tendência mais elevada do pensamento humano (CUNHA, 1902/1997:143).

Dentro dessa lógica, parece pertinente julgar não somente suas frases antológicas, mas tentar entender por que se insiste tanto, ainda hoje, em criar um marco divisório entre os conceitos de ciência e de arte. Seria a escrita de Euclides um relato histórico e/ou científico apenas, ou traria componentes literários de forma mais explícita? As afirmações de Euclides colaboram para que pensemos o quanto esses componentes, intrigantes e indissociáveis, caminham lado a lado. Euclides da Cunha não só acredita e afirma que a ciência e a arte podem se desenvolver como um consórcio, como também fica evidente que, no seu ponto de vista, uma não traz qualquer prejuízo a outra. Pelo contrário, são estudos que se complementam de forma espetacular, gerando uma amplitude interdisciplinar considerável. Euclides levanta ainda indagações sobre a forma, o conteúdo e as conseqüentes aplicações desses correspondentes num percurso paralelo que coloca duas áreas prejudicadas como opostas, mas partícipes de um mesmo processo interativo de criação.

Na conferência “Castro Alves e seu tempo”, proferida em 1907, no Centro XI de Agosto, da Faculdade de Direito de São Paulo, que integra a compilação de textos de *Outros contrastes e confrontos*, Euclides confirma seu pensamento de vanguarda no cenário nacional no tocante à visão de outras vertentes tanto para as ciências como para as artes. Para exemplificar o entendimento de que as coisas dizem muito mais do que aparentam dizer, ele afirma que, até mesmo quando observamos o sol, sabemos que ele não está no ponto em que o vemos, ele é deslocado por muitas circunstâncias invisíveis:

Destarte a própria visão material nos é errônea. Envolve-nos uma ilusão tangível. E todo o trabalho das observações mais simples está em eliminarem-se as aparências enganadoras da realidade, por

maneira que, ao fim de longos cálculos, possamos ver o que os nossos olhos não mostraram (CUNHA, 1966d:421).

Com efeito, tanto arte quanto ciência para Euclides são naturezas discursivas não opostas, mas formas em constante diálogo que, embora aparentemente díspares, contribuem para a construção de aspectos literários abundantes. Nesse aspecto, convém ressaltar um ponto seminal, a subjetividade em Euclides da Cunha. Esse fundamental aspecto de função preliminar em qualquer análise artística confronta efetivamente a tentativa de elevar o material acima de outros componentes. Tais subjetividades traduzem o pensamento de Euclides, que, no já referido texto sobre Castro Alves, apresentou razões insistentes para o pensar reflexivo sobre a vida:

(...) nesta vida, em qualquer dos rumos percorridos, quer nas pesquisas da ciência, quer na contemplação artística, quer nos inumeráveis aspectos da ordem prática, devemos submeter a nossa imaginação à nossa observação, porém de modo que esta não anule aquela: isto é, que os fatos, reunidos pela ciência, não se agreguem numa pesada e árida erudição, e só nos tenham a valia que se derive de suas leis; que os modelos, ou objetos do nosso descortino artístico, não se submetam em tanto extremo à ordem material, que nos extingam o sentimento profundo da natureza, apequenando-nos num raso realismo; e que as exigências utilitárias da vida prática, o ansiar pelo sucesso, a nobre vontade de vencer com os recursos que crescem, a subir, desde a riqueza até ao talento, não rematem fechando-nos o coração e exsicando-nos o espírito, deixando-no-los sem as fontes inspiradoras da afetividade e das nossas fantasias (CUNHA, 1966d:435).

A ideia de subjetividade a que nos referimos em Euclides está diretamente atrelada à noção estética de formação de um texto que leva em conta não somente os seus aspectos superficiais, mas considera o que há de reflexivo e interpretativo em cada produção. Como entendia Hegel, em seu *Curso de estética*, que postulava que embora a arte seja uma “fiel imitação do que já existe”, a representação artística não deve ter o natural como regra suprema – embora ela só possa ser representada em formas naturais –, porque a obra de arte também é dotada de um caráter espiritual:

Quando de um modo abstrato se diz que a obra de arte é imitação da natureza, parece que se querem impor à atividade do artista limites impeditivos de criação propriamente dita. Ora, como já vimos, ainda quando se imita a natureza tão exatamente quanto possível, jamais se chega a obter a reprodução rigorosamente fiel dos modelos. É esse, por exemplo, o caso do retrato. A ambição do artista pode bem ser a imitação; não é essa, porém, a função da arte. Ao realizar uma obra artística, o homem obedece a um interesse particular, é impelido pelo anseio de exteriorizar um conteúdo particular (HEGEL, 2009:30-31).

Esse caráter espiritual, inerente à interioridade humana, pressupõe o apego à subjetividade poética ou literária, que incrementa o privilégio de reconhecer, de forma particularizada, o universal dentro da sua própria individualidade. Nesse sentido, a experiência sensória abundante contribui para a representação de um sujeito fraturado, aberto às subjetividades da vida. Como seria possível revestir de racionalidade objetos concretamente ligados à emoção?

Mais abrangentes ainda parecem ser os conceitos que, trabalhando a estética subjetiva do pensamento humano, desenvolvem a vertente irônica da produção de discursos, tanto nas ciências como, principalmente, nas artes. No que concerne à visão científica, Galileu Galilei, no século XVII, censurava os aristotélicos por acreditarem num mundo imutável e perfeito, enquanto a natureza está em permanente mudança e se renova incansavelmente. Na realidade, Galileu, com seu olhar altamente científico sobre as questões do cotidiano, apresentava um prenúncio das paradoxais relações humanas. Enquanto Aristóteles, em sua *Poética*, preso a sua pretensão de um sujeito categórico e caracterizado pela domesticação de suas emoções, numa constante tentativa de retorno à lógica, rebaixara figurações consideradas “irreais” à mera despersonalização do íntimo, com a suposta personificação de outro eu, com muitas angústias e poucas respostas aos seus anseios interiores.

De volta aos *Outros contrastes e confrontos*, em “Antes dos versos”, prefácio de Euclides da Cunha ao livro *Poemas e canções*, de Vicente de Carvalho, de 1907, Euclides explica de onde veio a ideia da exteriorização da subjetividade:

O Romantismo, no sentido superiormente filosófico, traduzindo as máximas temeridades dos espíritos no afeiçoarem o próprio mundo exterior a um vasto subjetivismo – nasceu na Alemanha (CUNHA, 1966d:436).

No mesmo texto, Euclides destaca ainda alguns modelos de nações práticas e fecundas economicamente e que, em contrapartida, apresentam um olhar consorciado entre o concreto e o abstrato, entre o visível e o não percebido pelo olho ou pelo ouvido humano, entre o real materializado e o subjetivo surpreendente:

Desponta toda ela de uma expressão dúbia, cheia de mistérios, que se chamou “idealismo transcendente”, e era a elaboração imaginosa e estranha de uma filosofia natural sem a natureza, a harmonia do consciente e do inconsciente, o desatar-se indefinido dos espíritos ante a emoção vaga e maravilhosa do Infinito... (CUNHA, 1966d:436).

Euclides da Cunha foi um dos grandes nomes nacionais que resistiu à lógica poética do passado, colaborando consideravelmente para uma interpretação literária para além de

qualquer visão puramente material da vida. Suas observações parecem estar em concordância com a frequente e incômoda falta de explicações para as recorrentes subjetividades que incomodam os sujeitos desde sempre. De modo irônico, atribui vida e sentido às concepções naturais da existência em seu percurso social, além de tentar precisar a personificação das expressões vegetais e de outros elementos naturais, como o suplício da flora, o canto aflitivo dos pássaros ou o clamor dolorido de quaisquer emoções animais. Desse modo, Euclides trouxe as dores da terra, com a seca e a cheia, ou a fartura e a escassez, numa imensidão criativa gerada pelos minerais em suas incontáveis formações e contou histórias de personagens que foram, ao mesmo tempo, figuras épicas, trágicas e dramáticas, geradas a partir de profundas indagações da massacrante realidade social do país, num multiperspectivismo narrativo que permite criar um casamento interessante entre ciência e arte.

Nesse sentido, o professor Ronaldo de Melo e Souza, em seu livro *A geopoética de Euclides da Cunha*, tornou-se um dos grandes defensores da interpretação euclidiana de interação entre a ciência e as artes. Em seu livro, ele comprova que a figuração de um “historiador irônico”, presente na narrativa euclidiana, “desempenha, em *Os sertões*, a função de questionar os preconceitos nacionais acerca da formação do povo brasileiro e da própria guerra de Canudos” (2009: 83). Para Ronaldo, os aspectos irônicos que compõem essa figura se caracterizam basicamente pela expressão de um narrador partidário da história, que num dado tempo demonstra a sua complacência e compreensão sobre um brutal e desigual desafio de guerra e que, em outros momentos, encara a história como ela foi, ou seja, fruto do embate entre duas forças desiguais – tanto da terra, na sua constituição formativa, quanto do exército contra os sertanejos. Por último, ainda apresenta outro narrador que narra pela visão dos vencidos. Dessa forma, podemos entender que Euclides se vê mergulhado num incômodo para além dos seus próprios conceitos. O autor se despersonaliza num narrador dramático e, isento de sentimentos e vontades, passa a ser um narrador que não ouve, não sente, não vê, fortalecendo a noção de que somente o concreto não é suficiente para adquirir a pretensa completude dos sentidos do homem e da vida:

Euclides da Cunha rejeita o predomínio do platonismo em sua dupla versão metafísica e científica. Recusa a separação platônica do espírito e da natureza e a dicotomia cartesiana do sujeito e do objeto. Refuta o antagonismo da razão e da imaginação, responsável pelo divórcio da ciência e da arte. Confuta a tradição cultural do ocidente, que se tornou hegemônica no decorrer dos séculos por meio do discurso monossignificativo do ser supremo, do deus único, da lógica da identidade, exaltando o devir zoogônico, a potência telúrica, a simbólica natural da unidade na diversidade. Não se entende com

artistas que desdenham a ciência nem com cientistas que menosprezam a arte. Por isso mesmo, dialoga com interlocutores distantes, como os poetas cientistas e os que cientistas poetas da escola romântica alemã, particularmente o grupo que se formou em torno da obra de Goethe, Humbolt e Fichte (SOUZA, 2009:177).

Em *Os sertões*, há vários exemplos de como o autor cria uma equivalência entre duas possibilidades incomuns e até entendidas como opostas. Como numa visão simultânea, em que se observam várias telas ao mesmo tempo, a perspectiva desse narrador dual permite visões diferentes de uma mesma projeção. O narrador opta pelo paradoxo da lógica inconsciente, na perspectiva dual, que evidencia que um mesmo fenômeno pode ser visto de forma totalmente diferente por duas pessoas ao mesmo tempo. Faz isso de forma semelhante ao observador itinerante, ou o imóvel, que enxerga várias telas, por pontos de vista radicalmente diferentes.

A “ambição literária” de Euclides da Cunha, de que fala o pesquisador José Carlos Barreto de Santana, em sua obra *Ciência e arte: Euclides da Cunha e as ciências naturais*, (2001), nos leva a pensar num escritor que cria relações textuais aparentemente conflitantes, mas com completa e permanente interação dialógica com a história, a literatura, a geologia, a geografia, a antropologia e as ciências sociais. As incursões de Euclides pelas diversas áreas de conhecimento o tornaram um ícone da relação científica e literária, já que divergia das correntes dos pensadores que integravam a base do positivismo na qual fortaleciam a tese de completo divórcio entre as ciências exatas e artísticas. Essa tentativa de separação propiciou uma produção cultural, na segunda metade do século XIX, que manteve as áreas do saber totalmente desunidas. Euclides, contrapondo-se a essa perspectiva, instaurou uma interpretação da nação brasileira que legitimava a sensível compreensão de um homem incompleto e em permanente busca de si mesmo:

Conhecendo um conjunto significativo de publicações na área das ciências naturais, vivendo da sua profissão de engenheiro, estudando mineralogia e geologia, escrevendo resenhas críticas sobre publicações científicas, relacionando-se com intelectuais de diversas áreas, Euclides da Cunha viveu um conjunto de atividades que o inseria no espaço da comunidade científica de sua época, sem que isso significasse abdicar de participar da vida política e literária do Brasil no final do século XIX (SANTANA, 2001:35).

Dessa forma, a narrativa realista e ficcional de Euclides construiu um ponto de vista elaborado pelo narrador, que passou a ser um discurso que transcende o conceito tradicionalmente posto pelo positivismo. A maneira de narrar sob várias perspectivas foi além dos elementos concretos que formavam o discurso filosófico, teológico ou psicológico. Na obra euclidiana, o autor evidencia a consciência para além do material, criando existência viva

e ativa para pedras, objetos e animais, por exemplo. Nesse aspecto, Cunha elabora um discurso ficcional que concilia consciência racional com experiência subjetiva, provando que o ser humano concreto não dá conta de assimilar suas questões somente pela razão. Essa capacidade de sair de si e se revestir de outro ser provoca-lhe uma metamorfose existencial, em que várias experiências vão aprimorando os sentimentos e os desejos do ser. Comprendemos, assim, que os elementos históricos, biológicos e até geológicos presentes na obra de Euclides da Cunha são fundamentados na literatura, e não somente nas ciências ali representadas. Por isso, cogita-se em Euclides a possibilidade de estudos integrados numa perspectiva transdisciplinar, plural, criando forte consórcio, destacado por Göethe, em *Fausto* (1832), entre ciência e arte.

Todos esses estudos confirmam o pensamento científico contemporâneo que atesta a poesia nas relações científicas: do caos surge um ordenamento das coisas, a física quântica mantém ousado diálogo com a poesia; e mais, a comprovação de que todas as coisas nascem da polaridade entre luz e trevas. Ou seja, pelo princípio da complementaridade, pela polaridade dos contrários é que se geram todas as coisas:

A vida material e sensível se move entre dois polos. O seu reino não é o do ser, mas do devir e do sucumbir, do alternar eterno de duas cores, – o branco da vida, e o preto da morte... Duas potências, portanto, dominam a criação telúrica, assegurando, na mútua colaboração vital e mortal, a gênese e o desenvolvimento das coisas (BACHOFEN, *apud* SOUZA, 2009:188).

Nessa ideia fixa de junção de conhecimentos opostos (ou supostamente opostos), expandida por Euclides no já referido texto “Antes dos versos”, a obra se contrapõe radicalmente ao pensamento positivista ocidental, cuja tradição naquele momento se mostrava hegemônica:

Assim nos andamos nós – do realismo para o sonho, e deste para aquele, na oscilação perpétua das dúvidas, sem que se possa diferenciar, na obscura zona neutral alongada à beira do desconhecido, o poeta que espiritualiza a realidade, do naturalista que tateia o mistério (CUNHA, 1966d:438).

Dessa maneira, percebe-se cada vez mais que a observação, tanto na ciência quanto na arte, atesta a impossibilidade de uma formalização humana que desconsidere qualquer uma dessas partes, ou que direcione o olhar para o isolamento de somente uma delas. Na própria vinculação orgânica da criação do universo, o todo se complementa através das várias partes que o compõem, ou seja, a própria forma da natureza sugere a forma da arte. As descobertas da química, uma ciência presente em quase todos os atributos da existência humana,

confirmam essa suposta oposição entre elementos. Nela, até mesmo o balanço das massas na reação química equilibrada como também a neutralização de um meio ácido por um básico – e vice-versa – correspondem também a um universo em que tudo, até os opostos, se complementam ou se neutralizam¹. Euclides também dialogava com esse pensamento:

O mais frio, o mais arguto, o químico mais pertinaz, ao cabo de cinquenta anos de laboratório, entre reativos e retortas, não nos explica o que ele chama força catalítica; nem nos diz por que motivo vários corpos, que permanecem sempre indiferentes uns aos outros, por mais que se misturem e sobre eles reajam todos os agentes físicos mais demorados e fixos – só se combinam, de pancada, explodindo, à passagem instantânea de um simples raio de luz... (CUNHA, 1996d:437).

Esses estudos sobre o equilíbrio dinâmico dos contrários em disputa levam-nos ao entendimento do diálogo intertextual entre Euclides e o conhecimento disponível na época de Goethe, que reconhecia a complexidade da natureza, da sociedade e da história e propunha uma mutualidade das oposições complementares. Dessa maneira, vemos em Goethe, em suas concepções, a noção de que sobre unidades polares se constituem os elementos contrários, como se houvesse a confirmação de que luz e treva, vida e morte, dia e noite, ácido e básico, inércia e aceleração, soma e subtração e frente e verso se complementam. Pelos estudos goethianos, concebemos a dualidade existencial e originária de cada elemento, de cada ser, de cada propriedade da própria vida. Essa visão grandiosa, inovadora e avançada concretizou inúmeros estudos científicos que hoje colhemos como fruto para uma imprescindível visão da vida que nos possibilita reunir, e não separar, o oculto e o visível, o bem e o mal, a vida e a morte, ratificando a relatividade das coisas.

Na já referida conferência sobre Castro Alves, intitulada “Castro Alves e seu tempo”, Euclides confronta a especialização propagada pelos estudos cartesianos, que criam na existência de uma fronteira bem definida entre o cientista e o poeta. Ele concorda que andar de forma constante entre o realismo e o sonho parece formar o pressuposto para uma existência plena. Hoje podemos comprovar, por exemplo, que o conhecimento da existência de dois polos da realidade química funcionou para a descoberta de inúmeros avanços científicos, como o fenômeno da radioatividade, que permitiu ao homem desenvolver tecnologias para uma série de aplicações contemporâneas, como os aparelhos eletrônicos, ou

¹ Cf. BROWN, Theodore L. *Química: a ciência central*. Tradução de Robson Matos. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2005. A obra didática explica de forma ampla inúmeros processos ligados à ciência química, que revelam o potencial natural dos elementos químicos para a interação, para a reação entre eles e os elos opostos que se misturam formando novos compostos numa infundável composição entre elementos antagônicos.

as medicações contra doenças incuráveis, mas também inventou as bombas nucleares, cujo intento gerou destruições em massa sem qualquer precedente na história do homem no mundo. Desse modo, as mediações entre a ciência e as artes, sustentadas por Euclides, alimentam a correspondência entre formas antagônicas, cuja irradiação nem sempre é visível, mas ainda assim totalmente verossímil.

2.1 - A ironia como prova da dualidade existencial

A noção da dialética como uma imagem de antíteses, ou alternância de dois pensamentos conflitantes, ganhou força ao longo da história da humanidade. Já vimos que, até mesmo na natureza, se pode perceber uma perfeita concatenação entre partes separadas e supostamente contraditórias de nossa espécie, como o sol e a chuva, elementos contrários que são preciosos para a agricultura e a preservação da vida, numa exemplificação acentuada das infinitudes de expectativas antagônicas criadas. Ironicamente, no outro acabamos encontrando o preenchimento das lacunas que temos, como duas faces de uma mesma moeda. Essa faceta da flexibilidade entre os contrários sugere a noção da universalidade e de uma ampla discussão cuja sensibilidade natural parece estar sempre em busca de um paralelo nas contradições que nos rodeiam.

Soren Kierkegaard, em seu livro *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*, disserta sobre a definição do conceito ao longo dos tempos e acentua a funcionalidade desse tão abundante atributo da linguagem:

A ironia está assim presente em toda parte ao mesmo tempo; ela ratifica cada traço individual, para que não haja excesso ou defeito, para fazer jus a tudo, para que se produza o verdadeiro equilíbrio na relação microcós mica da poesia que gravita em torno de si mesma. Quanto maiores contrastes há no movimento, tanto mais ironia é preciso para dirigir e dominar os espíritos que querem evadir-se insubmissos. Quanto mais ironia houver, tanto mais livre e poeticamente o poeta flutuará suspenso sobre sua obra poética. Por isso, a ironia não está presente em algum ponto particular da poesia, mas sim onipresente, de tal modo que a ironia visível na poesia é *por sua vez dominada ironicamente*. Portanto, a ironia liberta ao mesmo tempo a poesia e o poeta. Mas para que isto possa acontecer é preciso que o próprio poeta domine a ironia. Não obstante, nem sempre daí se segue, de maneira alguma, que pelo fato de o poeta ter conseguido dominar a ironia no instante da criação poética, conseqüentemente também dominaria a ironia na realidade à qual ele mesmo pertence. Costuma-se dizer, em geral, que a vida pessoal do poeta não interessa a ninguém. Isto também está totalmente correto; não obstante, na presente investigação caberia lembrar o desacordo que costuma frequentemente ocorrer neste assunto (KIERKEGAARD, 2013:329).

Em todo percurso da criação literária percebemos a frequente e não intencional inserção de elementos do pensamento poético atrelados à vivência prática daquilo que somos formados, comprovando a veracidade dos contrapontos atestados pelos conceitos da ironia. Euclides, por sua natureza científica e literária, também enfatiza a estranha composição de funcionamento das sociedades e projeta um observador incomum no narrador que se expressa ironicamente para se permitir outro olhar sobre uma pesada tragédia, como se propusesse que percebamos que, no uso da ironia, criamos a possibilidade de semelhança e encontro entre as mais assimétricas formações e constituições que nos rodeiam:

O sol poente desatava, longa, a sua sombra pelo chão e protegido por ela – braços largamente abertos, face volvida para os céus – um soldado descansava.

Descansava... havia três meses.

Morrera no assalto de 18 de julho. A coroa da Mannlicher estrondada, o cinturão e o boné jogados a uma banda, e a farda em tiras, diziam que sucumbira em luta corpo a corpo com adversário possante. Caíra, certo, derreando-se à violenta pancada que lhe sulcara a fronte, manchada de uma escara preta. E, ao enterrar-se, dias depois, os mortos, não fora percebido. (...) e deixara-o ali há três meses – braços largamente abertos, rosto voltado para os céus, para os sóis ardentes, para os luazes claros, para as estrelas fulgurantes...

E estava intacto. Murchara apenas (CUNHA, 2016:40-41).

Nessa representação suave da tragédia da morte, Euclides se vale de uma perspectiva irônica para neutralizar sentimentos e silenciar assombros terríveis de um real aterrorizante. Cunha alia a observação à reflexão, num ato contemplativo e poético ao mesmo tempo. Nesse trecho, Euclides da Cunha sugere o que Nicolau Sevcenko confirmou tempos depois, no livro *Literatura como missão* (1995), ao reconhecer que as potencialidades do homem só fluem sobre a realidade através das fissuras abertas pelas palavras. Sevcenko discute o papel da literatura na retratação do visível, compondo uma nova ordem, muito além do estado real das coisas:

O estudo da literatura conduzido no interior de uma pesquisa historiográfica, todavia, preenche-se de significados muito peculiares. Se a literatura moderna é uma fronteira extrema do discurso e o prosaísmo dos desajustados, mais do que o testemunho da sociedade, ela deve trazer em si a revelação dos seus focos mais candentes de tensão e a mágoa dos aflitos. Deve traduzir no seu âmago mais um anseio de mudança do que os mecanismos da permanência. Sendo um produto do desejo, seu compromisso maior é com a fantasia do que com a realidade. Preocupa-se com aquilo que poderia ou deveria ser a ordem das coisas, mais do que com o seu estado real (SEVCENKO, 1995:20).

Essas concepções parecem confirmar Schlegel², teórico fundamental para a ironia romântica, que alimentou os fragmentos das ideias daquilo que viria a ser a poesia moderna, em verso e em prosa. Pelas teses em que postulava a contradição e a inconclusividade, Schlegel já consentia a possibilidade de que, pela ironia romântica, os paradoxos são elementos necessários à complementação dos sentidos que uma escrita pretende ter. A separação lógica e matemática de todas as coisas perde fôlego na construção de um sujeito complexo e polivalente na formação imaginativa. O dogmatismo proposto pela metafísica é inconclusivo ao lado do criticismo proposto pelo pensamento moderno. Nesse sentido, um finito abstrato e um infinito racional se atrelam e deixam de sugerir uma oposição das polaridades existenciais. E a ironia passa a ser a mais elevada ideia que conduz seus leitores ao universo da colisão entre esferas heterogêneas e antagônicas pela própria natureza. Parece inesgotável, portanto, tentar compreender a falta de respostas de tantos e de tão inquietantes paradoxos do homem. Nesse aspecto, os irmãos Schlegel, séculos atrás, propuseram o olhar sobre a ironia como um indispensável recurso que nos permite enxergar além do texto: “Ironia é a forma do paradoxo. Paradoxo é tudo aquilo que é ao mesmo tempo bom e grande” (SCHLEGEL, 1997:28). Para esses românticos alemães, a ironia na literatura é o que nos permite enxergar, num espaço muito maior, o que a observação limita, encaminhando-nos para uma análise que mergulha no inimaginável:

Uma das duas é quase sempre inclinação dominante de todo escritor: ou não dizer muito daquilo que teria absolutamente de ser dito; ou dizer muito daquilo que não precisava ser dito de modo algum. O primeiro é o pecado original das naturezas sintéticas; o segundo, das analíticas (SCHLEGEL, 1997:24).

Na realidade, a ironia tem sido um tema estudado exaustivamente na literatura e sob perspectivas diferentes ao longo dos tempos. A contribuição e importância que teve para a profusão do conceito na literatura, com a abolição da coerência, abalando as regras da lógica e contestando o domínio do racional, formaram um vasto potencial de pesquisas. Friedrich Schlegel (1772-1829) e seu irmão August Wilhelm Schlegel (1772-1845), como precursores desse idealismo romântico irônico, mostraram o quanto a elevação de pequenos fragmentos pode contribuir para a formação irônica num texto. Essa figura de pensamento incrementa a linguagem e provoca um gesto pelo qual as obras de arte se desestabilizam do seu pretense sentido, permitindo uma relação mais aproximada entre o real e o ficcional. A obra dos

² Cf. SCHLEGEL, Friedrich. *O dialeto dos fragmentos*. São Paulo: Iluminuras, 1997. Nessa orientação de que os paradoxos constituem o cerne do processo criativo, Schlegel já confirmava a importância da interpenetração de visões opostas para a construção do entendimento literário ampliado.

Schlegel possibilitou a reinterpretação do significado dos textos e inseriu o conceito da ironia como um dos elementos centrais para a literatura romântica. Ronaldes de Melo e Souza (2009) também aponta essa designação como fundamental para a compreensão dos aspectos que nortearam a obra de Euclides da Cunha:

Ironia romântica se define como expressão dialética da síntese antitética peculiar ao consórcio da ciência da reflexão e da arte da imaginação. À nostalgia romântica do infinito ou absoluto, contrapõe-se a redução irônica ao finito ou relativo. O conceito de ironia romântica se impõe como princípio de construção da obra de arte que congrega em si mesma a linguagem do entusiasmo e a metalinguagem da reflexão crítica. A ironia sem o entusiasmo é mera forma retórica vazia, e o entusiasmo sem ironia é ingenuidade pura (Schlegel, 1957, nota 1047). (SOUZA, 2009:182).

O professor destaca ainda o fascínio de Euclides da Cunha por Fichte (cf. SOUZA, 2009:179), que fundamentou a tese inicial do consórcio da ciência e da arte, da razão e da imaginação. Ronaldes enfatiza que “através do intercâmbio dialógico da força instável da imaginação e da força estabilizadora da razão é que se produz o conhecimento” (SOUZA, 2009:181). Para ele, a dialética da poética da ironia converte a oposição antagônica em oposição complementar: “Na dialética genuinamente irônica, a tese e a antítese articulam uma unidade irreduzivelmente dual” (SOUZA, 2009:181). A partir desses conceitos, podemos reconhecer que a junção (não a superação) entre opostos forma o sentido que a ironia romântica de Schlegel pretende destacar, ou seja, a presença e a ausência de sentido tornam-se melhor expostas quando a obra reflete a si mesma ironicamente:

Schlegel se credencia como principal teórico da ironia romântica, sobretudo porque a define como princípio de construção da poesia moderna em verso ou em prosa. A ironia que se caracteriza como romântica, no sentido do romantismo de Jena, postula o primado teórico da contradição e da inconclusividade do discurso genuinamente poético. Contrapondo-se à tradição ontológica, teológica e lógica da metafísica, Schlegel argumenta a tese de que a ironia poética constitui a forma de conhecimento em que a contradição é consentida (SOUZA, 2009:180-181).

No campo dos estudos linguísticos, a motivação para o estudo da ironia se deve à maneira como esse procedimento multiplica suas faces e suas funções, configurando diversas estratégias de compreensão e representação do mundo. Nesse ínterim, a pesquisadora Beth Brait, no livro *Ironia em perspectiva polifônica* (2008), também nos apresenta inúmeras questões relacionadas à ligação da contradição e do processo dialético. A autora apresenta inúmeros aspectos que caracterizam a discussão da ironia ao longo dos tempos, passando pelas abordagens filosóficas e psicanalíticas, inscrevendo ainda questões relacionadas à pragmática, provando que a ironia é um poderoso elemento polifônico capaz de tornar-se um

autêntico estimulante literário. Brait discute ainda que a presença ou ausência do “sentido literal” e do “sentido figurado” são desenvolvidas por meio de traços irônicos produzidos pelos falantes e presentes expressivamente no discurso literário. Além disso, essa estratégia se constitui como relevante objeto de impacto social:

A ironia será considerada como estratégia de linguagem que, participando da constituição do discurso como fato histórico e social, mobiliza diferentes vozes, instaura a polifonia, ainda que essa polifonia não signifique, necessariamente, a democratização dos valores veiculados ou criados (BRAIT, 2008:16).

A autora passeia pela expansão histórica do conceito da ironia e também discute como era pensada e desenvolvida essa noção nos traços românticos alemães, cuja importância residia principalmente no seu trabalho de abolir a coerência, abalar as regras da lógica, contestar o domínio do racional com a clara intenção de promover uma ruptura das ilusões por meio da produção poética:

O principal aspecto diz respeito ao fato de a ironia romântica estar diretamente ligada a uma concepção de poesia que, por sua vez, está intimamente motivada por uma postura filosófica: o idealismo alemão. Essa postura específica nas questões que concernem às relações existentes entre o eu e o mundo, a negação do caráter “sério” ou “objetivo” do mundo exterior e, conseqüentemente, a afirmação do poder criativo do sujeito pensante, o nascimento da situação irônica como um deslocamento entre o real e o imaginário, a lúcida intencionalidade do ironista que tende a tornar-se um observador crítico, a máscara do poeta que guarda uma certa transparência, diferenciando-se radicalmente do mentiroso ou do hipócrita, são alguns dos componentes de uma postura poética em que a ruptura da ilusão constitui o eixo central das relações que se estabelecem entre o produtor, a obra e o receptor (BRAIT, 2008:31-32).

De outro modo também, a ironia, como veículo de crítica social autêntica, tem o papel de não apenas provocar um convívio inconsciente dos paradoxos, mas se alicerça como uma possibilidade construtiva sempre latente. Não sem propósito, a filosofia, ciência de forças conflitantes, tenta juntar o poético e o pragmático num processo de tentativa de construção de um sujeito pleno. Ela sempre se utiliza do recurso da existência indissociável entre oposições para considerar a contrapartida de tudo que possa escorrer para a dúvida constante. O espírito provocado pela singularidade do sentido das coisas pode até tentar esterilizar as considerações de outro parecer, mas a natureza humana é dotada inexplicavelmente de complementos, vinculações ou outras ideias quaisquer que propiciem uma figuração consistente de todos os aspectos formativos do homem. Nesse sentido é que entendemos que as profundas reflexões universais indagam em pormenores a possibilidade extensiva de o homem conhecer o mundo

sabendo que não significa muito nele. Ou de sentir-se plural, sendo, todavia, um pedinte do reconhecimento do sentido das coisas, da vida, daquilo que vai para além de si mesmo.

Essa aparente “incoerência”, inerente ao humano, fez crer que existem indivíduos exclusivos das artes e outros exclusivos das ciências numa falsa postulação que não conseguiu explicar, por exemplo, a inclinação natural dos seres pela ambiguidade de suas relações nos vários campos que o saber propicia. Talvez por isso percebamos hoje de forma tão clara o quanto do evento dialógico entre duas projeções tão distintas possa ser transformado em aplicação nas habilidades de um sujeito infinitamente plural e multifacetado. A duplicidade inata utiliza a observação para tentar dar conta de tudo que é inacabado, incompleto, e sedutoramente desconhecido. O gênio poético, ou qualquer outro ser, sempre se descobre menos sabedor daquilo que sempre achou que soubesse, como se, ao provocar uma colisão de esferas heterogêneas da própria natureza, ele fizesse surgir um homem disforme e inacabado, mas com uma abstração interior que dá notoriedade ao polêmico e revolucionário, em que pese o saber subjetivo em equivalência ao racional. Na verdade, existe uma caríssima unificação do sentido das sensações interiores com a profusão das ideias geradas pelo espírito científico.

2.2 - Abertura ao lirismo

Outra proposta dessa sugestão interpretativa criativa para os sentidos da vida e do homem no mundo enxerga a extensa abertura para o lirismo, a afetividade e a natureza (temas avessos ao realismo tecnológico autoritário), numa escala nunca antes vista em inúmeros momentos da criação artística e literária. Essa noção pensa a soma de elementos difusos numa contribuição intensa e permanente de uma forma de vida cada vez mais atrelada à subjetividade inerente de cada ser humano.

De forma geral, percebemos em alguns autores a defesa do percurso pelo mundo inanimado como forma de diminuir a contrariedade com a natureza. Friedrich Schiller, em sua *Poesia ingênua e sentimental*, mostra que a conciliação entre o abstrato e o concreto só pode ser reencontrada por meio de uma verdade externa a essa noção, como se algo além do compreensível ou visível, ou lógico ou permanente, pudesse traduzir a insatisfação pensativa do homem. O autor concebe que a relação com o lírico pressupõe maiores e mais elevados pensamentos sobre o homem e aquilo que ele pensa e sente de si mesmo e de seus contemporâneos. Para ele, existe um mundo inanimado e inexplorado que merece extrema atenção por gerar conhecimento através das contrariedades com a natureza:

Não é nossa maior conformidade, mas, muito ao contrário, é a contrariedade com a natureza de nossas relações, estados e costumes que nos impele a alcançar no mundo físico, uma vez que não pode ser esperada no moral, uma satisfação para o crescente impulso de verdade e simplicidade, que, como a predisposição moral de onde emana reside incorruptível e indelevelmente no coração de todos os homens. Por isso, o sentimento com que nos apegamos à natureza é tão aparentado àquele com que lastimamos a época passada da infância e da inocência infantil. Nossa infância é a única natureza intacta que ainda encontramos na humanidade cultivada; não espanta, por isso, que todo vestígio da natureza fora de nós leve-nos de volta a nossa infância (SCHILLER, 1991:56).

Nesse aspecto, parece imprescindível resgatar a afetividade das relações num mundo “moderno”, apressado e inquieto e que se choca com a necessidade de carinho, de afeto, de amor de cada um. Essas demandas inexplicáveis colaboram para o confronto com a natureza, na forma plena daquilo que, de fato, precisamos para sobreviver. A relação com a natureza leva a um tempo de completude, pressupondo uma reflexão diferenciada do tempo urbano caótico, engarrafado, poluído, injusto, numa clara evidência de esgotamento do modelo que escolhemos como habitantes da terra. Essa latente ansiedade decorre da incompletude do ser tão insatisfeito com um modelo em que os conceitos de etnocídio em larga escala, dissolvendo identidades igualitárias e singularidades identitárias, constroem o sufocamento das individualidades, com o objetivo de expandir o mercado globalizado.

Assim, a constante necessidade de parceria entre ciência e arte desconfigura a formatação fria e incômoda de um pensamento ocidental de razão sobrepondo-se à arte. Num mundo conduzido pela visão racional que concebe uma causa e uma consequência sempre com limitações para a constância e literariedade das contemplações e dos efeitos que a arte e a literatura produzem na imaginação humana, o impedimento à autorreflexão e ao promissor intercâmbio dialógico entre razão e imaginação fratura a estrutura formativa dos sujeitos. Nesse aspecto, a ironia propõe uma análise de vertentes opostas, mas que se correspondem intimamente. Na pretensão de desenvolver um homem integral nas suas concepções, a ciência não consegue dar conta de responder anseios tão fortalecidos na consciência humana.

O poeta Octávio Paz, em seu livro *A outra voz* (1993), escrito para destacar a importância da reflexão poética, propõe a audição de outra voz, em que pese a assimilação poética de cada um. Para o autor, a revolução estética iniciada pelo Romantismo incrementou uma série de mudanças importantes sobre o pensamento e as emoções, e a ironia presente nos romances contribuiu para um humor que se transforma em melancolia, pois esse riso acrescenta um deboche ao seu real, como em Euclides, que exalta o inimigo e vê honra no

vencido. Paz propõe um rompimento entre as correspondências latentes, transformando a ironia num grande acidente criativo:

Ao mesmo tempo em que a visão da correspondência universal aparece, gêmea adversária, a ironia. É o furo no tecido das analogias, a exceção que interrompe as correspondências. Se a analogia pode ser concebida como um leque que, ao se abrir, mostra as semelhanças entre isto e aquilo, o macrocosmo e o microcosmo, os astros, os homens e os vermes, a ironia arrebenta o leque. A ironia é a dissonância que rompe o concerto das correspondências e o transforma em galimatias. A ironia tem vários nomes: é a exceção, o irregular, o bizarro, como dizia Baudelaire, e, numa palavra, o grande acidente, a morte (PAZ, 1993:38).

Dessa forma, podemos interpretar, segundo o discurso de Paz, que a tradição moderna é a da quebra dos paradigmas e conceitos que insistiam em se perpetuar. Uma tradição que, ao negar-se a si própria, se consolida para nova fase de convergência e nova ruptura, num ciclo inesgotável. Semelhantemente, na composição narrativa proposta por Euclides da Cunha em *Os sertões*, há a constante concepção de uma entidade literária que alinha entes considerados por alguns como radicalmente paradoxais – ciência e arte –, colocando a conflituosa relação entre o objetivismo científico e o subjetivismo literário como instâncias do mundo inseparáveis, os quais se interdependem e se complementam a cada novo momento:

Nesta altura todas as perspectivas particulares se fundem. O homem não é – isoladamente – artista, poeta, sábio ou filósofo. Deve ser de algum modo tudo isto a um tempo, porque a natureza é íntegra.” A frase é de um naturalista. Mas vê-se que ela reproduz, hoje, transcorrido um século de atividade intelectual, quase literalmente, o idealismo filosófico de Fichte. É compreensível. E dela se deduz que nessa aproximação crescente entre a realidade tangível e a fantasia criadora, o poeta, continuamente mais próximo do pensador, vai cada vez mais refletindo no ritmo dos seus versos a vibração da vida universal, cada vez mais fortalecido por um largo sentimento da natureza (CUNHA, 1966d:441).

Essa fratura naquilo que tanto perturba o homem parece retratar o que Adorno (2003) dizia na “Palestra sobre lírica e sociedade”: “o poema reverbera o desassossego do próprio sujeito” (p.71). A crise de inquietação dos sujeitos transfere para a criação poética inúmeras observações da delicada e frágil engrenagem da funcionalidade literária. Segundo suas observações, a lírica é um elemento de busca pela interiorização do sujeito, levando-o cada vez mais a um processo de nulidade da própria existência. Ele constata que, para encontrar os recursos que permitam compreender a essência do ser, sempre se precisará passar pela extração do individual, dentro de um ambiente universal incontido. Para ele, para chegar à escuta do que a humanidade quer dizer, primeiro passaremos pela escuta da nossa própria

solidão, e a lírica, nesse caráter do imediato, do imaterializado, empurra o sujeito para uma realidade cada vez mais paradoxal.

Nesse aspecto, a ironia cria a funcionalidade do paradoxo e sua vivência contraditória, contribui para o crescimento exponencial de um homem mais livre e capaz de capturar as contrariedades que se afinam à sua existência (sejam elas de caráter filosófico ou filológico, crítico ou poético, histórico ou retórico, antigo ou moderno). Conciliar tantos paradoxos gera uma lógica inconsciente, em que perfis duais de um mesmo fenômeno, ou de um mesmo indivíduo, recriam inúmeras possibilidades para o homem. Nesse sentido, observa-se em *Os sertões* a figura distinta do observador itinerante e do observador imóvel, como descrito por Ronaldo de Melo e Souza (2009), que destaca a existência de seis máscaras do narrador na obra:

A mascarada do narrador multiperspectivado desautoriza os estudos norteados por um único ponto de vista literário ou científico. No multiperspectivismo narrativo do sertão e da selva, o ponto de vista do narrador varia constantemente. A inobservância da mutação das perspectivas narrativas euclidianas compromete o sentido e o alcance exegético da bibliografia crítica (SOUZA, 2009:9).

Seja como observador itinerante, ou pintor da natureza, ou encenador teatral, ou investigador dialético, ou refletor dramático ou ainda como historiador irônico, os narradores incomuns de Euclides têm visão diferente sobre o mesmo elemento observado, e essas visões também se alternam com o tempo. Essa originalidade do estilo narrativo euclidiano se assenta sobre “o intercâmbio dialógico da consciência da razão exercida pelo narrador e da experiência da imaginação dramatizada nos refletores ou máscaras narrativas” (SOUZA, 2009:11). Como numa abstração completa do próprio corpo, o homem recria uma percepção aguçada para aspectos explicitados de uma mesma maneira e instiga outras reflexões sobre si, sobre o outro, sobre os cenários e os ambientes como um todo.

Euclides parece propor um equilíbrio dinâmico dos contrários em disputa, como o essencial da teoria quântica que assegura que o observador participa do fenômeno investigado, ocasionando a manifestação de suas propriedades, e as posições antagônicas convergem para uma realidade que não se sustenta de forma estática. Nesse sentido, Luciana de Oliveira Manguiera, em artigo intitulado “Os narradores de *Os sertões*: sobre como um precisa ser muitos para ser único”, que integra o livro *Euclides: mestre-escola* (2015), defende o postulado de Ronaldo de Melo e Souza e considera que a narração multiperspectivada garante ao texto a visão da incompletude de uma obra que transcende o tempo histórico.

Afirma ainda que o consórcio entre ciência e arte representa um projeto clássico de modernidade do texto literário, já contingenciado desde Platão, com o mito da caverna:

A união entre a ciência e a arte é o resultado de trabalho de ruptura com uma tradição iniciada por Platão, que pregava o divórcio entre esses dois campos, entre a observação e a imaginação. A teoria platônica da matematização do conhecimento, bem representada pelo mito da caverna, previa a separação entre o mundo sensível e o inteligível. Para ele, a ciência deve ser certa, sem imagem para enganos e, por isso, o objeto dela não deve ser o mundo em que vivemos (o sensível), visto que nele tudo é fugaz. Em contrapartida, o plano das ideias (o mundo inteligível) é o plano ideal para a ciência, visto que é imutável (MANGUEIRA, 2015:224).

Dessa forma, ciência e arte podem trabalhar de forma complementar, gerando o sonho e a razão, em contraste com a racionalidade científica. Essa complementação, segundo Euclides, nasce de um ser humano cada vez mais dotado de múltiplas facetas ou perspectivas, tanto nas áreas da ciência como na literatura, e nas artes como um todo, oscilando seu discurso sempre do ideal objetivo para as possibilidades do subjetivo abundante. Nesse aspecto, Cunha também reforça, no texto “Antes dos versos”, que o racionalismo alemão sofreu a mescla de um idealismo abundante nos românticos e pensadores de tempo pouco anterior ao seu:

Desponta toda ela de uma expressão dúbia, cheia de mistérios, que se chamou “idealismo transcendente”, e era a elaboração imaginosa e estranha de uma filosofia natural sem a natureza, a harmonia do consciente e do inconsciente, o desatar-se indefinido dos espíritos ante a emoção vaga e maravilhosa do Infinito... (CUNHA, 1966d:436).

De modo comparativo, a incompletude imaginária leva-nos a buscar as outras metades de quem realmente somos naquilo que se constitui como uma fratura que condiciona o narrador ao ponto de sempre representar-se num corpo que se abre para um mundo circundante. Em *A vida do espírito: o pensar, o querer e o julgar*, livro póstumo, preparado para publicação em dois volumes, nos anos 70, por sua amiga e inventariante literária Mary McCarthy, a filósofa Hannah Arendt usa como exemplo de luta entre dois interesses, duas vontades extremadas e contradizentes, o fato de o próprio apóstolo Paulo, nos escritos bíblicos, na epístola aos romanos, ter afirmado a clássica frase cristã: “Não faço o bem que quero, mas o mal que não quero, esse faço” (Romanos 7:19), comprovando a admissão de forças contrárias lutando em seu interior e que provocavam uma intensa batalha dentro de si mesmo. Sua alma, na condição espiritual, sugere o aprisionamento de um sujeito dentro de sua própria contrariedade interna. Suas palavras comprovam o que os estudiosos da ironia concluíram: os sujeitos são dotados de uma polimorfia, em que o sujeito está inquieto com

suas próprias vontades e desejos – que tanto condena –, como soldados que, mesmo condenando a guerra, se viam conturbados diante das ordens fatalistas de acabar com qualquer insubordinação, numa posição extremada de batalha interior. Nesse sentido, Arendt discute que:

(...) a questão é que todo “eu-quero” surge de uma inclinação natural para a liberdade, isto é, de uma reação natural dos homens livres quando subjugados. A vontade sempre se dirige a si mesma; quando a lei diz: “tu deves”, a vontade responde “tu dever querer o que diz a ordem” – e não a executar inadvertidamente. É então que tem início a disputa interna, pois a contravontade, despertada, tem semelhante poder de ordem. Logo, a razão pela qual “os que observam a lei estão sob o peso da maldição” (Gálatas 3:10) não é somente o “eu-quero-e-não-posso”, mas é também o fato de que o “quero” é inevitavelmente rebatido por um “não-quero”, de modo que até mesmo quando a lei é obedecida e cumprida, ainda reste uma resistência interna (ARENDR, 2017:332).

A fundamentação do pensamento de Hannah Arendt parece ganhar respaldo naquilo que discutimos aqui sobre a feroz dualidade existente no interior humano e que não concebe um parecer único e fechado sobre quaisquer interrogações existenciais. Na realidade, a proposta da escritora vai muito além de concepções espiritualistas que se percebem nos relatos bíblicos. Seu entendimento iguala-se à obra de Euclides da Cunha, que confirma um complexo e paradoxal interesse por escrever poesia, por exemplo, como decorrência do seu profundo e permanente impasse entre ciência e arte. Todas as ramificações dessa dualidade produziram escritos poéticos de traços geometricamente precisos e bem calculados, consignando seu talento calculista ao pensamento sublimado da vida e da existência de tão grandes desvalidos sociais, que inquietaram robustamente seus conceitos preestabelecidos de um homem não só de números, mas de letras também.

A poesia euclidiana apresentava uma forma estética que, segundo o professor Antonio Carlos Secchin, no artigo “Euclides da Cunha: três faces da poesia” (publicado em *Euclides da Cunha: presente e plural*), beirava uma suavidade muito significativa e com uma profundidade bem peculiar de quem escreve pelo apego à letra: “A convivência da ciência e da poesia era algo que ocupava muito de suas indagações: de que maneira a arte e a ciência poderiam (ou não) dialogar?” (SECCHIN, 2010:70). O professor postula que Augusto de Campos já apontara um trabalho sutil de assonâncias e aliterações na poesia euclidiana e que, mesmo não tendo intenção de criar poema de alta precisão, o arsenal formal de poesia que utilizou caracterizava uma composição poética em forma de prosa. Destaca Secchin ainda que Euclides fora aquele que tentara unir coisas normalmente separadas e diversas, de tal maneira que, pela força poética, consegue criar novas substâncias:

Comenta, numa bela passagem do ensaio, que na química existem substâncias e corpos que não se misturam, mas só valem se por eles passa um raio de luz. Essa é, pelas camadas humanas, a irradiação miraculosa da alma dos poetas, seres que conseguem fazer jorrar essa rastilho de luz para unir coisas normalmente separadas e diversas: substâncias e corpos que se unem pela força da poesia (SECCHIN, 2010:71).

Secchin constata que os processos do pensamento permeiam muito intimamente a existência humana e têm a finalidade da arte e da atividade do pensar como um ato de leitura que gera reciprocidade contínua entre o texto e o leitor. Dessa forma, conceber os conceitos e definições pré-configurados pelo positivismo conflitam diretamente com o dinamismo propulsionado pelo debate e a controvérsia presentes na visão subjetiva das indagações e da visão de um sertão esquecido e profundamente discriminado pelo Brasil do litoral, como exemplifica Euclides em seu texto:

Ora, estas largas divisões apenas esboçadas mostram já uma diferença essencial entre o Sul e o Norte, absolutamente distintos pelo regime meteorológico, pela disposição da terra e pela transição variável entre o sertão e a costa (CUNHA, 2016:80).

Essas construções se refletem como bens intercambiáveis que exibem o sentido da vida e da condição humana e que transitam por uma conexão abundante entre arte e ciência.

2.3 Tocar o realismo invisível

O exposto nos leva a pensar ainda sobre outros pontos da escritura literária universal, que sempre apresentaram novas possibilidades para o olhar humano. Acreditar na limitada visão do óbvio, do visível, nunca satisfaz plenamente a completude dos pensamentos humanos. Na visão religiosa, por exemplo, presente nos versos bíblicos, sempre se firmou o pensamento que cria no invisível, no sobrenatural. Tal condição “real” de crer e vislumbrar cenários em que os olhos e ouvidos humanos nunca tiveram acesso possibilitou o surgimento de variadas crenças, numa expansão até hoje ascendente. Na fixação para entender a complexa forma do inexplicável, os movimentos literários, como o realismo ficcional, também se concentraram em olhares mais fundamentados no abstrato do real como uma pretensa ideia de tornar o invisível tocável já que ter os pés no chão, sabendo controlar seus sentimentos e tendo um olhar firme do concreto à sua volta, nunca atendeu integralmente às insatisfações humanas. O Naturalismo, outro evento literário significativo, também tentou apresentar-se como um modelo que ia de encontro ao conceito mais apurado da arte narrativa, propondo uma hipertrofia estética dos princípios realistas. Para esse estilo, muito mais do que

apresentar a vida como ela é, o leitor devia ser levado a se tornar um observador privilegiado da realidade, como fazia Aluísio de Azevedo, em *O cortiço*, por exemplo, que trabalhava desenhando os seus personagens, para não esquecer os principais traços descritivos. O predomínio dos instintos no comportamento do indivíduo, a força da sensualidade da mulher mestiça, o meio como fator determinante do comportamento são algumas das teses naturalistas defendidas pelo autor ao lado de fortes denúncias sociais.

Essa interpretação teve origem na mimesis oriunda de Platão, em *A República*, e normatizada por Aristóteles, em sua *Poética*, que pensava a criação artística como mera cópia do real, com perda dos nuances do simulado, já que sempre se partia de um objeto já existente. Por essa ideia, a simulação seria inata e aprenderíamos frequentemente pelo princípio dela, numa noção de que Deus cria e o homem recria uma cópia imprecisa, por exemplo. Mas surge a grande questão: se a função da arte fosse apenas imitar em série, qual seria seu verdadeiro papel? Os instrumentos que usamos só servem para representar o nosso real? E o que seria de fato a realidade, a verdade, a verossimilhança já que até as coisas mais elementares da vida comportam um cem número de ambiguidades? Essa luta entre essas duas forças, cópia e objeto copiado, confunde a obra de arte e suscita a dúvida de que tudo não passaria de uma cópia da realidade. No fundo, parece que estamos falando de limites bem mais amplos e que colocam em dúvida até mesmo a admissão da existência de uma realidade verdadeira ou não tão verdadeira como Cervantes em *Dom Quixote*, que nos apresentava um mundo cheio de loucuras e que invalidava a razão. Ou Machado de Assis que, de igual modo, incentivava essa discussão quando, em *O alienista*, afirmava, através do personagem Simão Bacamarte, que, se a loucura fosse uma anormalidade, o principal louco seria ele. A questão ainda não se esgota quando constatamos que inúmeras vezes a verdade pode não ser verossímil. Com efeito, há uma completa limitação humana para a representação do real, tanto pelo próprio conceito imposto, quanto pelas formas com que ele se representa no mundo. O mundo real é caótico, sem relações com a causalidade explícita, e a junção do caos e do cosmos a todo tempo forma uma nova ordem.

Para o pensador Heráclito (c.544-484 a.C.), que procurou compreender a multiplicidade do real, as contradições não podiam ser rejeitadas e era preciso aprender a realidade na sua mudança, no seu devir. Para o pensador, todas as coisas mudam sem cessar e o que temos diante de nós em dado momento é diferente do que foi há pouco e do que será depois. A visão do estudioso concebia um ser múltiplo, não apenas no sentido de que há uma multiplicidade de coisas, mas por estar constituído de oposições internas. O que poderia manter o fluxo do movimento não era simplesmente o aparecimento de novos seres, mas a

luta dos contrários, pois é da guerra, é da luta que nasce a harmonia, como síntese dos contrários. Euclides parece concordar com parecer tão antigo ao defender a proposição de que engenheiro também pode ser poeta e vice-versa. No texto: “Antes dos versos”, que integra o livro *Outros contrastes e confrontos*, quando reforça que a tentativa de uma unidade própria das nossas mais abstratas construções é enganadora, Euclides da Cunha discute que a matemática, a geometria e a mecânica formulam teorias e teses que tentam explicar inúmeros fenômenos, mas não deixam de contradizer com essas mesmas formulações muito do que se vê e/ou se sente.

No fundo, a complicada existência de um estilo narrativo que mistura vida cotidiana aos elementos de uma imaginação fantástica recria possibilidades que apontam reflexões sobre as grandes questões que abalaram os séculos e ainda confrontam nossa desprotegida intimidade individual. Nesse sentido, parece concebível repararmos que a dura realidade cotidiana impede a construção de um ambiente em que o sujeito admita outras formas de arte. O ato de gerar indagações de várias naturezas e que perpassam propostas de reflexão e incursões nessa intimidade dos sujeitos sugere o sentido da proposta irônica que constitui um estilo diferenciado de representação mental.

De modo similar, percebemos, a partir dos estudos de Sevcenko (1995), que a estrutura do texto euclidiano penetra três faces muito intrincadas: a linguagem, a visão de mundo e a perspectiva social. Dessa maneira, podemos perceber que Euclides, apesar de retratar um realismo que utilizava o cotidiano e o concreto como argumentos, sua vocação pretendia explicitar outras especulações filosóficas e científicas, cuja potencialidade se servia sempre do literário:

(...) Não lhe é igualmente estranho o gosto pela frase trabalhada, a forma lustrada e cintilante, constituída da ressonância de vocábulos fortes, que caracterizava o gosto parnasiano. Sem ligar-se em particular a nenhuma dessas correntes, Euclides entreteceu-as todas, imprimindo-lhes a unidade de uma trama tensa a serviço das suas convicções filosóficas e científicas.

(...)

Euclides da Cunha procedia a uma rigorosa seleção dentre os fatos reais, só elegendo para compor os seus textos aqueles que condensassem em si uma grande potencialidade como fenômenos sociais ou naturais (SEVCENKO, 1995:134).

Além disso, o falso apelo popular pelo princípio da causalidade, em que os fatos narrados, ainda que ficcionais, encontravam uma explicação racional, não respondia a algumas questões abertas: por exemplo, alguma possibilidade humana composta de algum infortúnio ou uma experiência científica, ou racional, mal sucedida. Esses conceitos não dão conta de formar dados explicativos saudáveis que, mais do que esclarecer, pudessem

continuar sugerindo todo tipo de indagações ainda fortemente intrigantes. Portanto, para aceitar a causalidade, o leitor precisa aderir à realidade dos personagens para que a sustentação da narrativa se consolide. No caso da literatura considerada irrealista, o insólito se consolida, construindo uma justificativa praticamente inverossímil entre o leitor e o narrador, mesmo se apoiando necessariamente no mundo real, parecendo estar ligado a alguém ou alguma coisa. Ou ainda que sonhos ou lembranças de um sujeito profundamente imaginativo, a temática do inverossímil não pode ser concebida somente pela realidade empírica, fato que empobreceria grandemente sua compreensão e desenvolvimento. Na verdade, o medo do desconhecido sempre gerou inúmeros mergulhos nas abstrações criativas do homem. O patamar criativo mais impressionante parece ser aquele que se permite ultrapassar os limites da naturalidade, aquele que busca inovações intensas, aquele que não aceita os “limites” da vida. A concepção realista permite um novo olhar sobre a intrincada individualidade dos sujeitos e patenteia a exata noção do toque no realismo invisível. Nesse aspecto, Euclides corrobora para a compreensão dos olhares subjetivos no mundo real quando relata, em tons cinematográficos, a ironia da vida trágica de Antônio Conselheiro:

Ali ficou longas horas, até lobrigar, de fato, noite velha, um vulto aproximando-se de sua vivenda. Viu-o chegar-se cautelosamente e galgar uma das janelas. E não lhe deu tempo para entrar. Abateu-o com um tiro.

Penetrou, em seguida, de um salto, no lar e fulminou com outra descarga a esposa infiel, adormecida.

Voltou, depois, para reconhecer o homem que matara... E viu com horror que era sua própria mãe, que se disfarçara daquele modo para a consecução do plano diabólico.

Fugira, então, na mesma hora, apavorado, doudo, abandonando tudo, ao acaso, pelos sertões em fora...

A imaginação popular, como se vê, começava a romancear-lhe a vida, com um traço vigoroso de originalidade trágica (CUNHA, 2016:164).

De modo semelhante, em vários momentos em que Euclides relata minuciosamente os flagelos das batalhas, a expressão da “real” crueldade do martírio é potencialmente expressa:

Os jagunços à porta assaltavam-no. E invertiam-se os papéis, revivendo o conflito, até baquear no chão – cosido a faca e moído a pauladas, pisado pela alpercata dura, o lutador imprudente (CUNHA, 2016:320).

Em outras cenas das lutas, há uma abundância de reflexões concebidas sob a vertente do inverossímil, ampliando o imaginário de uma batalha singularmente midiática:

Lá dentro, encouchado num recanto escuso, o morador repellido descarregava-lhes em cima o último tiro e fugia. Ou então esperava-os a pé firme, defendendo tenazmente o lar paupérrimo. E revidava terrivelmente – sozinho – em porfia com a matula vitoriosa, com a qual se afoitava, apelando para todas as armas: repelindo-a a faca e a tiro; vibrando-lhe foçadas; aferroando-a com a aguilhada; arremessando-lhe em cima os trastes miseráveis; arrojando-se, afinal, ele próprio, inerme, desesperadamente,

resfolegando, procurando estrangular o primeiro que lhe caísse entre os braços vigorosos. Em torno mulheres desatinadas disparavam em choros, e rolavam pelos cantos; até baquear no chão, cosido a baioneta ou esmoído a coronhadas, pisoado sob o rompão dos coturnos, o lutador temerário. Reproduziam-se tais cenas (CUNHA, 2016:320).

Diante destas constatações, podemos aliar o pensamento de Euclides, na busca por um ideal subjetivo de completude, a uma preocupação em relatar o “real” de forma densa e complexa, capturando não somente imagens cruas ou insípidas, mas a potencialidade dos sentidos interiores dessas batalhas.

2.4 - Os paradoxos recriam o “real”

Não se pode esquecer ainda que, desde Sócrates³, a ironia ganhou ares de uma possibilidade discursiva abrangente. O recurso da simulação de ignorância, proposto pelo filósofo, em que se levantavam questionamentos supondo uma aceitação das respostas do interlocutor, ou oponente, até que se chegasse a uma contradição que gerava possíveis erros do raciocínio, fomentou inúmeros desdobramentos linguísticos. Dizer o contrário daquilo que se pensa, deixando entender uma distância intencional entre aquilo que dizemos e aquilo que realmente pensamos, possibilita não somente zombar de alguém ou de alguma situação qualquer, com o intuito de obter uma reação do receptor, seja ele um leitor, um ouvinte ou um interlocutor, mas também adquire um caráter denunciativo, com repercussões tanto na crítica como na censura.

O aguçado interesse de Euclides em mostrar a realidade a partir dos seus aspectos descontraídos e conflitantes, propondo um constante diálogo com o contraponto e o paradoxal, foi observado também pelo pesquisador Nicolau Sevcenko, já referido anteriormente. Em sua obra supracitada, ele explica o que considera o caráter preponderante da literatura euclidiana:

Síntese entre literatura e ciência, combinação de estéticas, cruzamento de gêneros, oposições de estilos; sua obra parece ressarir tensões por inteiro. Ela é composta estruturalmente de camadas heterogêneas díspares e mesmo incompatíveis, armadas numa clivagem cujo tênue equilíbrio repousa sobre a solidez das certezas transcendentais do autor. Pode-se mesmo entrever nessa característica um indício oportuno para explicar a fixação do escritor em focar a realidade a partir dos seus aspectos descontraídos e conflitantes. É uma constante em sua obra a ênfase sempre recorrente sobre os contrastes, as antíteses, os choques, os confrontos, os desafios, os cotejos, as oposições, os antagonismos. (...) A mecânica de extremos conflitantes não

³ Em *O conceito de ironia – constantemente referido a Sócrates*, Soren Kierkegaard dialoga com o filósofo, mostrando que a simulação discursiva ampliou sua noção de intensa literariedade. Nos conceitos defendidos por Sócrates, o homem enxerga para além do visível, fato nunca antes observado pela expansão retórica.

cessa ao longo de suas páginas, e mais que um caráter de sua linguagem, expõe um eixo de sua produção cultural. Essa mesma sensibilidade aguçada para os embates de toda espécie ressurgiria no âmago do seu ideário mais complexo, iluminando a sua visão de mundo e revelando uma perfeita homologia entre a linguagem e a substância intelectual dos seus textos (SEVCENKO, 1995:135-136).

De forma adicional, percebemos ainda que a abrangência da interação entre o ficcional e o real ganha novas características também na obra de Wolfgang Iser (2002), que destaca o ato de criar ponderando que a noção de ficção é pensada como forma encontrada pelo homem para tentar se conhecer e construir melhor, e de maneira diferente, o seu entorno:

A ficção é também uma configuração do imaginário na medida em que, em geral, ela sempre se revela como tal. Ela provém do ato de ultrapasse das fronteiras existentes entre o imaginário e o real. Por sua boa forma, ela adquire predicado de realidade, enquanto, pela elucidação do seu caráter de ficção, guarda os predicados do imaginário. Nela, o real e o imaginário se entrelaçam de tal modo que se estabelecem as condições para a imprescindibilidade constante da interpretação (ISER, 2002:948).

Nesse sentido, as noções de experimentação e busca do aleatório, observadas por Iser, configuram um caráter infalível de novidade ao texto ficcional. Conservado como a concepção mais forte da dinâmica da criação, cujos processos incluem o arremesso e a recorrência como funções disponíveis pela literatura, o aleatório dimensiona no texto a aceleração e a desaceleração dos acessos criativos, como se espichassem e, imediatamente, contraíssem os pensamentos, levando o homem a uma crescente profusão de composições temáticas. Nesse cenário, a teoria ficcional, que tem buscado alcançar maior proximidade com o leitor comum através do alto investimento na linguagem, num esforço de abstração e subjetividade que elevam o caráter máximo do conhecimento, provoca uma configuração de intencionalidades que encenam uma espécie de arremedo, criando algum consolo ao “real” inconsciente. O leitor passa a ter caráter autônomo e ativo e pode recriar a obra ficcional permanentemente a partir de suas leituras de vida e de mundo.

Contestando a afirmativa de que a ficção acaba sempre partindo da verossimilhança para produzir o seu real, os recursos imaginativos da língua em movimento possibilitam um mergulho ainda mais vasto no universo interior de cada ser. Com isso, os ficcionistas deram nova significação ao processo artístico, além de contribuírem para uma nova visão dos sentidos e significados que a palavra pode adquirir por meio dos repletos e infundáveis meios alcançados pela obra literária. Por isso, a literatura, ao longo dos séculos, tem sido um instrumento de negação da lógica e da razão pura, comprovando que a imaginação do imaginário é uma força de fusão que empurra o homem para além de si mesmo:

Como o texto ficcional contém elementos do real, sem que se esgote na descrição deste real, então o seu componente fictício não tem o caráter de uma finalidade em si mesma, mas é, enquanto fingida, a preparação de um imaginário (ISER, 2002:957).

Na singularidade dessa estética, a ousadia do pensamento particular criou marcas inconfundíveis para o fluxo de ideias, possibilitando novos olhares, criando o que Wolfgang Iser (2013) chamou de fossos em que o leitor reinterpreta o que está posto, acrescentando novos sentidos e gerando um percurso criativo que responde às críticas tradicionais. Um leitor que, conforme pressupõe o pesquisador, tem flexibilidade e liberdade para transformar o que recebe escrito e ainda ultrapassar as fronteiras do previsível. Se a ficção existe paralela à direção apontada pelos desejos humanos, o potencial de realização para um receptor com foco recriador, além de possível, pressupõe infinitas e intrigantes realizações.

Nesse empreendimento de mergulhar dentro da profundidade do sentido das palavras, Euclides da Cunha inspira reflexão elaborada do interior humano e age como se insistisse sempre na incompletude do eu e nas antíteses que atestam as contrariedades da existência:

Aquela palavra para ser artística, para ser a expressão vibrante de uma realidade dolorosa, para ser sincera, e, portanto, simpática, senhoreando os corações e irmanando-os solidários e unidos diante do destino e da vida, devia ser o que foi, nas suas cruzeiras, nos seus lances ensofregados, nos seus atrevimentos, nas suas rebeldias, nas suas obscuridades cindidas de repentinos resplendores, no fragor de suas sílabas agitadas a zinjarem, a estourarem, a crepitarem e a retinjarem como ressonâncias de batalhas, no vulcanismo de suas imagens rútilas e adustivas, nos estiramentos de suas hipóboles, nas transfigurações de suas metáforas, no bíblico formidável de suas apóstrofes, no simbolismo maravilhoso de suas alegorias, ao entrechocar-se de suas antíteses sucessivas – e até naquele abuso imoderado do infinito, onde se denuncia a tendência a universalizar-se do poeta...(CUNHA, 1966c:209).

Euclides reconta ainda as noções da ironia romântica ao propor uma clara ligação entre pressupostos opostos, como a ciência e a arte; não dizendo necessariamente apenas sobre a terra, o homem e sua luta nesse desigual universo de profusões e de pensamentos inconclusos. Ele trata o sertanejo e seu sertão com grande originalidade poética, descrevendo a vida naquelas terras com tão intensa subjetividade que o não visível parece existir no conceito mais concreto da existencialidade. Nesse sertão inquieto e sensível, a existência humana constantemente se desnuda incorporando novos olhares sobre a sua realidade e daqueles que o rodeiam:

É uma passagem impressionadora.
As condições estruturais da terra lá se vincularam à violência máxima dos agentes exteriores para o desenho de relevos estupendos. O regime torrencial dos climas excessivos, sobrevindo, de súbito, depois das insolações

demoradas, e embatendo naqueles pendores, expôs há muito, arrebatando-lhes para longe todos os elementos degradados, as séries mais antigas daqueles últimos rebentos das montanhas: todas as variedades cristalinas, e os quartzitos ásperos, e as filades e calcários, revezando-se ou entrelaçando-se, repontando duramente a cada passo, malcobertos por uma flora tolhiça – dispondo-se em cenários em que ressalta, predominantemente, o aspecto atormentado das passagens (CUNHA, 2016:28).

Dessa forma, percebemos que, para Euclides, arte e ciência são componentes indissociáveis da vida dos sujeitos. Na mesma proporção em que a ciência promove o bem-estar e a realização ampla dos requisitos da vida contemporânea, a arte borbulha no interior do homem, clareando concepções antes esquecidas, e quase apagadas, do profundo universo subjetivo de cada ser. Contrariando uma formação intelectual que o tornou preparado para outras discussões – de cunho filosófico, científico e até político –, Euclides inquietou-se com sertanejos mergulhados na desigualdade e sua fixação pela busca de sentimentos abafados o fizeram levantar discussões que incomodaram grande número de pessoas.

3. Os contrastes da terra sertaneja

Os fatos não visíveis que ligam o homem sertanejo à sua terra intensificam o foco da defesa de Euclides da Cunha que, por meio de ironias que sugerem um necessário consórcio entre a terra e o homem e denuncia fatos insensíveis àqueles que desconhecem os sertões e o fatídico episódio da Campanha de Canudos. A formação geológica daquela área, passando pelo clima controverso e arredio, a vegetação resignada e resistente, e ainda a constituição incomum do relevo do interior tornaram os componentes irônicos de Euclides fortalecidos diante de uma batalha travada na terra, e pela terra. Nessa região de solo áspero, com um clima “caluniado”, de duras imagens de relevos rochosos e de uma seca desértica, o homem enseja morada, constrói desejos de poder e crê que suas concretas defasagens sociais em relação ao litoral serão amenizadas por meio de um messias figurado num gnóstico que defende de forma ardente essa terra desconhecida e “evitada”:

Rompendo, porém, a região selvagem, *desertus australis*, como batizou, mal atentou para a terra recamada de uma flora extravagante, silva hórrida, no seu latim alarmado. Os que o antecederam e sucederam, palmilharam, ferroteados da canícula, as mesmas trilhas rápidas, de quem foge. De sorte que sempre evitado, aquele sertão, até hoje desconhecido ainda o será por muito tempo (CUNHA, 2016:38).

Nesse aspecto, a própria paisagem daqueles sertões parece comprovar que se trata de estranha região que deveria deixar de existir como um sertão rejeitado, mas que seria desconhecido por muito tempo ainda. A razão, que sugere a figura de uma megera cartesiana, não consegue dar conta da realidade da própria terra que, apesar de concreta, de gerar alimentos, minerais, animais, plantas, traz à existência o próprio homem e com ele se relaciona em todo o tempo. Essa visão comprova em Euclides uma poética particular, conforme afirma Ronaldes (2009) em seus estudos sobre a geopoética da obra euclidiana:

A terra como personagem privilegiada na representação literária e o consórcio da ciência e da arte como procedimento poético de composição constituem o anverso e o reverso da versão euclidiana da poética da terra (SOUZA, 2009:129).

Nada na terra sertaneja pode ser tão significativa na construção da história do homem no Brasil do que a realidade geográfica do seu sertão. O interior do Nordeste brasileiro, com construções irrigadas por formas e modos de existir tão singularmente caracterizados, contribui para uma inquietação poética sem precedentes. Nossos pitorescos relevos, jungidos aos contrastes de litoral e interior, serra e mar, planaltos e baixadas, polos aquíferos e caatingas “desérticas” interceptam uma série de relações antagônicas que os olhos não dão

conta de reconhecer. Por isso, a literatura providencia a sublimação, como o elemento que faltava, como o necessário estado reflexivo mais elaborado, com a finalidade precípua de compreensão de um universo surpreendente. Euclides da Cunha, visionário de um Brasil mais justo, apesar de tantas diversidades sociais, concebe uma estrutura de Brasil já tão desigual em seu tempo, mas potencialmente mais sedento por amplas respostas das inquietudes da alma:

É a realidade maior – vibrando numa emoção. Este chão que tumultua, e corre, e foge, e se crispa, e cai, e se alevanta, é o mesmo chão que o geólogo denomina “solo perturbado” e inspira à rasa, à modesta, à chaníssima topografia, a metáfora garbosa dos “movimentos do terreno (CUNHA, 1966d:443).

As formas abruptas da constituição formativa do relevo descrito por Euclides, com as rijas concepções rochosas e as secas paisagens das caatingas, constituíam o caráter mais duro e pesado de uma região em que borbulham sérias questões desse Brasil do século XIX. Além disso, a sorte de estratificações entrelaçadas nas características tão discordantes do sobrevivente homem sertanejo e dos sofridos animais que representavam a imagem de uma localidade, cujo bioma figurava uma vida disforme e assimétrica aos padrões litorâneos, constitui material farto para análise dos vários aspectos que permeiam a própria existência do homem. Essa “terra ignota” compreende a formação de um local que parece ter sido formado para um devir trágico sem precedentes na nossa história:

As nossas melhores cartas enfeixando informes escassos, lá tem um claro expressivo, um hiato, Terra Ignota, em que se aventura o rabisco de um rio problemático ou idealização de corda de serras (CUNHA, 2016:23).

Na narrativa de Euclides da Cunha, há indícios muito claros de que pretendia denunciar o quanto a terra, com seus atributos inigualáveis, com facetas múltiplas de renovo e recriação, gerava, paradoxalmente, uma disputa irracional pela sobrevivência, patrocinando, além disso, incontáveis ambições e disputas. Essa terra, nessas estranhas e tão diversas peculiaridades, possui riquezas incrivelmente renováveis e transformadoras, parecendo atestar o quanto a espécie humana sustenta suas contradições, pela visão telúrica de aspereza, dureza e dificuldades inumeráveis. Ao mesmo tempo, o renovo constante que se desfruta na natureza inspira um construto profícuo que ratifica que a vida, com seus assombros e renovações, recria-se a si própria constantemente. As estratégias literárias concebidas por Euclides em *Os sertões* consorciavam-se com os flagelos angustiantes daquela região, que vão desde as considerações de um solo difícil, mas frutífero, até aos aspectos que colocam a vegetação como testemunha ocular da dor e dos infortúnios dos inconformados daquele lugar. São essas

angústias tão esgarçadas da vida que, naquele inóspito e empobrecido espaço, ganham ênfase e se destacam na criação literária:

O sol poente desatava, longa, a sua sombra pelo chão e protegido por ela – braços largamente abertos, face volvida para os céus – um soldado descansava.

Descansava...havia três meses. (...) E estava intacto. Murchara apenas. Mumificara conservando os traços fisionômicos, de modo a incutir a ilusão exata de um lutador cansado, retemperando-se em tranquilo sono, à sombra daquela árvore benfazeja. Nem um verme – o mais vulgar dos trágicos analistas da matéria – lhe maculara os tecidos. Volveia ao turbilhão da vida sem decomposição repugnante, numa exaustão imperceptível. Era um aparelho revelando de modo absoluto, mas sugestivo, a *secura extrema* dos ares.

Os cavalos mortos naquele mesmo dia pareciam espécimes empalhados, de museus. O pescoço apenas mais alongado e fino, as pernas ressequidas e o arcabouço engelhado e duro.

À entrada do acampamento, em Canudos, um deles, sobre todos, se destacava impressionantemente. Fora a montada de um valente, o alferes Wanderley; e abatera-se, morto juntamente com o cavaleiro. Ao resvalar, porém, estrebuchando malferido, pela rampa íngreme, quedou, adiante, a meia encosta, entalado entre fragedos. Ficou quase em pé, com as patas dianteiras firmes num ressalto da pedra... E ali estacou feito um animal fantástico, aprumado sobre a ladeira, num quase curvetear, no último arremesso da carga paralisada, com todas as aparências de vida, sobretudo quando, ao passarem as rajadas ríspidas do nordeste, se lhe agitavam as longas crinas ondulantes... (CUNHA, 2016:40-42).

A menção de um soldado que descansava de braços largamente abertos ao sol poente pressupõe a noção de um combatente que se cansara de tanta peleja e agora repousa em tranquilidade e paz. No destaque à cena, Cunha propõe outro olhar sobre tão aterrorizantes combates: em meio a uma guerra feroz, com suas ansiedades, agonias e inseguranças, jamais se conceberia parar, refletir e repousar calmamente. E o soldado, assim descansava. Ao continuarmos a leitura, entretanto, ficamos estarrecidos diante da surpreendente constatação que “Descansava...havia três meses”. Esse retrato mumificado de um soldado nos remete a um estarrecimento do próprio autor com uma guerra que mascarara o sentido natural da vida e da contemplação da natureza. “De braços largamente abertos” nos sugere ainda que aquele corpo não degradado estava aberto à contemplação despreocupada de outra dimensão daqueles cenários: a noite, as estrelas, o sol, belezas naturais encobertas pela visão da luta. De igual modo, quando diz que vermes não macularam os tecidos daquele corpo, Euclides propõe uma interpretação de que, mesmo num cenário de guerra, nada – nem mesmo a morte – consegue impedir o sonho e a graça do olhar subjetivo sobre a realidade. Também, quando refere-se à *carga paralisada*, na menção que faz do *cavalo morto* que assemelha-se a uma *espécime empalhada*, Euclides poetiza, ironizando com os horrores da guerra, mostrando que mesmo paralisada, aquela imagem traduz uma beleza poética singular: “E o vento em rajadas ríspidas, do nordeste lhe agitavam as crinas ondulantes”. Como numa

cena congelada de um filme épico e histórico, Euclides sugere que a beleza da vida e dos seres que a compõem, não se apagam na imaginação, mesmo diante de um sertão tão amargurado.

Essa constituição formativa da terra colabora para o norteamento da visão de elementos naturais no solo, nos relevos, na vegetação, no clima e na desumana e arredia seca daquele local, que ocasionam uma série de precariedades que vão muito além da falta de chuvas em tão inóspitas regiões. Na realidade, confirma um arsenal de projeções de intrigantes questões, como a visão de uma localidade que, embora tão inclinada às pressões naturais adversas, suscita ainda inúmeros e audaciosos projetos de dominação e poder. Esses pensamentos apontam naturalmente para a ambição do homem, mas inquietam por seus contrapontos e contrastes.

Dessa maneira, essa terra não pode ser compreendida integralmente se não levarmos em conta também os componentes irônicos destacados por Euclides no solo, na vegetação, no clima, nos relevos e no homem, inseridos nesses ambientes, como se o autor espelhasse que o que pulsa na vida do planeta forma um composto significativo que sucessivamente se complementa e se interdepende, apesar das contradições. Assim, cabe-nos não somente levar em conta os aspectos estéticos visíveis, mas buscar entender como alguns desses constituintes contribuem para a noção de amplitude da interação irônica telúrica.

3.1 - O solo difícil

O primeiro aspecto irônico a considerar passa inevitavelmente pela observação dos relevos do interior. Nesse sertão de grandes contrastes, as formações dos nossos planaltos contrapõem-se radicalmente a qualquer visão uniforme que destacaria unicamente a existência de mar e morro, correspondentes esperados para nossos mapas. As inúmeras planícies altas que Euclides destaca em suas observações provam o início da literariedade pulsante em sua obra:

O planalto central do Brasil desce, nos litorais do Sul, em escarpas inteiriças, altas e abruptas. Assoberba os mares; e desata-se em chapadões nivelados pelos visos das cordilheiras marítimas, distendidas no Rio grande a Minas. Mas ao derivar para as terras setentrionais diminui gradualmente de altitude, ao mesmo tempo em que descamba para a costa oriental em andares, ou repetidos socalcos, que o despem da primitiva grandeza afastando-o consideravelmente para o interior (CUNHA, 2016:17).

Os relatos de Euclides confirmam a aridez numa terra que parece predestinada ao sofrível, ao cruel e ao destrutivo. Na explanação das formações geológicas e das caatingas nada amigas, a rudeza de um punhado de terras amargas, que acentuam o sofrimento de quem

dela depende para viver, comprova a analogia entre terra seca e difícil e um homem corajoso e firme. Sem dúvida, a despeito de uma terra de incontáveis dificuldades, o homem sertanejo nela gerado, apesar da falta de fluidez ou estímulos, ratifica a crença de que o contato com esse solo o fará mais pleno e ricamente estimulado à batalha, à luta visionária e às diversas possibilidades de autossuperação. As lacunas acentuadas nas altitudes dos relevos permitem considerar ainda, de forma análoga, as abruptas agruras da vida como projeções otimistas para uma nova planície. E em meio a tantos vazios, tantas ausências, as virtudes se assoberbam na luta por uma sobrevivência melhor. Esses vácuos nada têm a ver com a contemplação ou o marasmo. Antes, pressupõem atitudes afirmativas incisivas numa batalha pela própria vida:

Galga-se uma ondulação qualquer – e ele se desvenda ou se deixa adivinhar, ao longe, no quadro tristonho de um horizonte monótono em que se esbate, uniforme, sem um traço diversamente colorido, o pardo requemado das caatingas.

Intercorrem ainda paragens menos estéreis, e nos trechos em que se operou a decomposição in situ do granito, originando algumas manchas argilosas, as copas virentes dos ouricurizeiros circuitam – parênteses breves abertos na aridez geral – as bordas das ipueiras. Essas lagoas mortas, segundo a bela etimologia indígena, demarcam obrigatória escala do caminhante. Associando-se às cacimbas e caldeirões, em que se abre a pedra, são-lhe recurso único na viagem penosíssima. Verdadeiros oásis, têm, contudo, não raro, um aspecto lúgubre: localizados em depressões, entre colinas nuas, envoltas pelos mandacarus despídos e tristes, como espectros das árvores; (CUNHA, 2016:26,27).

As formações de solo que causam dolorosa impressão naqueles que se aventuram a dominar distintos trechos compõem um flamejante deserto com condições adversas extremas. Euclides preocupa-se em constatar que, mesmo numa área inóspita e complicada, é possível existir vida próspera. A gênese geológica daquela localidade contribuiu para incrementar a noção de oposições que se integram e produzem novos biomas, nova vida. Essas ideias de sustento e manutenção da vida abrem um precedente para o alinhamento entre as muitas tentativas de equilíbrio diante das situações tão contrárias como os próprios planaltos nas suas construções. Dura pela própria formação, a constituição do relevo do sertão colabora para uma visão de sofrimento, carências e dor. Em contrapartida, os seus imensos descampados concebem reflexões sobre o desejo de estabilidade que invade o pensamento humano. Dessa forma, é possível interpretar que, seja nas serranias ou nos enormes perímetros sem vegetação, o estabelecimento de relações de conciliação entre os contrastes da vida fortalece a noção de uma terra acentuadamente contraditória, em que o bioma principal sustenta um homem de lutas e coragem, mas ao mesmo tempo o expõe a uma realidade de segura e carências concentradas. Tão escasso território nos permite entender ainda que a insistente

pretensão humana de explorar, de conquistar ou de dominar pela luta armada, sob condições tão adversas, produz um sobrevivente forte, lutador e preparado, tanto para verões de sol intenso como o fogo, como também para invernos rigorosos e acentuados. O professor Ronaldo de Melo e Souza, estudioso dedicado da obra-prima euclidiana, apresenta que, em Euclides da Cunha, por meio de *Os sertões*, existe aquilo que ele considerou ser um pintor da natureza. Em seu livro, *A geopoética de Euclides da Cunha* (2009), Ronaldo destaca que Euclides se vale de máscaras narrativas, como a de um pintor, para representar o drama da terra:

Nos quadros da natureza convulsionada é que mais se ressalta a originalidade do pintor euclidiano. A luta da Terra ignota contra as forças que a atacam nos “verões queimados” e nos “invernos torrenciais” se representa como “o martírio da terra”, evidenciado na evocação em baixo-relevo dos “cenários em que ressalta, predominantemente, o aspecto atormentado das paisagens” (p.27). O incessante martírio da terra se acentua no “fastígio das secas”, em que a temperatura oscila entre máximas e mínimas, “num intermitir inatural de dias queimados e noites enregeladas” e no sol que a fere mortalmente; [...] e o dia, incomparável no fulgor, fulmina a natureza silenciosa, em cujo seio se abate, imóvel, na quietude de um longo espasmo, a galhada sem folhas da flora sucumbida” (pp.36-7). A formidável cena dramática da natureza fulminada pelo sol, que arremata o incessante martírio que a terra sofre nos períodos extremos e contrapostos dos verões e dos invernos que não se alternam apenas como estações, mas também como horas de um mesmo dia, desdobra-se no quadro da agonia dos vegetais: “[...] árvores sem folhas, de galhos estorcidos e secos, revoltos, entrecruzados, apontando rijamente no espaço ou estirando-se flexuosos pelo solo, lembrando um bracejar imenso, de tortura, da flora agonizante...” (p.44) (SOUZA, 2009:34).

Nesse sentido, vale destacar ainda, que, os caminhos que o narrador itinerante especificado em Euclides percorre até a chegada em Canudos confirmam uma situação amplamente caótica e sufocante daquele local. Do mesmo modo, esses trechos colaboram para uma visão visceral das inigualáveis belezas da terra, como na exemplificação da região formada pela estranha decomposição de granito em espaços menos estéreis, precisamente relatada por Euclides:

De fato, as camadas anteriores que vimos superpostas às rochas graníticas, decaem, por sua vez, sotopondo-se a outras, mais modernas, de espessos estratos de grés.

Novo horizonte geológico reponta com um traço original e interessante. Mal estudado embora, caracteriza-o notável significação orográfica porque as cordilheiras dominantes do Sul ali se extinguem, soterradas, numa inumação estupenda, pelos possantes estratos mais recentes, que as circundam. A terra, porém, permanece elevada, alongando-se em planuras amplas, ou avultando em falsas montanhas, de denudação, descendo em aclives fortes, mas tendo os dorsos alargados em plainos inscritos num horizonte de nível, apenas

apontado a leste pelos vértices dos albardões distantes, que perlongam a costa (CUNHA, 2016:20).

A ideia parece insinuar a angustiante relação inescrupulosa do homem com seus pares, ao mesmo tempo em que nos permite extrair o quanto o tempo transforma esses elementos em figurações impressionantes de um retrato criador. A nefasta batalha que se alicerça em tão estranho e desigual cenário natural alude à grandiosidade imperante na luta do homem pela vida e explica que nem tudo que está explícito, ou é fácil ou totalmente revelado, traduz literalmente o que é e prova mais uma vez a grande ironia da existência. De forma comparativa ainda, compreender tão horripilante batalha e seus desdobramentos nefastos pelo olhar poético nos leva a conclusões apavorantes porque tocam numa ferida aberta desde a colonização e que nunca foi cicatrizada. A visão inscreve ironicamente essa terra numa realidade desigual em que se expõem os infortúnios do homem contra a própria espécie:

O narrador que se acopla estruturalmente ao pintor euclidiano da natureza procura sempre representar o efeito trágico da guerra de Canudos, e não a guerra em si mesma. Não se atém a golpes e contragolpes das cenas de batalhas entre os exércitos rivais. Concentra-se no emolduramento dos quadros da natureza, viabilizando a pintura de cenas dramáticas, que representam a reviravolta catastrófica dos abatidos em combate. Ao percorrer as cercanias de Canudos, “fugindo à monotonia de um canhoneio frouxo de tiros espaçados e soturnos”, o narrador encontra, “no descer de uma encosta, anfiteatro irregular, onde as colinas se dispunham circulando um vale único” (pp. 37-8). No anfiteatro natural, propício à visão do pintor, o narrador enquadra a imagem cênica do soldado morto (SOUZA, 2009:37).

De forma complementar, ao observarmos a faixa de chão em que o desnudamento da terra fica explícito conferimos ao universo das relações desse homem com o seu mundo um caráter de vazio, um cenário de estrangulamento da vida que poderia prosperar, mas que não consegue sequer germinar porque falta o elemento principal, a água. Na sua torturante travessia por terras de dores incessantes e insistentes, o autor desmascara a arrogância das ciências propagadoras do positivismo quando se inquieta frente às buscas de respostas de um homem que ainda se manifesta preso aos seus conceitos originais, mas que não consegue convergi-los do singular interior de cada um até aos mais amplos aspectos da interpenetração entre os múltiplos e externos conceitos da existência. Nesse sentido, as afirmações de Euclides potencializaram o que a filósofa Hannah Arendt enfatizou anos depois:

Neste mundo em que chegamos e aparecemos vindos de lugar nenhum, e do qual desaparecemos em lugar nenhum, ser e aparecer coincidem. A matéria morta, natural e artificial, mutável e imutável, depende em seu ser, isto é, em sua qualidade de aparecer, da presença das criaturas vivas. Nada e ninguém existe neste mundo cujo próprio ser não pressuponha um espectador. Em outras palavras, nada do que é, à medida que aparece, existe no singular;

tudo que é, é próprio para ser percebido por alguém. Não o Homem, mas os homens é que habitam este planeta. A pluralidade é a lei da terra (ARENDR, 2017:35).

Essa terra de contrastes e confrontos tão significantes transborda ainda emoções desconcertantes, como na imagem de um mesmo chão que vemos em tumultuada profusão de indagações poder ser concebido não somente como um solo perturbado pela estiagem, mas num espectro de local em que as movimentações do solo contribuem para o entendimento do terreno e da vida decorrente disso. Mesmo caminhando por ladeiras que corriam entre despenhadeiros ou em trajetos abertos pelo gado no meio do mato, a curiosidade aguçada de qualquer espírito empreendedor e aventureiro buscava passos complexos e mais difíceis para prolongarem o prazer e a satisfação por tão instigantes projetos. A primeira impressão do agreste incomodava o viajante que insistia por entender como toda sorte de vida e influências, em tão inóspitas paragens, ainda propiciava tantos conflitos:

Varada a estreita faixa de cerrados, que perlongam aquele último rio, está-se em pleno agreste, no dizer expressivo dos matutos: arbúsculos quase sem pega sobre a terra escassa, enredados de esgalhos de onde irrompem, solitários, cereus rígidos e silentes, dando ao conjunto a aparência de uma margem de deserto. E o fácies daquele sertão inóspito vai-se esboçando, lenta e impressionadoramente (CUNHA, 2016:26).

Roberto Ventura, em “Viagem ao centro da terra”, prefácio à obra *Ciência e arte: Euclides e as ciências naturais* (2001), de José Carlos Barreto de Santana, afirma que a biografia de Euclides comprova o quanto a natureza esteve no centro de sua atenção. Para Ventura, Euclides compensava as frustrações da vida cotidiana projetando suas angústias e inquietações sobre a paisagem. A alimentação para suas atitudes inconformistas diante da sociedade e da história nos permite comparar como os elementos que o formaram muito se equivalem à história de sua própria vida e valores. Os modelos estéticos em que concebe a natureza e a formação geológica dos sertões contribuem para a noção do quanto de contragosto e inquietude há no interior de Cunha e que se projeta num mundo de enormes sobressaltos:

A natureza sempre esteve no centro das atenções de Euclides da Cunha, que projetava suas angústias e inquietações sobre a paisagem como forma de compensar as frustrações da vida cotidiana, em que as atividades escolares ou profissionais se impunham sobre os caprichos do eu ou dos voos da imaginação. (...)

As concepções naturalistas, que adotou em os sertões e nos ensaios sobre a Amazônia, deram um verniz de ciência à sensibilidade romântica que formara na juventude. Percebia, de forma dramática, o conflito entre a natureza e a história e procurava entender, em termos artísticos e científicos, os modos de interação entre ambas. Para explicar a irrupção de Antônio

Conselheiro, de Canudos e do sertanejo, desceu às camadas mais profundas do solo, recuando até a origem do continente e de seus habitantes. Recriou, numa versão laica do Gênesis, mundos revoltos e instáveis, que ainda não tinham sido ocupados ou colonizados pelo homem (VENTURA, 2001:16-17).

Dessa forma, pode-se perceber que o arraigado pensamento euclidiano se traduzia pela instabilidade e inquietude concebidas pelo homem na interpretação do relevo sertanejo. Seja em planaltos desérticos ou planícies abundantes, a sensibilidade de Euclides em perceber nesses quadros a constante interação e integração dos contrários trouxe literariedade sobre o panorama sombrio da Guerra de Canudos.

3.2 - Uma seca desgraçada, num clima ostensivamente agressivo

Os quadros de confusão térmica das regiões sertanejas são a segunda associação claramente literária que Euclides imprime à narrativa espetacular. O clima arredio durante o dia, com intensas profusões solares, causando agonias e irritações, destoa drasticamente do período friorento das noites do interior. Essa confusa associação do extremamente quente com o potencialmente frio parece desequilibrar a interpretação das temperaturas do lugar:

Desse modo, é natural que as **vicissitudes climáticas** daqueles nele se exercitem com a mesma intensidade, nomeadamente em sua manifestação mais incisiva, definida numa palavra que é o **terror máximo** dos rudes patricios que por ali se **agitam**⁴, a seca (CUNHA, 2016:43).

A desgraçada seca cuja gênese controversa permeia o inexplicável traz ruidosas consequências ao pacato sertanejo já tão empoeirado de tantas mazelas. Como num jogo de antíteses, a natureza sertaneja parece comprovar que, da extrema aridez de uma terra seca e “improdutiva”, se constrói uma localidade de exuberância extrema, com formidáveis aspectos de ousadia e visão sendo alicerçados periodicamente. Essa interação agressiva de seca, sede e falsa falta de vida transmuda os cenários. De uma horrorosa secura, com paisagens mortas e numa expressão insípida de vida, a chuva tende a mudar cenários de forma radical, transformando figuras inexpressivas em figurações de ampla beleza natural. Além disso, o sofrido solo esquecido e amargurado ganha intensidade e plenitude num simples mover do ciclo das águas. A fertilidade da terra é esgarçada, e o sertão, milagrosa e ironicamente, é transformado em um paraíso inigualável de beleza e produtividade. De igual modo, os ciclos

⁴ Os grifos são de nossa autoria.

das secas, protagonizadas pelo sol, cujo combate é impossibilitado e enganoso, realçam o extremo das variantes climáticas, aspectos dificilmente explicáveis:

Era à entrada do estio. O sertão principiava a mostrar um *facies* melancólico, de deserto. Sugadas dos sóis as árvores dobravam-se murchas, despindo-se dia a dia das folhas e das flores; e, alastrando-se pelo solo, os restolhos pardos-escuros das gramíneas murchas refletiam já a ação latente do incêndio surdo das secas. A luz crua e viva dos dias claríssimos e cálidos descia, deslumbrante e implacável, dos céus sem nuvens, sem transições apreciáveis, sem auroras e sem crepúsculos, irrompendo, de chofre, nas manhãs doiradas, apagando-se repentinamente na noite, requeimando a terra. Deprimia-se o nível das cacimbas. Esgotavam-se os regatos efêmeros de leitões, lastrados de seixos, onde tênues fios de água defluíam imperceptíveis como nos uedes africanos; e, na atmosfera adurente, no chão gretado e poento, pressentia-se a invasão periódica do regime desértico sobre aquelas paragens infelizes (CUNHA, 2016:453).

Euclides propõe-se nesse trecho a equiparar os sentidos e estados mentais próprios da realidade humana aos aspectos percebidos nos cenários sertanejos. Quando menciona que o sertão mostrava um *facies* melancólico de deserto, transpõe à natureza a figuração emblemática de um assustador estio e, com uma poeticidade peculiar, Cunha observa também que, nas paisagens as ações das árvores que se dobram (se resignam) aos sóis ou no incêndio surdo (sorratoiro, calado) das secas, ou ainda, na depressão (na tristeza, na angústia) das cacimbas, há uma tentativa intencional de destacar, ou de tentar explicar, os sertões a partir, e com, o caráter humano.

De igual modo, a ocorrência de ventos, os temporais e os ciclones, cuja incidência potencializada no interior do Brasil angustiava e instigava pesquisas de toda natureza, formavam um arcabouço de eventos geológicos que precisam ser investigados pela projeção simétrica dos pormenores. A estafante, cruel e desoladora empreitada da batalha de Canudos corresponde diretamente às condições climáticas agressivas, cansativas e destruidoras daquelas tão massacrantes terras. Esse desequilíbrio dos verões exagerados nos mostra o quanto é antagônico pensar no desenvolvimento do homem sem considerar os parâmetros do tempo. Com temperaturas acentuadamente tão assimétricas ao longo de um dia, qualquer informação parece ironizar com a enorme disparidade nas relações humanas ali desenvolvidas:

No ascender do verão acentua-se o desequilíbrio. Crescem a um tempo as máximas e as mínimas, até que no fastígio das secas transcorram as horas num intermitir inatural dos dias queimados e noites enregeladas. A terra desnuda tendo contrapostas, em permanente conflito, as capacidades emissiva e absorvente dos materiais que a formam, do mesmo passo armazena os ardores das soalheiras e deles se esgota, de improviso. Insola-se e enregela-se, em 24 horas. Fere-a o sol e ela absorve-lhe os raios, e

multiplica-os e reflete-os, e refrata-os, num reverberar ofuscante: pelo topo dos cerros, pelo esbarrancado das encostas, incendeiam-se as acendalhas da sílica fraturada, rebrilhantes, numa trama vibrátil de centelhas; a atmosfera junto ao chão vibra num ondular vivíssimo de bocas de fornalha em que se pressente visível, no expandir das colunas aquecidas, a efervescência dos ares; e o dia, incomparável no fulgor, fulmina a natureza silenciosa, em cujo seio se abate, imóvel, na quietude de um longo espasmo, a galhada sem folhas da flora sucumbida (CUNHA, 2016:39).

O fato é que os estudos que transbordavam o imaginário científico de Euclides da Cunha e suas indagações sobre a natureza nos fazem refletir sobre os inúmeros paradoxos climáticos, que apontavam reflexões mais profundas do que a realidade climática brasileira sugeria. Na realidade, quando Euclides considera essas contradições, parece querer apontar também que, numa terra de imensos desconcertos no clima, a vida social, do mesmo modo, levava a caminhos de discrepantes misérias. O que Euclides da Cunha discute não é a falta de frequência de chuvas, mas as secas intensas e intermináveis que pareciam comprovar o martírio da terra, associada diretamente à luta do homem daquele lugar:

Porque o que estas denunciam – no enterroado do chão, no dismantelo dos cerros quase desnudos, no contorcido dos leitos secos dos ribeirões efêmeros, no constricto das gargantas e no quase convulsivo de uma flora decídua embaralhada em esgalhos – é de algum modo o martírio da terra, brutalmente golpeada pelos elementos variáveis, distribuídos por todas as modalidades climáticas. De um lado a extrema secura dos ares, no estio, facilitando pela irradiação noturna a perda instantânea do calor absorvido pelas rochas expostas às soalheiras, impõe-lhes a alternativa de alturas e quedas termométricas; repentinas; e daí um jogar de dilatações e contrações que as disjunge, abrindo-as segundo os planos de menor resistência. De outro, as chuvas que fecham, de improviso, os ciclos adurentes das secas, precipitam essas reações demoradas (CUNHA, 2016:29).

As duas únicas estações da região dos sertões – secas infundáveis e chuvas torrenciais – são concebidas como uma contextualizada e íntima formação natural que se executa numa superfície radical. Quando águas aparecem, trazem consigo todo um potencial para causar estragos. Já quando a estiagem se intensifica, surge a incômoda e escaldante presença de uma intensa bola de fogo solar. Esse aparente desequilíbrio pode nos sugerir o quanto de intenso há nas concepções da vida e do homem. O perfume das flores é intenso, o cheiro da terra é intenso, assim como a paixão é intensa e o respirar também é intenso. Essa alta demanda de intensidade nas sensações inerentes à existência parece ratificar o transbordar que há, da mesma forma, nos climas e nas estações do ano, tão aguçadamente presentes no sertão. Vai-se dos extremos da aridez à exuberância, num contraste tão veloz quanto atroz, acentuando, ao mesmo tempo, o sofrimento e a fertilidade de tão intensos ambientes:

A travessia das veredas sertanejas é mais exaustiva que a de uma estepe nua” e confronta-se diretamente após a chuva, “E ao tornar da travessia o viajante, pasmo, não vê mais o deserto e sim a exuberância extrema. Sobre o solo que as amarílis atapetam, ressurgiu triunfalmente a flora tropical.” É uma mutação de apoteose (CUNHA, 2016:55).

As concepções do intérprete dos sertões deixam claro que seu discurso vai além da travessia pelos caminhos sertanejos, obrigando seu leitor a prosseguir com ele por cenários difusos e contraditórios, tal qual a vida no sertão.

3.3 - A vegetação como soldado e testemunha do massacre

De modo semelhante ao que vimos em suas análises sobre o relevo e o clima, Euclides enfatiza que, na vegetação local, há espaço para se observar a sensibilidade da parceria desta com o homem em sua luta por uma terra tão incomum. Os arbustos, o capim seco e a vegetação aparentemente sem vida agem como testemunhas vivas da barbárie desenvolvida nos sertões e acabam por unirem-se ao lutador sertanejo, seja dificultando a chegada do exército enroscando-se aos soldados, seja servindo de assento para corpos sem cabeça depois de alguns massacres. Essa vegetação das caatingas parece ter muito a contar, não só pelas divergências climáticas sofridas, mas por uma visão privilegiada dos arremedos dos dominadores sobre aqueles que antes padeciam tão calados. Além disso, a própria insistência da luta da flora pela vida desenvolvida naquelas regiões nos permite vislumbrar a forma poética naquelas plantas. O juazeiro, o umbuzeiro e as caatingas como um todo exacerbam a ironia vegetal daqueles cenários e provam que podem ser caracterizados como símbolos firmes da resistência de um bioma aos percalços climáticos extremos decorrentes de tanta seca. Euclides da Cunha compara o sertanejo na sua luta pela posse da terra e da existência que tanto almeja aos arbustos e às pequenas vegetações oriundas de um solo tão adverso, com um clima áspero e intensamente antagônico, como uma autêntica comprovação do resistir da vida diante de tantas agonias e sequelas:

Concluídas as pesquisas nos arredores, e recolhidas as armas e munições de guerra, os jagunços reuniram os cadáveres que jaziam esparsos em vários pontos. Decapitaram-nos. Queimaram os corpos. Alinharam depois, mas duas bordas da estrada, as cabeças, regularmente espaçadas, fronteando-se, faces volvidas para o caminho. Por cima, nos arbustos marginais mais altos, dependuraram os restos de fardas, calças e dólmas multicores, selins, cinturões, quepes de listras rubras, capotes, mantas, cantis e mochilas... A caatinga, mirrada e nua, apareceu repentinamente desabrochando numa florescência extravagantemente colorida no vermelho forte das divisas, no azul desmaiado dos dólmas e nos brilhos vivos das chapas dos talins e estribos oscilantes (CUNHA, 2016:336-337).

Nesse sertão, a vegetação consorcia-se ao sertanejo para que este seja resistente e capaz de suportar tantas vicissitudes climáticas. Euclides atesta que “um pé de macambira”, no alto verão sertanejo, “é para o matuto sequioso um copo d’água cristalina e pura”. De igual modo, os mandacarus crescem como opulência diante de cenário tão seco e devastador. Também o clássico umbuzeiro, tradicional fruto da umbuzada, não só serve para o aconchego das redes em seus galhos fortes, mas proporciona o prazer do saciar da forte sede e da amarga fome do matuto infeliz, além de dominar a flora sertaneja nos tempos felizes das chuvas. Essas fotografias parecem atestar o quanto de contraste há nessas vegetações nas modulações que lhes são impostas pela própria natureza.

Outro aspecto muito curioso da ironia vegetativa dos sertões está presente no sensível relato do soldado que descansava embaixo de uma quixabeira. O episódio comprova como a flora local presenciava como testemunha ocular as agressões de uma guerra estúpida e incoerente. Nada, além da quieta e inofensiva natureza, com os flamejantes raios do sol, ou o brilho iluminado das estrelas, ou ainda o amparo paterno dos próprios céus, poderia dar a mais exata impressão do que aquele fastuoso momento da história representava:

Descansava... havia três meses.

Morrera no assalto de 18 de julho. A coroa da Mannlicher estrondada, o cinturão e o boné jogados a uma banda, e a farda em tiras, diziam que sucumbira em luta corpo a corpo com adversário possante. Caíra, certo, derreando-se à violenta pancada que lhe sulcara a fronte, manchada de uma escara preta. E ao enterrar-se, dias depois, os mortos, não fora percebido. Não compartilhara, por isto, a vala comum de menos de um côvado de fundo em que eram jogados, formando pela última vez juntos, os companheiros abatidos na batalha. O destino que o removera do lar desprotegido fizera-lhe afinal uma concessão: livrara-o da promiscuidade lúgubre de um fosso repugnante; e deixara-o ali há três meses – braços largamente abertos, rosto voltado para os céus, para os sóis ardentes, para os luazes claros, para as estrelas fulgurantes...

E estava intacto. Murchara apenas (CUNHA, 2016:41).

De modo similar, a natureza também se arma para a guerra e participa, de seu modo, dessa empreitada, como no episódio das caatingas em luta:

Ao passo que as caatingas são um aliado incorruptível do sertanejo em revolta. Entram também de certo modo na luta. Armam-se para o combate; agridem. Traçam-se, impenetráveis, ante o forasteiro, mas abrem-se em trilhas multívias, para o matuto que ali nasceu e cresceu (CUNHA, 2016:232).

As noções de uma vegetação agressiva ao exército e protetora àqueles sertanejos configuram, em *Os sertões*, vários aspectos de uma ironia abundante. A ambivalência criativa do autor desperta no leitor o partidarismo que espera para aquele que se sente desconfortável

com o flagelo da injustiça de uma batalha sangrenta e cruel. Nesse sentido, até a própria natureza colabora para uma visão progressista de um escritor até então formado e preparado na escola do republicanismo:

Circuitam-nos, estonteadamente, os soldados. Espalham-se, correm, à toa, num labirinto de galhos. Caem, presos pelos laços corredios dos quipásreptantes; ou estacam, pernas imobilizadas por fortíssimos tentáculos. Debatem-se desesperadamente até deixarem em pedaços as fardas, entre as garras felinas de acúleos recurvos das macambira... (CUNHA, 2016:234).

Na expressão máxima da ironia da terra, Euclides afirma ainda que essa mesma flora que se arma agressiva ao exército, dificultando-lhe o avanço na batalha, empreende-se de recursos sobrenaturais para aquietar, amansar e aconchegar o matuto sertanejo injustiçado e sofrido pelas atrocidades da vida no interior. O zelo vegetal pelos componentes prejudicados pelos sóis e pelas longas estiagens aterrorizam soldados e exércitos, conforme afirma Euclides:

Todas aquelas árvores são para ele velhas companheiras. Conhece-as todas. Nasceram juntos; cresceram irmamente; cresceram através das mesmas dificuldades, lutando com as mesmas agruras, sócios dos mesmos dias remansados (...)
A natureza toda protege o sertanejo. Talha-o como Anteu, indomável. É um titã bronzado fazendo vacilar a marcha dos exércitos (CUNHA, 2016:237).

José Carlos Barreto de Santana, em *Ciência e arte: Euclides da Cunha e as ciências naturais* (2001), destaca o comportamento do autor frente à preocupação abundante que tinha pela anotação precisa de características singulares da natureza que contemplava. Para o professor, a preocupação de Euclides com granitos e quartzito nas rochas de uma pedreira, ou o caminhar exaustivo à procura de exclusividades na fauna e na flora que pudessem resistir a grandes explicações científicas, confirmavam no autor de *Os sertões* a persistente necessidade que tinha em executar a percepção além daquilo que poderia fortalecer seus conceitos científicos. Dessa forma, uma pedra, uma flor, um fruto ou um pássaro poderiam ser transformados em potenciais de estudo inigualáveis. Santana (2001) frisa que, embora Euclides pudesse estar confundindo o grande planalto brasileiro com uma de suas partes apenas, o planalto central, os chapadões que descreve – essas extensas camadas horizontais, ou quase horizontais, de terras infinitas ao olho nu – reinterpreta a visão do interior. Em qualquer relatório sobre a geologia do planalto, há que se considerar também que os limites naturais impostos nos permitem uma exuberante visão dos extremos que deixa todos perplexos. Essa interpretação das grandiosidades e da natureza extensa dos planaltos fortifica

o pensamento de quão vasta e maravilhosa é a terra que se pretende analisar, como destaca José Carlos Barreto de Santana:

“Ponto de vista impessoal do viajante em movimento, que dá a expressão artística ou científica às suas impressões.” Esta parece ser a intencionalidade presente em *Os sertões* já desde as primeiras linhas de “A Terra”, quando Euclides da Cunha descreve o que ele chama de “planalto central do Brasil”. Entendo que, ao eleger o que seria para ele uma grande unidade do relevo do país, o narrador necessitou utilizar uma escala muito reduzida, como faria um geólogo, por exemplo, na qual só os grandes traços se farão presentes, e, à medida que o observador se aproxima do objeto em estudo, vai verificando uma mudança de escala. O relevo começa a ser percebido nas suas variações e nas suas relações com a orla marítima, e o narrador introduz novos elementos, como a bacia do São Francisco, Serras menores e formações geológicas começam a se individualizar. Depois, ainda num movimento descendente, com a aproximação variando a escala, já são os rios que aparecem, as povoações também, até que, saindo do sul, “o observador que seguindo este itinerário deixa as paragens em que se revezam, em contrastes belíssimos, a amplitude dos gerais e o fastígio das montanhas, ao atingir aquele ponto estaca surpreendido... Está sobre um socorro do maciço continental, ao Norte” (CUNHA, 1902/1985:96). E novos elementos vão surgindo, traços menores são visíveis nesta nova escala: pequenos rios aparecem, a vegetação finalmente pode ser percebida e o observador afinal avista os habitantes daquelas paragens (SANTANA, 2001:102-103).

O grande maciço continental do relevo brasileiro, bem como as serras da Mantiqueira, do Espinhaço e do Mar compunham a constituição geológica de uma cadeia de formações que extenuam o olhar daquele que se predispõe a analisar o relevo do Brasil e sua constituição recheada de detalhes e contradições em sua máxima essência. Vários estudiosos do mundo todo despenderam horas, noites, tempos extensos sacrificados ao intenso estudo das nossas terras e de tão inexplicáveis constituições. Essa constatação também se verifica em Euclides da Cunha, pois, segundo as informações de Lourival Holanda, dispostas no livro de José Carlos Barreto de Santana *Ciência e arte: Euclides da Cunha e as ciências naturais*, o pensamento euclidiano não acontece num plano único:

[...] o grande lance da construção do discurso euclidiano está no modo de dar dupla direção ao discurso: 1º - há o nível corrente ao relato, onde tudo parece circular à superfície, no sentido da evidência do texto testemunhal; 2º - há outro nível, eixado na habilidade linguística para velar e revelar sentidos insuspeitos através das conexões das imagens (HOLANDA *apud* SANTANA 2001:109).

Convém ressaltar ainda que a pesquisadora Fabiana Figueira Corrêa, no artigo “Euclides da Cunha em sala de aula: um desafio recompensador”, nos apresenta um Euclides contemporâneo de uma emblemática realidade da terra. Essa necessidade natural do homem pensar seu próprio *habitat*, levando em conta os outros sujeitos envolvidos, nunca foi tão atual

em nossa sociedade. Dar o devido valor ao comportamento do homem frente às questões da terra, e vice-versa, implica uma série de medidas concernentes ao diálogo entre as partes envolvidas, já que o campo precisa do homem e o contrário também procede. Fabiana Figueira Corrêa descreve que Euclides executa um texto em que aponta inúmeros aspectos da terra, do homem, da fé, da luta contra a injustiça e a desigualdade – temas de uma atualidade indiscutível:

Euclides da Cunha abre *Os sertões* com uma rica descrição das características físicas, geográficas e biológicas da terra brasileira, especificamente do sertão nordestino. Seu discurso entrelaça, de forma primorosa, os princípios científicos mais acertados em seu tempo com uma beleza poética própria a poucos autores, que conseguem unificar, ao mesmo tempo, ciência e arte. Euclides apresenta a Terra como um organismo vivo, apresentando-nos sua gênese, suas transformações, suas características dinâmicas, orgânicas, vivas. Em coerência com essa visão, o autor nomeia de forma própria a Terra com inicial maiúscula, reforçando sua condição de organismo que “se apresenta como sujeito dotado de força vital” (SOUZA, 2009, p.23). Nosso autor antecipou-se, assim, ainda no início do século XX, a uma corrente científica apresentada apenas na segunda metade do mesmo século, em 1969, pelo cientista inglês James Lovelock: sua identificação da Terra como organismo vivo está em perfeito acordo com a hipótese de Gaia (em homenagem à deusa que representa a Terra na mitologia grega), defendida por esse cientista. Segundo a hipótese de Gaia, todos os seres vivos estão ligados entre si e com o ambiente físico, a Terra é considerada um organismo vivo e a própria vida na Terra cria as condições para sua sobrevivência (CORRÊA, 2015:62-63).

Nos parágrafos em que a ensaísta apresenta suas informações sobre as características físicas do relevo e da terra destacadas por Euclides, ela enfatiza a superfície como aspecto descritivo preponderante nessa estética. Para Fabiana Corrêa, tal sentido imprime ao conceito da exposição do real mais do que apenas a identificação dos percalços naturais que se percebe, projeta um referencial de contrastes que evidenciam um coro em prol da percepção da dor daquele local. Um sofrimento que ultrapassa a terra ou o homem, chegando até aos vegetais e animais. A pesquisadora apresenta ainda as várias condições biológicas transcritas do bioma da caatinga, numa comprovação de uma região cansada pela ação radical do clima do local. A luta dos arbustos, seus galhos, ramos e espinhos contra as ações intensas do sol e da chuva transforma esses vegetais em elementos tão fortes quanto à resistência dos matutos ao sofrimento daquelas terras. Pode-se perceber, portanto, que, dessas labutas, decorrem a coragem do homem e as consequentes mutações de contrários tão agonizantes.

O professor José Carlos destaca, em seu já mencionado livro: *Ciência e arte: Euclides da Cunha e as ciências naturais* (2001), que nos sertões baianos existem hiatos de várias naturezas que, em Euclides, podem se assemelhar ao relevo desigual e “desconexo” de

paisagens que, ao mesmo tempo tão salientes e tão plainas, podem tocar no imaginário de tantos percursos da existência:

Não é por acaso que Euclides da Cunha inicia o seu texto com a descrição de uma região que é conhecida e estudada pela ciência, com as suas terras propícias à vida, e que “estaca surpreendida” diante de um hiato, excepcional e selvagem. A natureza prefigura então o embate entre o poder central e os sertanejos. E, assim como não caberia falar que o Brasil lutava contra Canudos, não poderia ser outro que não o central, o planalto que descamba sobre a terra ignota, por mais que isto viesse a soar como um “erro geográfico” (SANTANA, 2001:109).

As lacunas do relevo das terras do Brasil, explicitadas nos capítulos iniciais de *Os sertões*, concebem o excepcional e o selvagem como elementos indescritíveis de uma terra que, embora constitua um Brasil não explicitado, é real e impossível de se confundir. Até porque é um lugar de grandes hiatos sociais e políticos que se inter-relacionam construindo dor, agonia e luta. O que se percebe, portanto, no texto euclidiano, é o detalhamento textual com extremos de uma representação da natureza que parece esclarecer que o que torna sua escrita extraordinária não é apenas o que se narra, mas como se narra tudo aquilo.

Nesse contexto, o que a filósofa Hannah Arendt (2017) explicita, ao falar da funcionalidade e da necessidade da aparência como um constituinte intrínseco ao homem no seu ato de perceber a sua volta, parece estar em conformidade com o que Euclides já expunha em seu relato sobre a terra. Para Arendt (2017), “as aparências expõem e também protegem da exposição, e, exatamente porque se trata do que está por trás delas a proteção pode ser sua mais importante função” (p. 41). Assim, aquilo que está para além do que percebemos visualmente não caracteriza necessariamente a realidade do que se projeta:

A incessante busca, empreendida pela ciência moderna, da base subjacente às meras aparências, deu força nova ao velho argumento. Ela obrigou o fundamento das aparências a se mostrar de tal modo que o homem, uma criatura adequada às aparências e delas dependente, possa se apoderar desse fundamento. Mas, ao contrário, os resultados foram surpreendentes. Ficou evidente que nenhum homem pode viver entre “causas” ou dar conta de – em modo integral e em linguagem humana ordinária – um Ser cuja verdade pode ser cientificamente demonstrada em laboratório e testada praticamente no mundo real pela tecnologia. É como se o Ser, uma vez manifesto, sujeitasse as aparências – mas ninguém até hoje conseguiu viver em um mundo que não se manifeste espontaneamente (ARENDR, 2017:42).

Nessa vertente, no texto euclidiano, mais especificamente quando fala sobre as caatingas, o autor dá vida e sentimento a um bioma que, supostamente, teria sua forma sem qualquer energia:

Ao passo que a caatinga o afoga; abrevia-lhe o olhar; agride-o e estonteia-o; enlaça-o na trama espinescente e não o atrai; repulsa-o com as folhas urticantes, com o espinho, com os gravetos estalados em lanças; e desdobra-se-lhe na frente léguas e léguas, imutável no aspecto desolado: árvores sem folhas, de galhos estorcidos e secos, revoltos, entrecruzados, apontando rijamente no espaço ou estirando-se flexuosos pelo solo, lembrando um bracejar imenso, de tortura, da flora agonizante... (CUNHA, 2016:48).

Com esse relato, Cunha apresenta um amplo leque de possibilidades construtivas do imaginário, explicitando muito mais do que o observável, o algo acima das aparências. A terra explanada por Euclides da Cunha em *Os sertões* confere *status* diferenciado aos componentes naturais, e aparentes. Euclides, propositalmente, parece estabelecer o enlace possível entre razão e imaginação também nesse percurso telúrico. O solo, os relevos, a vegetação, o clima compõem um contingente de amarrações observáveis e, também, subjetivas simultaneamente. A narrativa nos propicia enxergar o desconhecido que há nas imagens que enxergamos superficialmente. Dessa forma, enxergar uma caatinga, numa aparência desolada e esquecida, não traduz a plenitude do que representaria essa forma auspiciosa e altaneira de um componente das paisagens tão significativas do sertão.

4. O contraste da mestiçagem sertaneja e o confronto étnico

A complexidade da formação étnica do povo brasileiro faz parte da narrativa euclidiana dos sertões como para tentar encontrar explicações para a acentuada incompreensão do próprio autor com a “gênese das raças mestiças do Brasil” (CUNHA, 2016:73). Para Euclides, “o brasileiro, tipo abstrato que se procura, (...) só pode surgir de um entrelaçamento consideravelmente complexo” (CUNHA, 2016:75). De fato, qualquer justificativa limitada e categórica sobre a superioridade de uma raça sobre outras, torna-se parcial e incoerente e no Brasil, ironicamente, o que se viu foi a formação de uma raça mestiça que, apesar das agressões e sufocamentos, mostra-se aguerrida, forte e corajosa por natureza. Para Euclides, o que se entendia como uma raça formada basicamente pela interação entre o negro africano, o índio americano e o branco europeu desdobrou-se numa mistura que gerou o mulato, o cafuzo e o caboclo, tornando nossa origem etnocêntrica profundamente distinta de qualquer outra no mundo. Ironicamente, essa geração de sujeitos caboclos intrigou profundamente o engenheiro Euclides que, formado sob os moldes da cultura litorânea, parecia desconhecer as potencialidades de uma etnia tão singular e tão diversa que pela própria heterogeneidade já encantaria. A incompreensão do autor se estendeu e o confundiu ainda mais ao perceber a natureza expansiva, a resistência aos dissabores e a crença firme – aspectos distantes da pretensa disposição europeia em preservar uma cultura pautada pela raça única:

Avaliando-se, porém, as condições históricas que têm atuado, diferentes nos diferentes tratos do território; as disparidades climáticas que nestes ocasionam reações diversas diversamente suportadas pelas raças constituintes; a maior ou menor densidade com que estas cruzaram nos vários pontos do país; e atendendo-se ainda à intrusão – pelas armas na quadra colonial e pelas imigrações em nossos dias – de outros povos, fato que por sua vez não foi e não é uniforme, vê-se bem que a realidade daquela formação é altamente duvidosa, senão absurda (CUNHA, 2016:76).

A composição que deu origem ao que se chama de povo brasileiro comprova a existência de uma raça nova e fascinante, ao mesmo tempo em que atritava diretamente com o conceito pré-estabelecido da preservação de uma raça pura e exclusiva como sinal de elevação étnica. O caboclo, o cafuzo e o mulato são, para Euclides, a máxima caracterização da nossa falta de uniformidade étnica e o que nos torna mais propícios às riquezas das diversidades da raça humana, pois realçam o caráter incomum entre outros povos:

Outros vão terra a terra demais. Exageram a influência do africano, capaz, com efeito, de reagir em muitos pontos contra a absorção da raça superior.

Surge o mulato. Proclamam-no o mais característico tipo da nossa subcategoria étnica.

O assunto assim vai derivando multiforme e dúbio.

Acreditamos que isto sucede porque o escopo essencial destas investigações se tem reduzido à pesquisa de um tipo étnico único, quando há, certo, muitos.

Não temos unidade de raça.

Não a teremos, talvez, nunca.

Predestinamo-nos à formação de uma raça histórica em futuro remoto, se o permitir dilato tempo de vida nacional autônoma. Invertemos, sob este aspecto, a ordem natural dos fatos. A nossa evolução biológica reclama a garantia da evolução social (CUNHA 2016:77).

Na ratificação de que a sociedade brasileira se constituiu elementarmente de um sujeito altamente miscigenado, Euclides da Cunha atesta ainda a crença de que tal evento compôs o mais puro retrato do que representa, na prática, o ser humano. No caso brasileiro, em especial, o autor discute que nosso diversificado e amplo desenvolvimento biológico destoam do alicerçado desequilíbrio social que temos. Para Cunha, não havia como explicar qualquer pretensa antropologia brasileira, senão pela tensão gerada entre as diferenças sociais gritantes e a força de um povo que luta e que suporta tantas agonias:

Ao calor e à luz, que se exercitam em ambas, adicionam-se, então, a disposição da terra, as modalidades do clima e essa ação de presença inegável, essa espécie de força catalítica misteriosa que difundem os vários aspectos da natureza.

Entre nós, vimo-lo, a intensidade destes últimos está longe da uniformidade proclamada. Distribuíram, como o indica a história, de modo diverso as nossas camadas étnicas, originando uma mestiçagem dissímil.

Não há um tipo antropológico brasileiro (CUNHA, 2016:92).

Nesse sentido, convém observar que essa mestiçagem tão diversa e fruto de uma combinação tão rica produziu, ao contrário do que se pudesse pensar, a maior riqueza do nosso povo. Infelizmente, riqueza não traduzida em oportunidades mais justas ou condições de vida mais equilibradas para todos. Esses dados já seriam notados por vários estudiosos da obra euclidiana. O escritor Nelson Werneck Sodré, na “Revisão de Euclides da Cunha”, foi um dos que destacou a análise pormenorizada que Euclides da Cunha fez do etnocentrismo brasileiro, dando ênfase à peculiaridade de abandono e sofrimento dessa existência:

A multiplicação dos rebanhos motiva a apropriação das vastas zonas do interior, daquilo que ficou conhecido como sertão. Na medida em que se completa essa divisão de atividades, crescem as diferenças entre sertão e litoral e surge o contraste entre uma faixa litorânea em que se operam transformações econômicas e sociais, ainda que muito lentas, e uma zona de sertão, em que os grupos e classes se estratificam. Se bem que os quadros tenham identidades porque, tanto no sertão como no litoral, com o passar dos tempos, o regime escravocrata vai sendo substituído por um regime feudal ou semifeudal, o fato é que no sertão as relações feudais se aprofundam e se

conservam praticamente intactas. É uma população abandonada ao seu destino, vivendo uma existência peculiar (SODRÉ, 1966:23).

O que Sodré (1959) percebeu da obra-prima de Euclides referencia a grotesca realidade social presente há séculos na nossa história. A riqueza étnica exaltada no retrato esgarçado por Cunha sobre nossa mestiçagem sofrida e excluída evidencia um contraste social que há séculos por aqui se intensifica e que parece longe de ter fim.

4.1 - A formação mestiça do Brasil

A narrativa euclidiana prossegue sua trajetória pela história do Brasil e refaz rotas que explicam a formação do quadro social brasileiro, mestiço desde o início. Por entre esses caminhos, ele fala da colonização do Brasil e aproveita para apurar nossas referências étnicas. Jamais esquecendo o olhar detalhado das ignomínias sociais, Euclides da Cunha destaca que as primeiras mestiçagens da nação brasileira se deram ainda no período do descobrimento quando, no enlace entre o europeu e o silvícola, se começa a construção de um novo segmento tupiniquim. Nesse contexto, o índio foi o elemento destacado em primeiro plano. Quando aportaram em solo do Brasil, os portugueses verificaram a extensa possibilidade de não somente conquistar novas faixas de terras, mas também explorar um ser “não civilizado”, preso a paradigmas naturais que o colonizador não compreendia. Esse europeu procurou desde cedo a escravidão como forma de concepção para seu instinto de exploração desenfreada. O índio, entretanto, logo reagiu ao roubo de suas terras, ao ataque às suas mulheres e ao fato de lhe tirarem a liberdade. O português tentou por força e genocídios mil, mas não logrou êxito com a exploração do índio, que lutou e morreu para não ser escravizado. Sobre esse fato histórico, Euclides destaca a presença das fundações jesuíticas na Bahia, que tiveram forte influência sobre a formação dos povoados sertanejos de sua época e que se constituíram a partir de velhas aldeias indígenas. Neste trecho, na irônica comparação que faz da “Troia de taipa dos jagunços”, Euclides parece iniciar sua tese de que o mestiço que se formou já idealizava a luta e a resistência:

Com efeito, ali, totalmente diversos na origem, os atuais povoados sertanejos se formaram de velhas aldeias de índios, arrebatadas, em 1758, do poder dos padres pela política severa de Pombal. Resumindo-nos aos que ainda hoje existem, próximos e em torno do lugar onde existia há cinco anos a Troia de taipa dos jagunços, vemos, mesmo em tão estreita área, os melhores exemplos (CUNHA, 2016:105).

Cunha, mais uma vez, poetiza seu discurso, ao construir a “Troia de taipa dos jagunços”, numa clara alusão à luta contada nos registros da Grécia antiga em que se conseguiu inesperada vitória para uma batalha fadada à derrota. Quando refere-se aos jagunços num Troia de taipa, Cunha destaca que aqueles indivíduos tinham tudo para serem exterminados de primeira mão, mas a resistência com que lutaram mostrou como em simples estratégias se pode vencer grandes batalhas. Como em Tróia, a força não estaria nas grandes fortalezas ou no melhor armamento militar. Pelo contrário, a potência estaria na garra e nas estratégias dos guerreiros.

De modo complementar, ao percebermos a história dos índios no Brasil – raça que formara o sertanejo, o jagunço – entendemos que, apesar da grande resistência indígena, os relatos apontam para uma luta desigual. Milhares de índios foram mortos e, ainda assim, milhares de outros foram escravizados pelo português, pelo poder da arma de fogo. A superioridade militar do homem branco não só dominou o indígena, mas causou a destruição da cultura do índio e o extermínio de muitas das suas comunidades. O surgimento do caboclo, essa mistura étnica tipicamente brasileira, a despeito de tantas tentativas de apagamento dos seus traços, não alcança êxito e muitas são até hoje as marcas de tão intensa cultura entre nós. Seja no folclore, na alimentação, nos utensílios domésticos e nos utensílios de caça e pesca, sem falar no vocabulário, o aprendizado indígena e caboclo confirma o rico arsenal de recursos oriundos dessa formação. A continuidade dessa cultura também se deu por meio de uma rara e extraordinária interligação de raças, mesclando índio e branco, e mais adiante, juntando índio e negro.

Em *Terra ignota: a construção de Os sertões* (1997), o professor Luiz Costa Lima também discute os aspectos que fortaleceram esse sertanejo naqueles interiores e confirma que a permanência “isolada” nos povoados do sertão distanciou esse mestiço da contaminação litorânea:

Para Euclides, o bloqueio que prendera o sertanejo no interior fora altamente positivo, porque deste modo se constituía o *isolat* sertanejo, que, ensejando a parada nos cruzamentos diversos doutro modo incessantes, obrigando ao invés o contato dos mesmos índios e com os mesmos brancos, se contrapusera à degenerescência progressiva do litoral (LIMA, 1997:40).

Essa abundante formação étnica constituiu o povoamento dos sertões de Euclides, que detalhou o surgimento de sujeitos tão pitorescos e intensificados pelo espalhamento daqueles que dariam origem à nossa singular etnia na formação de um tipo mestiço inigualável:

Ora toda essa população perdida num recanto dos sertões lá permaneceu até agora, reproduzindo-se livre de elementos estranhos, como que insulada, e

realizando, por isso mesmo, a máxima intensidade de cruzamento uniforme capaz de justificar o aparecimento de um tipo mestiço bem definido, completo (CUNHA, 2016:107).

Euclides da Cunha destaca ainda a gênese do mulato que, mediante um quadro opressor de dominação e escravidão, tornou-se o retrato da humildade extrema de uma espécie e que, diferentemente da rebeldia dos índios, essa nova raça se firmou como símbolos da resiliência e submissão. A marca desumana e cruel da dominação do homem sobre o homem se elevou com o tráfico de escravos e o negro africano, universalmente marcado pela subjugação, gerando a mão de obra barata que o enriquecimento da burguesia europeia exigia. A escravidão do negro no Brasil foi um retrato desprezível da nossa formação étnica. Estima-se que milhões desses africanos tenham perdido a vida na captura e nas péssimas condições de viagem para chegarem aqui. A sociedade colonial brasileira dos séculos XVI e XVII era uma sociedade escravista e rural, em que o engenho era o centro da vida social. Possuindo uma aristocracia rural, que era a classe dominante, detinha o poder absoluto sobre as terras e as pessoas que viviam em sua propriedade. Dessa forma, a hegemonia do branco sobre as formações mestiças delinea-se de maneira aguçada ao longo da nossa história, concentrando o domínio, o poder e a riqueza bem longe daqueles que viriam a povoar aquelas terras sertanejas e empurrando boa parte dos seus mestiços ao patamar de abandonados sociais, segundo enfatiza Euclides:

É natural que grandes populações sertanejas, de par com as que se constituíram no médio S. Francisco, se formassem ali com a dosagem preponderante do sangue tapuia. E lá ficassem ablegadas, evoluindo em círculo apertado, durante três séculos, até à nossa idade, num abandono completo, de todo alheias dos nossos destinos, guardando, intactas, as tradições do passado. De sorte que, hoje, quem atravessa aqueles lugares observa uma uniformidade notável entre os que os povoam: feições e estaturas variando ligeiramente em torno de um modelo único, dando a impressão de um tipo antropológico invariável, logo ao primeiro lance de vistas distinto do mestiço proteiforme do litoral (CUNHA, 2016:110).

Na confirmação que Euclides elabora sobre a formação da sociedade brasileira evidencia-se, portanto, a construção de um sujeito altamente miscigenado, cuja interpenetração dinâmica das raças brancas, pretas e índias formaram o brasileiro em sua complexa etnia. No olhar apurado que teve sobre a longa campanha de Canudos, ele perceberá que as disparidades da nossa formação mestiça se refletiram desde cedo na injusta distribuição de nossas riquezas. Além disso, suas reflexões somam esforços na crença de que não somente a miscigenação representa a essência do brasileiro, mas tenta explicar o porquê

de os sertões existirem com tanta força, com um aprofundamento tão intenso em meio à ampliação das ligações entre raças tão opostas:

Porque enquanto este patenteia todos os cambiantes da cor e se erige ainda indefinido, segundo o predomínio variável dos seus agentes formadores, o homem do sertão parece feito por um modelo único, revelando quase os mesmos caracteres físicos, a mesma tez, variando brevemente do mamaluco bronzeado ao cafuz trigueiro; cabelo corredio e duro ou levemente ondedo; a mesma envergadura atlética, e os mesmos caracteres morais traduzindo-se nas mesmas superstições, nos mesmos vícios, e nas mesmas virtudes (CUNHA, 2016:110).

Devido às condições de força, de capacidade de organização militar, de seu interesse pelas riquezas do Brasil e por acreditarem que eram a raça superior, os brancos portugueses conquistaram as terras e impuseram elementos de sua cultura, tais como religião, idioma, organização política e econômica. A indiscutível influência do português na nossa formação como o principal elemento branco da formação da sociedade colonial brasileira, sem dúvida, somou caracteres à ampla mistura etnocêntrica de que somos parte. Essa mistura de tão variados componentes étnicos, juntando índio, negro e branco debaixo da mesma formação, concebeu, no parecer inicial de Euclides, um extremado retrocesso das raças:

O indo-europeu, o negro e o brasílio-guarani ou o tapuia, exprimem estádios evolutivos que se fronteam, e o cruzamento, sobre obliterar as qualidades preeminentes do primeiro, é um estimulante à revivescência dos atributos primitivos dos últimos. De sorte que o mestiço – traço de união entre as raças, breve existência individual em que se comprimem esforços seculares – é, quase sempre, um desequilibrado (CUNHA, 2016:111).

A noção de que essa mistura gerou “um desequilibrado” incomodava várias vertentes sociológicas que insistiam, já naquela ocasião, a atribuir-lhe caráter preconceituoso na análise do que seria o componente mais explícito da nossa formação. Entretanto, basta correr os olhos pelas páginas seguintes de *Os sertões* para percebermos, nessas palavras de Euclides, o mais complexo componente irônico que se possa imprimir às suas palavras. Euclides, desde cedo, nos seus escritos, evidencia a potencialidade literária que o tornou singular na notoriedade do saber descritivo dos povos que formariam nossa raça e, em vários trechos, escancara o caráter irônico de sua obra.

4.2 - Um forte homem sertanejo

Euclides destaca a população sertaneja como a única no país que ainda mantinha certo traço de originalidade e, embora tivesse concebido anteriormente uma definição de mestiço como um ser inferior no processo de formação social, sua narrativa deixa claro que essa visão

que se desenvolveu sobre a maioria étnica foi fortalecida na imagem distorcida que se criou no litoral do que seria de fato o sertanejo. Estranha e rebaixada pela própria natureza da criação, o composto social que compunha Canudos apenas exibia partes de um organismo desigual e esquecido pelo abastado povo litorâneo. Claramente, o sertanejo compunha uma parcela de “matutos” que não era contada, não era classificada e, muito menos, lembrada. Nesse contexto, Cunha chega ao ponto de levantar assustadoras reflexões antropológicas e supõe, na interpretação que faz das prováveis tendências antagonistas da formação das raças, que, no nosso caso, foram unidas de forma abrupta, anulando as distinções “naturais” da seletividade dos povos e criando uma “raça inferior”, configurada pelo mestiço:

Como nas somas algébricas, as qualidades dos elementos que se justapõem não se acrescentam, subtraem-se ou destroem-se segundo os caracteres positivos e negativos em presença. E o mestiço – mulato, mamaluco ou cafuz –, menos que um intermediário, é um decaído, sem a energia física dos ascendentes selvagens, sem a altitude intelectual dos ancestrais superiores. Contrastando com a fecundidade que acaso possuía, ele revela casos de hibrididade moral extraordinários: espíritos fulgurantes, às vezes, mas frágeis, inquietos, inconstantes, deslumbrando um momento e extinguindo-se prestes, feridos pela fatalidade das leis biológicas, chumbados ao plano inferior da raça menos favorecida. Impotente para formar qualquer solidariedade entre as gerações opostas, de que resulta, reflete-lhes os vários aspectos predominantes num jogo permanente de antíteses. E quando avulta – não são raros os casos – capaz das grandes generalizações ou de associar as mais complexas relações abstratas, todo esse vigor mental repousa (salvante os casos excepcionais cujo destaque justifica o conceito) sobre uma moralidade rudimentar, em que se pressente o automatismo impulsivo das raças inferiores (CUNHA, 2016:112).

Na realidade, nessa aparente inferioridade atribuída a uma raça em detrimento de outra, Cunha parece pretender desconstruir as absurdas conclusões de sua época, que afirmavam tenazmente distinções tão estúpidas. Analisando seu período inicial, de engenheiro, cientista e matemático, temos a impressão de tratar-se de um pensamento ingênuo e até preconceituoso e preconcebido de que existem raças inferiores e de que estas não conquistam seu lugar por falta de vontade própria. Numa contra-argumentação de suas próprias análises, o autor de *Os sertões* teve outra visão ao se deparar com a realidade canudense e os patriotas soldados de Conselheiro. Dessa feita, passou a interpretá-los como uma raça forte, guerreira, corajosa e que, a despeito do que imaginava, tinha um arsenal de qualidades invejáveis aos mais empolados sujeitos do litoral. Euclides chegou ao ponto de afirmar, orgulhosamente, em sua obra, que “o sertanejo é um forte” e compara-o a um “titã”, numa alusão à força mítica da Grécia antiga:

O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral.

A sua aparência, entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o contrário. Falta-lhe a plástica impecável, o desempenho, a estrutura corretíssima das organizações atléticas.

É desgracioso, desengonçado, torto. Hércules-Quasímodo, reflete, no aspecto a fealdade típica dos fracos. O andar sem firmeza, sem aprumo, quase gigante e sinuoso, aparenta a translação de membros desarticulados. Agrava-o a postura normalmente abatida, num manifestar de displicência que lhe dá um caráter de humildade deprimente (CUNHA, 2016:116).

Portanto, para Euclides, o sertanejo é o que existe de mais autêntico na realidade nacional e essa miscigenação de que ele é o principal fruto é o que faz a grandeza do povo brasileiro. Essa aparente contradição de Cunha nos leva a entender que, assim como todos os seus conceitos positivistas e racionais se transformaram ao longo daquela campanha, suas concepções de raça, atreladas unicamente aos falsos aspectos estéticos, não traduziam o que de fato representava o mestiço. Na realidade, o que passou a enxergar era que a imagem do homem do sertão, espelhada com forte preconceito no litoral, fortalecia um engano, pois o mestiço sertanejo correspondia a uma raça forte e batalhadora pela própria natureza. A inexpressividade física não correspondia ao potencial interior imensurável que o tipo sertanejo espalhava ao superar as atrocidades naturais e aquelas provocadas pelo próprio homem, tornando-o um mestiço inquieto com a dureza da própria realidade. No fundo, a aparente e permanente apatia e fadiga transformam esse matuto: “(...) aquela rude sociedade, incompreendida e olvidada, era o cerne vigoroso da nossa nacionalidade” (CUNHA, 2016:103).

Sobre essa questão, João Henrique Belos Pereira, no artigo “Euclides e o branqueamento”, publicado no livro *Euclides da Cunha: presente e plural*, organizado por Pietrani (2010), confirma que a prisão de Euclides às teorias racistas, no fundo, comprovava a batalha da dualidade dos pensamentos euclidianos:

De um lado, preso às teorias racistas de seu tempo e, de outro, confrontado com a experiência empírica, ao presenciar a resistência sertaneja contra a investida do Exército republicano, o autor percebe a desconexão entre o dado empírico e essas mesmas teorias (PEREIRA, 2010:99).

O autor do artigo preocupa-se em explicar ainda que havia uma discussão entre os cientistas de que na mistura das raças se formaria um ser inferior em todos os aspectos. As mesmas teorias científicas foram confrontadas pelos estudos de Charles Darwin – que afloraram na época de Euclides –, que já concebiam a fertilidade produzida pela mestiçagem racial:

A condenação da mestiçagem se resumia na crença de que os mestiços herdavam sempre as características mais negativas das raças em cruzamento. A mestiçagem, portanto, passou a ser um fenômeno a ser evitado (PEREIRA, 2010:101).

Essa discussão caminha para a comprovação de que a formação do mestiço atesta a teoria euclidiana de suposta explicação para o surgimento de um homem cuja potencialidade aguerrida se configura na força telúrica daquela região e, também, na originalidade de um sujeito formado pela vida causticante. A trajetória que se desenha, entretanto, reproduz a audácia e a predisposição de uma natureza mutável de um batalhador, tenazmente idealizador de um projeto superior e muito mais ousado, capaz de superar-se e de tocar aquilo que mais importa ao homem: a conquista e a tentativa de superação de si mesmo e de seus infortúnios. A luta pela vida acentua as características de cada natureza e confirma uma antítese inquestionável: o sertanejo, ao contrário do que se poderia esperar, potencializa seu sofrimento para projeções de novas ambições e conquistas:

O vaqueiro, porém, criou-se em condições opostas, em uma intermitência, raro perturbada, de horas felizes e horas cruéis, de abundância e misérias tendo sobre a cabeça, como ameaça perene, o Sol, arrastando de envolta no volver das estações, períodos sucessivos de devastações e desgraças. Atravessou a mocidade numa intercadência de catástrofes. Fez-se homem, quase sem ter sido criança. Salteou-o, logo, intercalando-lhe agruras nas horas festivas da infância, o espantinho das secas no sertão. Cedo encarou a existência pela sua fé tormentosa. É um condenado à vida. Compreendeu-se envolvido em combate sem tréguas, exigindo-lhe imperiosamente a convergência de todas as energias. Fez-se forte, esperto, resignado e prático. Aprestou-se, cedo, para a luta (CUNHA, 2016:120).

Cunha ironiza ainda mais quando tenta estabelecer critérios para apresentar a dualidade do sujeito vaqueiro. Esse cidadão acostumado ao sofrimento e à luta tem afeição ao propício descanso interminável, numa rede gostosa e acalentadora. A paradoxal estética de um homem quieto, calado, retraído contrasta com a agitação delineada pelos labores da vida daqueles que viriam a ser os maiores combatentes de uma guerra estranguladora:

Ora, nada mais explicável do que este permanente contraste entre extremas manifestações de força e agilidade e longos intervalos de apatia. Perfeita tradução moral dos agentes físicos da sua terra, o sertanejo do Norte teve uma árdua aprendizagem de reveses. Afez-se, cedo, a encontrá-los, de chofre, e a reagir, de pronto. Atravessa a vida entre ciladas, surpresas repentinas de uma natureza incompreensível, e não perde um minuto de tréguas. É o batalhador perenemente combalido e exausto, perenemente audacioso e forte; preparando-se sempre para um recontro que não vence e em que se não deixa vencer; passando da máxima quietude à máxima agitação; (CUNHA, 2016:121).

O que o vaqueiro apresenta como contraditório em seu comportamento representa o que, em Euclides, compõe a imagem literal do universo humano com seus paradoxos, suas inquietações e suas ironias. A formação do sujeito euclidiano concebe a mesma prática e o que sua engenharia de objetividades insistia em observar, a interioridade dos sujeitos emerge e transforma seus preconceitos cientificistas em reflexões que vão além de qualquer concepção de branqueamento das raças. O homem sertanejo detém peculiaridades e uma força extraordinária brota em seu peito a cada novo cenário adverso.

4.3 - Os contrastes dos homens desse sertão espezinado

Euclides da Cunha, com seus saberes de especialista técnico e de homem incomodado com o poder das letras, pôde, como nenhum outro escritor, dedicar-se às análises entre o perfil científico das questões étnicas e os pormenores que tratam dos elementos contemplativos dessa existência tão peculiar. Nesse sentido, seus conceitos exerceram uma sedução em potencial que aprofundaram debates e a visão, até então apenas retórica, das diferenças que fizeram a composição da natureza formativa do brasileiro. Essa ambiguidade conceitual que permeou o gosto de Euclides se alicerçou pela procura dos detalhes do inconcluso, do reflexivo e do contraditório no homem. O escritor Gilberto Freire, na introdução que fez no volume I da *Obra completa* de Euclides da Cunha, publicada em 1966, fala da busca de Euclides pelo “espírito caboclo”. Freire confirma que Canudos despertara em Euclides o mais intenso dos brasileirismos e, nessa procura, ele juntou a formação de engenheiro com a preocupação de sociólogo:

(...) Ele nunca se contentou em ser nem beletista nem subeuropeu: o escritor, em Euclides, incluiu sempre o engenheiro e implicou sempre em viva e até vibrante solidariedade do autor com o indígena do Brasil. Com o caboclo. Com o “tapuio”: um “tapuio” que dentro dele se conciliasse com o “celta” e com o “grego” (FREYRE in CUNHA, 1966:23-24).

Não somente o indígena, mas todo o contingente de esquecidos que sobreviviam no país formaria a camada melhor destacada por Euclides na sua obra. Essa opção de Cunha pela visão antropológica daqueles sertões, aliada à visão de interpretação aguçada pela literariedade, se consolidou devido à opção, segundo afirma o professor José Carlos Santana (2001), de uma análise da história social da problemática sugerida feita por Euclides. O professor confirma que Euclides levou em conta fatores ideológicos, políticos, econômicos e, principalmente, sociais na construção do seu texto:

A opção metodológica dos trabalhos que se contrapõem à historiografia tradicional é a adoção de uma concepção mais relacionada à história social das ciências, que as vê como uma construção social, importando entendê-la para além dos pensamentos e ideias, como um componente cultural, o que significa levar em consideração os parâmetros da época da sua produção, estudando os processos que levaram à adoção e modificações de seus conceitos, modelos e práticas, contextualizando-os em meios a outros fatores ideológicos, políticos, econômicos, etc. (SANTANA, 2001:27).

De fato, as palavras de Euclides apontam para uma formação social que se constitui desde sempre desigual, com uma ação do homem contra seus pares que prejudicaram a criação de um ambiente sem tantos muros e a falta de pontes impediram a troca e o convívio saudável. O que em alguns lugares do mundo se viu como foco central para tornar o ambiente um local potencialmente melhor para se viver, no Brasil se constituiu uma ilusão, gerando barreiras intransponíveis da exploração e da seletividade social e que exterminaram o senso de justiça do homem. Nessa ótica, o anúncio dos conflitos e das adversidades virou fato frequente e Euclides constatou essa disparidade ao deparar-se com uma guerra em que tais dificuldades sociais saltaram-lhe aos olhos. Ele explicitou uma Canudos coberta de miséria, dor e sangue; e uma população sertaneja sempre abandonada a um destino cruel e submetida a uma forma peculiar de infortúnios que remontava à própria história mestiça da nação.

O drama de consciência em que Euclides da Cunha parecia estar submerso implicava considerações e análises sobre os contrastes observados naqueles homens oriundos de um país sertanejo sofrido e acentuadamente preso às divergências sociais de seu tempo. Dessa forma, considerar os elementos rotos daquela terra ignota nos permite interpretar quantos trajetos ainda se precisará percorrer para assumirmos nossas agruras sociais e também entendermos a dinâmica que move as pessoas desse lugar. Vale considerar, ainda, que a tendência etnocêntrica de sua obra nos permite interpretar o que Euclides considera grande e solene nesse homem sertanejo, tão bruto e tão marginalizado. Esse sujeito lançado no sertão para ser esquecido guerreia contra uma série de injustiças que infestaram nossa terra e rejeitam a formação de um ambiente obscuro e desprezível para nossa nacionalidade. De forma complementar, percebemos nos intérpretes da realidade nacional, antecessores de Euclides, a apresentação do quanto foi cruel a visão das raças originais e, a despeito das intenções dos nossos colonizadores, incentivaram um profundo debate sobre as características do nosso povo e Cunha se permite dialogar com eles. Esse aspecto foi constatado também por Ronaldo de Melo e Souza, em seu livro *A geopoética de Euclides da Cunha* (2009), ao nos apresentar que o narrador euclidiano também se fortalece como um investigador dialético, que instiga e discute a realidade nacional:

No exame prévio das dificuldades suscitadas pelos intérpretes que o antecederam na avaliação do entrecruzamento étnico no Brasil, o investigador dialético se prepara para uma resolução mais compreensiva da realidade nacional (SOUZA, 2009:53).

Nesse aspecto, constatamos que as complexidades etnológicas e religiosas presentes naqueles sertões colaboraram para a compreensão de alguns enigmas da história de Canudos – e do Brasil. Essa postulação dialética se constitui, segundo Ronaldo, como o grande litígio euclidiano, em que as constituições do homem, e mais especificamente, dessa raça sertaneja, confrontam os conceitos litorâneos de Euclides, que cria numa pretensa superioridade das raças europeias – “mais cultas e desenvolvidas” – em detrimento de uma formação etnológica centrada na mestiçagem:

O início da segunda parte de Os sertões, intitulada “O homem”, constitui o preâmbulo anunciador de um longo debate dialético. (...) que antecipa o tema do mestiço, o motivo do seu comportamento e o tom polêmico da narrativa que relata o drama da formação do homem brasileiro (SOUZA, 2009:53).

Dessa forma, confirma-se em Souza (2009) que os aspectos norteadores da gênese sertaneja são inconclusivos e requerem assinalar inúmeros desdobramentos sinalizadores das reticências do perfil constitutivo desse povo, múltiplo em suas formas físicas, mas uniforme no vigor da luta pela existência:

O próprio narrador se caracteriza como investigador dialético ao convidar o leitor para o exercício complexo de uma visão dual, em que se torna possível focalizar os aspectos repulsivos e atraentes do fenômeno investigado. Para além da mirada monocular de quem contempla a realidade, classificando-a em compartimentos demarcados de uma vez para sempre em oposições irredutivelmente antagônicas, o narrador euclidiano adota um ponto de vista mais abrangente, capaz de captar a natureza ambivalente do homem em geral e do sertanejo em particular. Mais do que dual, a perspectiva requerida pelo investigador dialético se desdobra em múltiplos enfoques hermenêuticos (SOUZA, 2009:59).

Pode-se perceber, portanto, que, para Ronaldo, Euclides não somente expõe aspectos formais da figura mestiça e seus desdobramentos étnicos, mas também pretende captar as ambivalências dessa nova construção humana – além de instigar os debates na conservadora comunidade científica de que fazia parte. Em sua obra, Euclides prende-se a pormenorizar alguns sujeitos tão intrigantes do cenário de Canudos que se constituíram no mais elevado aprofundamento irônico a partir de suas características pessoais e do próprio desenvolvimento das suas histórias de vida. Um deles foi Antônio Conselheiro, descrito pelo próprio Euclides como a verdadeira imagem do antagonismo latente que se expôs naquela empreitada tão atroz:

...E surgia na Bahia o anacoreta sombrio, cabelos crescidos até aos ombros, barba inculta e longa: face escaveirada; olhar fulgurante; monstruoso, dentro de um hábito azul de brim americano; abordado ao clássico bastão, em que se apoia o passo tardo dos peregrinos... (CUNHA, 2016:160).

A imagem que coube a Antônio Vicente Mendes Maciel (o Conselheiro) traduz-lhe um punhado de características que explicam tanta estranheza dos desconhecidos por aquela figura bizarra de homem. Paradoxalmente, o mesmo sujeito descrito representa aquele que trouxe nova concepção para os assombros tamanhos que ocorreram em tão turbulento tempo, e no detalhamento que faz desse retrato de terror pintado pelas autoridades daquela época, Euclides parece querer pormenorizar ainda mais a estranheza estética que compunha aquele líder incomum:

“Vestia túnica de azulão, tinha a cabeça descoberta e empunhava um bordão. Os cabelos crescidos sem nenhum trato, a caírem sobre os ombros; as longas barbas grisalhas mais para brancas; os olhos fundos raramente levantados para fitar alguém; o rosto comprido de uma palidez quase cadavérica; o porte grave e ar penitente” impressionaram grandemente os recém-vindos (CUNHA, 2016:206).

De fato, no relato histórico sobre Canudos, verifica-se a sisudez na figura de Antônio Conselheiro, aquele que representou o líder máximo da turbulenta vida de Canudos e sua guerra. As considerações de Euclides sobre as coletividades anormais, geradas pelo movimento de Antônio Conselheiro e seu messianismo, naquelas agastadas terras sertanejas, propiciam conduções a conceitos temporais extremados e já presentes em seu tempo, como a expansão e a competição entre os povos. No artigo de Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros, “Canudos e Contestado: reflexões antropológicas sobre educação, violência e literatura”, fica evidente que o beato Antônio Conselheiro construiu intensos ruídos de um sertão já desenhado tão desigual em seu tempo. Os antagonismos que presenciava e que o empurraram para a batalha de Canudos confirmam um painel inquieto daquele final de século:

Quando Antônio Conselheiro chegou com seu povo a Canudos, ainda não havia a lei de cerca para as propriedades, estando ausentes alguns fazendeiros, como, por exemplo, a proprietária da Fazenda Canudos, onde o beato se estabelece de começo, coordenando a construção de moradias para aquele povo que o acompanhava. Os mais ricos de Canudos (Macmbir, Quinquim de Coiqui, os Rola) demarcam e lhe entregam as terras para a construção da igreja e sua manutenção, e assim se estabelece a ampliação do povoado, rebatizado pelo beato como Belo Monte, para onde se dirigem aceleradamente milhares de mendigos, desempregados, índios fugidos dos missionamentos, de Rodelas e Mirandela, ex-escravos, desempregados, aleijados e todos a quem o beato se referia com “os mal-aventurados”. O crescimento vertiginoso do povoado exigia rápida ampliação dos campos de cultivo e a construção urgente de moradias para o povo que chegava diariamente, como afirmava o Barão em cartas cada vez mais alarmantes,

principalmente responsabilizando o agrupamento pela escassez de trabalhadores nas fazenda (BARROS, 2015:86-87).

Acostumado desde cedo aos dissabores de uma vida desgraçada, o messias Conselheiro passou etapas de intensos percalços. A vida lhe trouxe grandes desafios, com a vida familiar difícil e, percorrendo vastas terras secas e complicadas, o Antônio Conselheiro se consolida como líder e “santo” em Canudos por meio de um carisma impagável, que contrariava uma aparência transloucada, como se verifica neste trecho:

Da mesma forma que o geólogo interpretando a inclinação e a orientação dos estratos truncados de antigas formações esboça o perfil de uma montanha extinta, o historiador só pode avaliar a altitude daquele homem, que por si nada valeu, considerando a psicologia daquela sociedade que o criou. Isolado, ele se perde na turba dos nevróticos vulgares. Pode ser incluído numa modalidade qualquer de psicose progressiva. Mas posto em função do meio, assombra. É uma diátese, e é uma síntese. As fases singulares de sua existência não são, talvez, períodos sucessivos de uma moléstia grave, mas são, com certeza, resumo abreviado dos aspectos predominantes de mal social gravíssimo. Por isto o infeliz destinado à solicitude dos médicos veio, impelido por uma potência superior, bater de encontro a uma civilização, indo para a história como poderia ter ido para o hospício (CUNHA, 2016:148).

No contraponto do que se poderia imaginar, a realidade trágica da vida desse líder imputara-lhe, estranhamente, um vigoroso dinamismo concebido através de um longo aprendizado de martírios. O asceta Conselheiro trazia em sua bagagem particular infortúnios incontáveis, como a fome, a sede, as fadigas todas, as angústias recalçadas, as dores e as misérias mais profundas. Em contrapartida, esse profeta do sertão era dotado de uma oratória inexplicável, que beirava o assombro, tamanha sua perspicácia apocalíptica e sua fala acalorada, e promove a união – intrigante – de uma massa de rejeitados de toda sorte. Os seguidores do beato ouviam seus discursos – um misto de revelações futuras, com preceitos cotidianos da moral cristã e um sem-número de profecias – com arrepios e assombros que atingiam o descambar de qualquer bom senso. E Euclides assim o analisa:

Antônio Conselheiro foi um gnóstico bronco.

[...]

Paranoico indiferente, este dizer, talvez, mesmo não lhe possa ser ajustado, inteiro. A regressão ideativa que patenteou, caracterizando-lhe o temperamento vesânico, é, certo, um caso notável de degenerescência intelectual, mas não o isolou – incompreendido, desequilibrado, retrógrado, rebelde – no meio em que agiu.

[...]

Ao contrário, este fortaleceu-o. Era o profeta, o emissário das alturas (...) tendo uma função exclusiva: apontar aos pecadores o caminho da salvação. Satisfiz-se sempre com este papel de delegado dos céus. Não foi além (CUNHA, 2016:151).

Essa liderança estranha, mas carismática, produziu naquele momento da história um representante corajoso – senão utópico – para a luta de uma série de matutos que, cansados de tanto sofrimento, viam no Conselheiro um homem preparado para a ação contra um governo que, na visão dos desvalidos, era injusto e maldito. Euclides atesta a grande influência adquirida por Conselheiro:

Todas as crenças ingênuas, do fetichismo bárbaro às aberrações católicas, todas as tendências impulsivas das raças inferiores livremente exercitadas na indisciplina da vida sertaneja, se condensaram no seu misticismo feroz e extravagante. Ele foi, simultaneamente, o elemento ativo e passivo da agitação de que surgiu. (...) Os traços mais típicos do seu misticismo estranho, mas naturalíssimo para nós, já foram, dentro da nossa era, aspectos religiosos vulgares. Deixando mesmo de lado o influxo das raças inferiores, vimo-los há pouco, de relance, em períodos angustiosos da vida portuguesa (CUNHA, 2016:149-150).

Contudo, essa resistência produziria, por numerosos episódios de insurreição, ora discreta, ora descarada, a execução de um dos maiores martírios que se desenhava para aquele povo, considerado como um grupo formado por vadios e desocupados, informação precisamente destacada também por Euclides:

Já em 1876, segundo o testemunho de um sacerdote, (...), lá se aglomerava, agregada à fazenda então ainda florescente, população suspeita e ociosa, "armada até os dentes" e "cuja ocupação, quase exclusiva, consistia em beber aguardente e pitar uns esquisitos cachimbos de barro em canudos de metro de extensão" (CUNHA, 2016:179).

O beato tornado líder conduziria aqueles sujeitos para a redenção, após tantos dissabores de uma sofrida vida terrena. Dessa forma, Euclides preocupa-se em detalhar o apostolado remido daquele asceta, num lugarejo obscuro, cuja composição social apresentava uma série de excluídos, que foram responsáveis pela arrumação do palco para um espetáculo trágico:

Considerando em torno, o falso apóstolo, que o próprio excesso de subjetivismo predisusera à revolta contra a ordem natural, como que observou a fórmula do próprio delírio. Não era um incompreendido. A multidão aclamava-o representante natural das suas aspirações mais altas. (...) o meio reagindo por sua vez amparando-o, corrigindo-o, fazendo-o estabelecer encadeamentos nunca destruído nas mais exageradas concepções, certa ordem no próprio desvario, coerência indestrutível em todos os atos e disciplina rara em todas as paixões, de sorte que ao atravessar, largos anos, nas práticas ascéticas, o sertão alvorotado, tinha na atitude, na palavra e no gesto, a tranquilidade, a altitude e a resignação soberana de um apóstolo antigo (CUNHA, 2016:149).

Esse mesmo beato, segundo relatos de Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros, no artigo "Canudos e Contestado: reflexões antropológicas sobre educação, violência e literatura",

publicado no livro *Euclides, mestre-escola*, passou a ser ferozmente perseguido até mesmo pelas dioceses, que o consideravam um risco à ordem política e religiosa. Em carta expedida pela alta cúpula daqueles que desprezavam os ganhos advindos do cuidado com os mais necessitados, essa perseguição é fielmente assumida:

Está declarada a perseguição ao mundo beato, suas crenças e práticas. As perseguições da polícia, insuflada pela alta hierarquia católica, aumenta a peregrinação dos pregadores, que penetram cada vez mais no sertão, atravessando estados, como Antônio Vicente Mendes Maciel – Antônio Conselheiro, o beato que sai do Ceará, passa por Sergipe, construindo açudes, cemitérios e igrejas, enquanto organiza mutirões com seus seguidores para as construções e a produção de alimento para a população, até se fixar em Canudos, convidado pelos habitantes do povoado para construir uma nova igreja para o patrono Santo Antônio. Era o ano de 1893 e já o acompanhavam centenas de pretos libertos pela abolição em 1888, sem terra, moradia e qualquer assistência do Estado, vagando pelos caminhos, configurando uma queda aguda de mão de obra nas fazendas dos grandes proprietários, como o Barão de Jeremoabo, que inicia ativa correspondência com autoridades do governo, denunciando o risco que representava a numerosa quantidade de pessoas fora do controle dos patrões. Os beatos já eram peregrinos que se deslocavam pelo sertão, pregando a nova interpretação do evangelho, hoje estudada como catolicismo popular (BARROS, 2015:85).

Nesse sentido ainda, Ronaldes de Melo e Souza, em sua já referida obra, *A geopoética de Euclides da Cunha* (2009), observa que a visão que se alicerça sobre a figura emblemática de Antônio Conselheiro ratifica a concentrada dose de paradoxos que esse sujeito retém. Para uns, considerado desequilibrado, para outros, o messias salvador prometido para a redenção. Entretanto, em qualquer descrição que tentarem enquadrá-lo, se esbarrará na pretensão de uma síntese incompleta daquele que foi um produto de um meio social injusto e conturbado:

Antônio Conselheiro transcende seu meio impregnado de crenças mestiças, adquire relevo histórico, irmanando-se, com antecessores ilustres. A ironia do narrador transparece na enunciação curta e incisiva: “E eram normais”. O narrador questiona a insanidade do Conselheiro ao chamá-lo de “gnóstico bronco”. No parágrafo oito, o profeta de Canudos se nos apresenta na inspeção superciliosa da clínica médica como paciente paranoico. Numa reversão dialética, o décimo sétimo parágrafo se contrapõe ao oitavo: “Paranoico indiferente, este dizer, talvez, mesmo não lhe possa ser ajustado, inteiro”. Alega-se que seu “temperamento vesânico” não o isolou “no meio em que agiu”. No décimo oitavo parágrafo, o narrador se intimiza com os canudenses ao representar Antonio Conselheiro na perspectiva de seus discípulos: “Era o profeta, o emissário das alturas [...] tendo uma função exclusiva: apontar aos pecadores o caminho da salvação (SOUZA, 2009:63).

Assim, convém assinalar que destacar o valor de um personagem tão coberto de singularidades e contraposições nos impele a interpretá-lo de forma limitada à obra euclidiana. O profeta Conselheiro se consagrou não somente pelo caráter espiritual que

exerceu, mas por carregar exponencialmente a virtude da liderança nas batalhas. Os seus conceitos, opiniões e escolhas formaram um lutador cujo sentido social para o Brasil superou qualquer papel não comum aos oprimidos. Nesse sentido, Antônio Conselheiro confirmou-se como líder não somente da guerra em Canudos, mas “transforma-se no herói sublime e patético do drama trágico” (SOUZA, 2009:79). Mesmo aniquilado, tornou-se a potencialidade de toda a capacidade humana de ir além das limitações físicas e sociais e criou nova perspectiva para projetos e sonhos de seres inquietos de todos os tempos, contrariando as próprias imagens preconceituosas que Euclides da Cunha tinha dele.

Além de Antônio Conselheiro, outras figuras antagônicas povoaram a narrativa dos sertões, como os chamados jagunços. Um grupo significativo de indivíduos que para Canudos se mudou, aumentando consideravelmente a população canudense, que nos tempos de guerra relatados por Euclides, representava uma parcela de pessoas com origens e comportamentos diversos. Segundo Euclides da Cunha, esses indivíduos buscavam assento seguro naquelas regiões e, crédulos de uma outra vida, ainda que fosse na eternidade, lutaram fielmente ao lado do beato. Dessa forma, Canudos passara a representar não apenas minúscula região baiana, mas o próprio novo mundo, cheio de oportunidades e de vida:

(...) do crente fervoroso abdicando de si todas as comodidades da vida noutras paragens, ao bandido solto, que lá chegava de clavinote ao ombro em busca de novo campo de façanhas, se fez a comunidade homogênea e uniforme, massa inconsciente e bruta, crescendo sem evolver, sem órgãos e sem funções especializadas, pela só justaposição mecânica de levas sucessivas, à maneira de um polipeiro humano. É natural que absorvesse, intactas, todas as tendências do homem extraordinário do qual a aparência proteica – de santo exilado na terra, de fetiche de carne e osso e do bonzo claudicante – estava adrede talhada para reviver os estigmas degenerativos de três raças.

Aceitando, às cegas, tudo quanto lhe ensinara aquele; imersa de todo no sonho religioso; vivendo sob a preocupação doentia de outra vida, resumia o mundo na linha de serranias que a cingiam. Não cogitava instituições garantidoras de um destino na terra.

Eram-lhes inúteis. Canudos era o cosmos (CUNHA (2016:187).

Nesse aspecto, vale considerarmos ainda as dificuldades para se interpretar os indivíduos mencionados na obra euclidiana, que destaca uma grande quantidade de pessoas com especificidades frequentemente postas em questão. Os jagunços – aliados de Canudos, oriundos dos vaqueiros – correspondem à mais delicada parcela de um grupo distinto e desbalanceado, cujas habilidades poderiam ir de um extremo a outro em questão de pouco tempo, e Euclides destaca essa imagem intrigante:

Por outro lado, fatos igualmente impressionadores contrabatem tais aberrações. A alma de um matuto é inerte ante as influências que a agitam.

De acordo com estas pode ir da extrema brutalidade ao máximo devotamento (CUNHA, 2016:144).

A potência da partilha de múltiplas personalidades sinaliza o quanto a inércia de uma sociedade patriarcal conservadora, e que não leva em conta os demais componentes históricos que a compõem, colide com a incontestável diversidade existente. Ao destacar a figura do sertanejo como aquele matuto que se metamorfoseia em jagunço, Euclides parece transferir para sua experiência pessoal de escrita um antigo preconceito de raças, cujo anseio pela revolta se consolidará naquela luta contra os opressores. Sob sua nova visão, os espaços ocupados em sua obra levam-nos à reflexão expansiva de outros elementos que concorrem para a plena compreensão das relações de seu tempo. Esse desconcerto do autor, entre um aguçado ideal republicano e suas constatações divergentes, no próprio local do confronto, ampliou a contemplação de um universo ilimitado de questões. Sobre esse aspecto, Souza (2009), citando artigo de Walnice Nogueira Galvão, no livro *América Latina: palavra, literatura e cultura* (1994), destaca que a autora aponta a incapacidade de análise plena de alguns dos autores, ao se referirem à obra de Euclides da Cunha, já que não concebem a amplitude da análise sociológica e literária que Euclides expõe na sua narrativa:

A síntese é impossível: a verdade do livro está em suas contradições. As ideias vão e voltam, o argumento que se expõe num dado passo é seguido de seu contrário, logo depois ou centenas de páginas adiante. Tudo isso representa, no seu movimento de vaivém, a impossibilidade da inteligência brasileira de entender o fenômeno e de tomar um e um só partido. Essa dificuldade é de ontem e é de hoje. O livro narra o movimento da inteligência, que, no caso, é de seu autor, em demanda da síntese impossível reveladora da verdade (GALVÃO apud SOUZA, 2009: 66)

A autora percebeu que Euclides destacava enfaticamente a necessidade de se enxergar um país em suas múltiplas diversidades, nunca desprezando as originalidades caboclas. E essa intensificação da realidade está presente no texto de Euclides, ainda que lhe pese a figuração literária como forma de amenizar a pesada elaboração de seu texto. Na introdução da *Obra completa* de Euclides da Cunha, publicada em 1966 (já citada anteriormente), Gilberto Freyre também destaca esses valores e peculiaridades, cuja notoriedade se representa num sujeito denunciador dos conflitos de classe, mas também um sensível observador das capacidades sertanejas:

Foi intensificando e até exagerando na realidade o que dela lhe surgisse aos olhos e à sensibilidade como mais real que a realidade, que ele nos deixou, além de um retrato, hoje clássico, de sertanejo, vários retratos menores, mas igualmente significativos, de homens-símbolo.
(...)

Esse humanismo científico ele o aplicou principalmente a temas brasileiros: à análise de homens ou de populações regionais e nacionais à qual acrescentou não só a revelação de intimidades características desses homens e dessas populações como a glorificação de valores por eles, a seu ver, encarnados (FREYRE in CUNHA, 1966:28-29).

No percurso narrativo que imprimiu ao seu primoroso texto, Euclides acentuou, acima de tudo, a sensibilidade da alma sertaneja. De fato, os olhares direcionados para o que concerne ao visível e ao concreto não dão conta de uma análise séria da obra *Os sertões*. Euclides da Cunha propiciou aos seus leitores um mergulho profundo em outros perfis dos sertanejos e a mestiçagem, que tantas vezes se preocupa em expor, reflete o cerne de sua concepção mais enfática sobre a constituição dual dos sujeitos: somos todos, mestiços ou não, matéria e pensamento em constante simultaneidade.

De forma adicional, Euclides destaca outra figura emblemática da guerra em Canudos, em sua obra. Trata-se de uma das mais expressivas e irônicas personagens daquele evento, o coronel Moreira César. Homem de tenacidade rara, coronel de infantaria preparado e líder de uma ímpar empreitada vingadora, Antônio Moreira César foi a figuração mais contundente e paradoxal da campanha de Canudos. Seu trajeto militar foi glorioso em aclamações e grandes batalhas, desde a Campanha Federalista do Rio Grande, passando pela Revolta da Armada, ocorrida em 1893, no Rio de Janeiro. Entretanto, sua imagem era de um tipo de aspecto reduzido, apesar de sua pretensão de mostrar-se tão altivo, conforme destaca Euclides da Cunha:

De figura diminuta – um tórax desfibrado sobre pernas arcadas em parênteses – era organicamente inapto para a carreira que abraçara. Faltava-lhe esse aprumo e compleição inteiriça que no soldado são a base física da coragem. Apertado na farda, que raro deixava, o dólmã feito para ombros de adolescente frágil agravava-lhe a postura. A fisionomia inexpressiva e mórbida completava-lhe o porto desgracioso e exíguo (CUNHA, 2016:281).

Apesar dessa aparente fragilidade, o coronel caracterizava-se como um consagrado líder militar que, em muitos momentos, mostrou-se cruel, buscando a exaltação do exército como combustível para atrocidades mil. Na realidade, Moreira César, de características estéticas tão opostas – baixinho e sem presença, mas ativo e gigante na luta –, construiu um ideal que se consumiu abruptamente no limiar da guerra. Na descrição que Euclides faz dele, sua cólera e mau humor se diluíam na postura impassível e rígida que mantinha:

Os que pela primeira vez o viam custava-lhes admitir que estivesse naquele homem de gesto lento e frio, maneiras corteses e algo tímidas, o campeador brilhante, ou o demônio cruelíssimo que idealizavam. Não tinha os traços

característicos nem de um, nem de outro. Isto, talvez, porque fosse as duas coisas ao mesmo tempo (CUNHA, 2016:281).

No fundo, Moreira César era, segundo Euclides, um desequilibrado. Sua dedicação carregava o extremo ódio e a calma soberana, lado a lado. Era a mais nítida imagem da assimetria: repentes de desconcerto com o mundo, misturados a uma bravura cavalheiresca. Durante a barbárie orquestrada pelo governo contra Canudos, o coronel foi o traço preponderante, mostrado pela clareza na execução das ordens. Euclides destaca da seguinte forma essa alma antagônica e impassível e que representava o que de mais contraditório poderia existir no exército:

(...) Naquela individualidade singular entrecrocavam-se, antinômicas, tendências monstruosas e qualidades superiores, umas e outras no máximo grau de intensidade. Era tenaz, paciente, dedicado, leal, impávido, cruel, vingativo, ambicioso. Uma alma proteiforme, constrangida em organização fragílissima (CUNHA, 2016:282).

A despeito de seu preparo e de sua argúcia para a batalha, Moreira César falhou gravemente nas suas estratégias e na minimização sobre a capacidade dos sertanejos em resistir aos embates. Faliu ao ataque de uma simples bala, que o deixou instantaneamente “fora de combate”. Aquela potência militar de tamanha envergadura e arrogância fora mortalmente abatida de maneira singela e desconcertante, passando a representar, dessa forma, um paradoxo extremado de qualquer guerra. Esse homem de físico tão incoerente com as pretensões militares foi nomeado para essa expedição com a intenção premeditada de liquidação da ameaça alicerçada em Canudos. Todavia, seus desatinos culminaram em sua própria derrocada. Seus ímpetos de impulsividade e improviso custaram-lhe a própria vida. Aquele homem de relevo forte e energia feroz fascinava pela altivez e opulência, mas se desgraçou sem sequer causar qualquer temor ao inimigo.

Euclides parece querer destacar o quanto de antagônico existia naquele episódio catastrófico pensado pelo governo contra Canudos. Enfoca agora a batalha das contradições que ganhava novo relevo histórico e em que o imponente guerreiro militar se abate diante de meros sertanejos emboscados:

Aquilo não era um assalto. Era um combater temerário contra barricada monstruosa, que se tornava cada vez mais impenetrável à medida que a arruinavam e carbonizavam, porque sob os escombros, que atravancavam as ruas, sob os tetos abatidos e entre os esteios fumegantes, deslizavam melhor, a salvo, ou tinham mais invioláveis esconderijos, os sertanejos emboscados (CUNHA, 2016:324).

Além de Moreira César, outros líderes militares assumiram essa liderança sangrenta e sofreram semelhante derrota. Inúmeros, também, foram os soldados que emudeceram e os grandes chefes de brigadas que tiveram sua história apagada diante de um mínimo gatilho nas mãos de matutos “inexperientes e teleguiados” que acreditavam na soberania do seu líder e nos utópicos propósitos dessa guerra para alcançar plenitude combativa. Batalha após batalha, expedições e mais expedições marcaram os terríveis dissabores da guerra para ambos os lados e com maior decepção para os que lutavam ao lado do governo, conforme enfoca Euclides:

Era um desfilar cruel. Oficiais e soldados, uniformizados pela miséria, vinham indistintos, revestidos do mesmo fundamento inclassificável: calças em fiapos, mal os resguardando, como tangas; camisas estraçoadas; farrapos de dólmas sobre os ombros; farrapos de capotes, em tiras, escorridos pelos torsos desfibrados, dando ao conjunto um traço de miséria trágica. Coxeando, arrastando-se penosamente, em cambaleios, titubeantes e imprestáveis, traziam no escavado das faces e na atitude dobrada um traço comovente da campanha. Esta desvendava pela primeira vez a sua feição real, naqueles corpos combalidos, varados de balas e de espinhos, retalhados de golpes (CUNHA, 2016:463).

Euclides da Cunha atesta ainda que, por outro lado, soldados espertos e bem treinados, que formavam um arsenal de elementos heterogêneos, composto de sujeitos de várias cores e raças, lutavam uma batalha que não lhes pertencia, mas que, ironicamente, iria compor a fatalidade de suas próprias vidas:

(...) Homens de todas as cores, amálgamas de diversas raças, parece que no sobrevir dos lances perigosos e no abalo das emoções fortíssimas, lhe preponderam, exclusivas, no ânimo, por uma lei qualquer de psicologia coletiva, os instintos guerreiros, a imprevidência dos selvagens, a inconsciência do perigo, o desapego à vida e o arremesso fatalista para a morte (CUNHA, 2016:305).

Essa atração inconsequente pela luta acrescenta ao soldado a loucura e a cegueira. Encorajados por um projeto falível e fadado ao fracasso, homens de difusas etnias são levados aos sertões para uma inusitada campanha militar. Destaca Euclides, na mesma medida, o pânico e a bravura que se confundem, o pavor e audácia que se entrelaçam, constituindo um acampamento de homens loucos por matar e confundidos à cegueira de que vão morrer:

(...) O mesmo estonteamento e o mesmo tropear precipitado entre os maiores obstáculos, e a mesma vertigem, e a mesma nevrose torturante abalando as fileiras, e a mesma ansiedade dolorosa, estimulam e alucinam com idêntico vigor o homem que foge à morte e o homem que quer matar (CUNHA, 2016:309).

A fronteira entre a paixão e a alucinação se mistura e provoca uma metamorfose de emoções violentas e instáveis que transfiguram a improvável estratégia militar concreta.

Assim como o anti-herói Moreira César, os soldados entrecruzam seus próprios sentimentos mistos e agonizam diante das investidas aguerridas dos caboclos alistados para a guerra. No ápice da empreitada, Euclides enfoca o sentimento reinante numa estranha luta, por um estranho ideal, com estranhos inimigos, por uma pátria desconhecida e procurada:

Os novos expedicionários ao atingirem-no perceberam esta transição violenta. Discordância absoluta e radical entre as cidades da costa e as malocas de telha do interior, que desequilibrava tanto o ritmo do nosso desenvolvimento evolutivo e perturba deploravelmente a unidade nacional. Viam-se em terra estranha. Outros hábitos. Outros quadros. Outra gente. Outra língua mesmo, articulada me gíria original e pinturesca. Invadia-os o sentimento exato de seguirem para uma guerra externa. Sentiam-se fora do Brasil. A separação social completa dilatava a instância geográfica; criava a sensação nostálgica de longo afastamento da pátria.

Além disso, a missão que ali os conduzia frisava, mais fundo, o antagonismo. O inimigo lá estava, para leste e para o norte, homiziado nos sem-fins das chapadas, e no extremo delas ao longe, se desenrolava um drama formidável...

Convinha-se em que era terrivelmente paradoxal uma pátria que os filhos procuravam, armados até os dentes, em som de guerra, despedaçando as suas entranhas a disparos de Krupps, desconhecendo-a de todo, nunca a tendo visto, surpreendidos ante a própria forma da terra árida, e revolta, e brutal, esvurmindo espinheiros, tumultuando em pedregais, esboroando em montanhas derruídas, escancelada em grotões, ondeando em tabuleiros secos, estirando-se em planuras nuas, de estepes... (CUNHA, 2016:493).

Os filhos dessa pátria desconhecida conjugaram uma série de terríveis assombros, e os contrastes que compunham essas gerações acentuaram os desconcertos da empreitada canudense. Os objetivos extremos para um e outro lado acabaram convergindo para uma mesma conclusão: Canudos foi o retrato da intolerância, ignorância e exclusão.

4.4 - Civilização de empréstimo

Para Euclides, outro dado comprovado da realidade social que se desenha no Brasil há séculos foi a imposição de um modelo de civilização que desconsiderava de maneira enfática as nossas mais pungentes origens. Desqualificar o negro ou o índio, rebaixar o europeu que aqui aportou, além de ignorar o rendimento étnico que foi produzido pela mistura dessas raças constituíram um equívoco etnocêntrico que ainda perdura. Essa linha retrógada de pensamento, que privilegiava a exaltação de uma raça em detrimento de outras, fortaleceu as maiores injustiças já evidenciadas na nação. Euclides diz que o país ganhou forma fora dos seus moldes étnicos reais porque, ironicamente, assumiu um pressuposto de empréstimo que não levou em conta de onde viemos e, muito menos, quem de fato somos:

Vivendo quatrocentos anos no Brasil vastíssimo, em que palejam reflexos da vida civilizada, tivemos de improviso, como herança inesperada, a

República. Ascendemos, de chofre, arrebatados na caudal dos ideais modernos, deixando na penumbra secular em que jazem, no âmago do país, um terço da nossa gente. Iludidos por uma civilização de empréstimo; respingando, em faina cega de copistas, tudo o que de melhor existe nos códigos orgânicos de outras nações, tornamos, revolucionariamente, fugindo ao transigir mais ligeiro com as exigências da nossa própria nacionalidade, mais fundo o contraste entre o nosso modo de viver e o daqueles rudes patrícios mais estrangeiros nesta terra do que os imigrantes da Europa. Porque não no-los separa um mar, separam-no-los três séculos... (CUNHA, 2016:201).

O que se verifica nos relatos de Euclides da Cunha são imagens muito além do senso comum pré-estabelecido sobre os sertanejos e os sertões brasileiros. Para o escritor Gilberto Freyre, na já citada introdução que faz da *Obra completa* de Euclides, de 1966, Euclides deixa impressões da guerra que precisavam ser observadas não pelo viés policial, mas sociológico. Com isso, Euclides assume frutíferos questionamentos da desigual e injusta formação social da nossa terra. Desde sempre, a condição humana da pluralidade impõe a prioridade no ato de sensibilizar-se com o outro. No entanto, essa fratura nacional poderia recriar e trazer crescimento, não sustentando o desconcerto apontado inicialmente por Euclides. Ao contrário disto, os acontecimentos o desestabilizaram e o fizeram perceber não somente a incomum formação étnica que temos oriunda de uma profunda mistura de raças, mas também o fizeram sensibilizar-se com o flagelo da guerra, que se desdobrou em muitos infortúnios. O egoísmo, a ganância e a insensibilidade dos dominadores dessas terras tropicais continentais agravaram questões muito mais sérias do que a “impureza” mestiça. Por isso, Gilberto Freyre destaca que, em Euclides, o que importava eram as formas desses sujeitos, muito mais do que seus traços:

Foram precisamente os traços dos seus retratados que ele retocou e alterou, para neles acentuar características a seu ver essenciais. Nos seus ensaios, ele nos põe diante de retratos de homens e de interpretações de paisagens traçados por uma técnica singularmente sua em que ao impressionismo se acrescenta por vezes um expressionismo arrojado e personalíssimo: a intensificação na realidade do que nela o escritor encontrou de mais real. Foi intensificando e até exagerando na realidade o que dela lhe surgisse aos olhos e à sensibilidade como mais real que a realidade, que ele nos deixou, além de um retrato, hoje clássico, de sertanejo, vários retratos menores, mas igualmente significativos, de homens-símbolos (FREYRE in: CUNHA, 1966:28).

A incapacidade em reconhecer os sonhos e as carências das vozes sertanejas incrementou combates e fez calar a autêntica palavra de quem sofria. Em decorrência dessa falta de ouvidos, os desajustes sociais que perduraram e prosperaram de norte a sul desse país parecem confirmar a pouca importância que se dá ao matuto, ao indígena, ao negro, ao

caboclo dessa terra e que, ironicamente, constituem a nossa maior riqueza. A ingrata realidade social produzida naquelas terras constituía não um projeto isolado, mas uma desengonçada estrutura econômica que se desenharia no país. O litoral, com sua falta de vivência coletiva, gerando um sertão esquecido e deslocado do seu *habitat* natural, agravou o terremoto que se desenrolou na Bahia.

Nesse sentido, o sertão parece coadunar com a luta, e o sertanejo que se configurou naquelas terras mostrou-se, apesar dos percalços e genocídios, um forte e preparado guerreiro, disposto às mais contundentes e aguerridas batalhas. Os elementos humanos que se observam na paisagem de Canudos não são apenas vaqueiros, ou jagunços, ou beatos, ou vadios, ou os excluídos de sempre, mas representam uma tropa de valentes, enfasiados de tanta crueldade e injustiça e preparados para a guerra, mesmo diante da ousadia dos conflitos. Pode-se concluir, portanto, que o que Euclides sugere na suposta inferioridade de raças traduz-se ironicamente na forma autêntica de seu reconhecimento pela grandeza e dignidade do matuto, feito caboclo, feito jagunço, feito guerreiro. Nessa marcha das tropas, o sertanejo, para Euclides, na verdade, simbolizava um titã bronzeado que fazia os batalhões tremerem.

5. A potência da ironia na denúncia da luta

Na escalada narrativa dos sertões, Euclides dedica amplo espaço às ironias presentes na luta em Canudos. A insistência em mostrar os descuidos das tropas do exército, assim como a ousadia e as estratégias de sucesso dos sertanejos inexperientes com batalhas configuram uma proposição textual que destaca os desconcertos. Euclides aproveita-se desses atropelos da investida em Canudos para denunciar a ironia de uma luta por uma terra que, apesar de áspera, dura, concreta e seca pela própria natureza, ainda consegue atrair desejos tão intensos de poder. Além disso, essa narrativa detalha uma guerra concebida nas minimizações e expõe defasagens históricas e sociais que inquietam, desde muito tempo, o homem brasileiro. Euclides, um aliado descoberto nos arcabouços da fria formação intelectual científica, interpreta por meio de uma batalha a nação, cuja contextualização política e histórica explicita o mais íntimo drama social do Brasil. Os conceitos euclidianos para expor e explicar os componentes que mobilizaram aquela disputa dos sertões intrigaram os cientistas sociais e políticos, que reconheciam em Euclides, além de tudo o mais, um grande intérprete da realidade histórico-social do país. No discurso “Castro Alves e seu tempo”, Cunha, em *Outros contrastes e confrontos* (1966), enfatiza a discordância que impera na análise da nossa evolução biológica a partir da nossa evolução social:

Fôra longo desviar-me patenteando os elementos originários da afirmativa. Não há prodígios de síntese que nos digam, em poucas palavras, o contraposto da nossa formação étnica, ainda incompleta e em pleno caldeamento de três fatores diversos, e a unidade política estendida em vastíssimas terras, numa inversão flagrante da ordem lógica dos fatos, fazendo que a evolução social passasse adiante da evolução biológica (CUNHA, 1966d:424).

Ao mesmo tempo em que promove uma potência poética vigorosa e inigualável para seus textos tão ricos, Euclides da Cunha promove ampla análise dos condicionantes que tanto acentuaram a discrepância social que vivemos e que explicaria, a seu tempo, quais foram as razões para tão massacrante embate sertanejo. A força denunciativa da obra de Euclides da Cunha exhibe uma luta, cujos aspectos históricos, políticos, religiosos e sociais comprovaram o exagero e a falta de sabedoria das forças determinadas para repreender os supostos insurgentes.

[

5.1 – Sertão *versus* litoral

Para iniciar suas acaloradas indagações denunciativas sobre a guerra, Euclides relaciona ironicamente as caatingas com a rua do Ouvidor. Aproveita-se da distante relação entre elas para apresentar suas estratégias. Ao comparar as duas localidades tão distintas e desiguais, o autor de *Os sertões* demonstra que a batalha do homem do sertão ganhava vulto nas capitais porque expunha mais vivamente as diferenças regionais gritantes existentes no Brasil desde a colonização:

A rua do Ouvidor valia por um desvio das caatingas. A correria do sertão entrava arrebatadamente pela civilização adentro. E a guerra de Canudos era, por bem dizer, sintomática apenas. O mal era maior. Não se confinara num recanto da Bahia. Alastrara-se. Rompia nas capitais do litoral. O homem do sertão, encourado e bruto, tinha parceiros porventura mais perigosos.

Valerá a pena defini-los?

A força portentosa da hereditariedade, aqui, como em toda a parte e em todos os tempos, arrasta para os meios mais adiantados – enlucados e encobertos de tênue verniz de cultura – trogloditas completos. Se o curso normal da civilização em geral os contém, e os domina, e os manietta, e os inutiliza, e a pouco e pouco os destrói, recalçando-os na penumbra de uma existência inútil, de onde os arranca, às vezes, a curiosidade dos sociólogos extravagantes ou as pesquisas da psiquiatria, sempre que um abalo profundo lhes afrouxa em torno a coesão das leis, eles surgem e invadem escandalosamente a História. São o reverso fatal dos acontecimentos, o claro-escuro indispensável aos fatos de maior vulto.

(...), insistamos numa proposição única: atribuir a uma conjuração política qualquer a crise sertaneja, exprima palmar insciência das condições naturais da nossa raça (CUNHA, 2016:344).

As projeções antagônicas que Euclides disponibiliza possibilitam ainda uma reflexão abrangente sobre a distante interação social e ideológica que ocorre entre a metrópole e o interior. A discrepância social brasileira entre o litoral e o sertão sugere uma relação semelhante entre os flagelos da terra e a abundância do interior, contrapondo ironicamente a disparidade dos fatos. Mostra ainda o quanto o sertão de Euclides se desdobra num espaço tão distante do ambiente tecnológico e desenvolvido do litoral, mas nem por isso sem elementos sociais instigantes e promissores. Esse árido cenário sertanejo demarca a forma abrupta com que são constituídas as distintas camadas sociais de tão recorrentes flagelos. Nesses contrastes acentuados, litoral e sertão crescem distintos e as contradições acentuam-se, já que, no primeiro, operam-se transformações econômicas e sociais ascendentes. Em contrapartida, no segundo cenário, com sua área escassa e esquecida, os grupos e classes estratificam-se potencialmente, gerando assombrosas lacunas sociais.

Para Nelson Werneck Sodré, em “Revisão de Euclides da Cunha”, as distâncias econômicas, e também culturais, entre os povos do litoral e os sertanejos, retratam uma

defasagem social acentuada que se construiu pela covardia dos poderes e que foi aproveitada pela conflagração permanente e depravada do litoral. O escritor analisa ainda, de forma contundente, esse distanciamento social presente no Brasil e atestado em Canudos pelo autor de *Os sertões*. Para Sodré, tal realidade caracteriza claramente a perpetuação de um regime feudal nas relações sociais nacionais:

A multiplicação dos rebanhos motiva a apropriação das vastas zonas do interior, daquilo que ficou conhecido como sertão. Na medida em que se completa essa divisão de atividades, crescem as diferenças entre o sertão e o litoral e surge o contraste entre uma faixa litorânea em que se operam as transformações econômicas e sociais, ainda que muito lentas, e uma zona de sertão, em que os grupos e classes se estratificam. Se bem que os quadros tenham identidades porque, tanto no sertão como no litoral, com o passar dos tempos, o regime escravocrata vai sendo substituído por um regime feudal ou semifeudal, o fato é que no sertão as relações feudais se aprofundam e se conservam praticamente intactas. É uma população abandonada ao seu destino, vivendo uma existência peculiar (SODRÉ, 1995:23).

Para além de qualquer imagem social desse grande sofrimento e desigualdade, Euclides da Cunha delinea adicionalmente essa pretensa oposição entre dois componentes distintos do mapeamento territorial nacional sob o viés literário da ironia. Nesse aspecto, entender as diferenças nos formatos naturais de tão opostas regiões leva o leitor à interpretação abrangente da formação regional desigual e seus nuances decorrentes. Desde os mais prolíferos trechos de floresta, até vastos territórios estéreis, a geologia da terra corresponde diretamente ao espectro cruel da realidade do homem sertanejo:

Revela-o curta viagem para o ocidente, a partir de um ponto qualquer daquela costa. Quebra-se o encanto de ilusão belíssima. A natureza empobrece-se; despe-se das grandes matas; abdica o fastígio das montanhas; erma-se e deprime-se – transmutando-se nos sertões exsicados e bárbaros, onde correm rios efêmeros, e desatam-se chapadas nuas, sucedendo-se, indefinidas, formando o palco desmedido para os quadros dolorosos das secas.

O contraste é empolgante.

Distantes menos de cinquenta léguas, apresentam-se regiões de todo opostas, criando opostas condições à vida.

Entra-se, de surpresa, no deserto (CUNHA, 2016:79).

Euclides propõe ainda um consórcio do homem à terra, contrapondo a imagem sertaneja de grande sofrimento e desigualdade. As observações do autor de *Os sertões* sobre a terra, em que pesem as teorias de Darwin e seus estudos da seleção natural, em que Euclides acreditava – mesmo desligado de sua formação militar original –, apontam para um espírito científico aguerrido, mas contrariam suas próprias afirmações científicas ao efetuar a explanação de uma série de termos ligados àquele local, e àquela disputa, que não justificam

tão grande tragédia em Canudos, propondo um novo olhar sobre essa tão sofrida região. Em contrapartida, o litoral entroniza-se como a terra da prosperidade e onde a abundância supereleva a ambientação viçosa do lugar:

Não precisamos rememorar os fatos decisivos das duas regiões. São duas histórias distintas, em que se averbam movimentos e tendências opostas. Duas sociedades em formação, alheadas por destinos rivais – uma de todo indiferente ao modo de ser da outra, ambas, entretanto, evoluindo sob os influxos de uma administração única. Ao passo que no sul se debuxavam novas tendências, uma subdivisão maior na atividade, maior vigor no povo mais heterogêneo, mais vivaz, mais prático e aventureiro, um largo movimento progressista em suma – tudo isto contrastava com as agitações, às vezes mais brilhantes mas sempre menos fecundas, do Norte – capitâneas esparsas e incoerentes, jungidas à mesma rotina, amorfas e imóveis, em função estreita dos alvarás da corte remota (CUNHA, 2016:86,87).

Dentro desse entendimento também, a pesquisadora Walnice Nogueira Galvão, em seu livro *O império de Belo Monte: vida e morte de Canudos* (2001), discute os contrastes gerados pelos termos sertão e litoral e mostra que, nessas definições, muito se carregam descrições incomuns e, estranhamente, complementares:

(...) o sertão com o decorrer do tempo foi adquirindo outras conotações, que em muito extrapolaram de seu recorte imediato. Região bravia e indômita, o sertão passou a implicar também significados de desconhecido, não desbravado, espaço de mistérios e de enigmas, fora do alcance do braço da lei, incivilizado – e certamente como oposição ao termo “cidade”, este sim implicando império da lei, da civilização e dos valores urbanos. Por extensão, seus habitantes passaram a personificar a coragem e o estoicismo perante condições adversas, mas também a pureza e a inocência típicas de quem não foi corrompido pelos costumes urbanos. Essas conotações de sertão e de sertanejo se farão cada vez mais conspícuas, especialmente na literatura (GALVÃO, 2001:14-15).

Na realidade, o que se constata ao longo do texto de *Os sertões* é que Euclides tinha uma visão ambígua sobre os sertanejos e sua luta. Ele acreditava de início que a utopia sertaneja na realidade favorecia a intervenção militar em Canudos. No entanto, ao longo dos embates, Euclides percebeu que os partidários de Antônio Conselheiro não representavam qualquer ameaça à República, já que não constituíam um movimento político organizado para restaurar a Monarquia. Ao contrário, acreditavam os sertanistas na investidura divina sobre o poder monárquico e a República era vista como uma “desordem” – seja por conta da deposição do monarca, ou a adoção do voto, seja pela instituição de impostos nos municípios ou ainda a ilegalidade da celebração do casamento religioso antes do civil – que deveria ser corrigida pelo poder divino. O fato é, para Euclides, o sertanejo não lutava por uma causa

política, mas sim por ideário particular que dizia respeito ao seu lar, à sua realidade individual:

Mas o jagunço não era afeito à luta regular. Fora até demais de frase caracterizá-lo inimigo, termo extemporâneo, esquisito eufemismo suplantando o “bandido famigerado” da literatura marcial das ordens do dia. O sertanejo defendia o lar invadido, nada mais. Enquanto os que lho ameaçavam permaneciam distantes, rodeava-os de ciladas que lhes tolhessem o passo. Mas quando eles, ao cabo, lhe bateram às portas e arrombaram-lhas a couces de armas, aventou-se-lhe, como único expediente, a resistência a pé firme, afrontando-os face a face, adstrito à preocupação digna da defesa e ao nobre compromisso da desforra. Canudos só seria conquistado casa por casa (CUNHA, 2016:447-448).

Essa assimilação de uma nova voz narrativa, desconcertante e transformada, dá a Euclides da Cunha não apenas uma mudança no posicionamento narrativo, mas evidencia conceitos estratégicos de uma nova criação literária, ambientada numa campanha, cuja defesa se valia do amplo conceito de justiça. A alteração da visão política de Euclides constata ainda não somente um desvio de foco do autor, mas, principalmente, a força exercida pelo olhar subjetivo e sensível de um homem que não se prendia exclusivamente à visão tecnicista e racional. Essa subjetividade poética, ou literária, incrementada por Cunha, atesta o privilégio de reconhecer, de forma particularizada, o universal dentro da sua própria individualidade e esmiúça a contrariedade de ideias presente na sociedade intelectualizada.

Nesse sentido, Luis Filipe Ribeiro discute, em seu artigo “Quem fala no discurso: o lugar de *Os sertões* no romance brasileiro”, que em Euclides se vê uma estratégia característica da retórica científica que tentava criar tal verossimilhança realista com o intuito de levar seu leitor à crença numa realidade e verdade objetivas:

Estamos de frente para as escolhas mais do que subjetivas de um enunciador de discurso, que faz seu texto passar como contrabando na alfândega do conhecimento. Mas isso não é Euclides; isso é a retórica científica dominante em seu tempo. Nunca esqueçamos que são tempos de dominância positivista. A tal da “realidade objetiva” reina indiscutida diante de nossa ignorância tímida e irritada (RIBEIRO, 2010:149).

De fato, Euclides provoca em *Os sertões* um descortinar do efeito narrativo convencional, propiciando um olhar mais acurado sobre a caracterização da clareza dos aspectos sombrios e sangrentos que envolveram a campanha de Canudos. A injusta e irracional empreitada daquela luta ganhou corpo com a ideia de que, naquele canto, residia o centro de resistência dos remanescentes monarquistas e que a traição rondava as portas da República. No entanto, a inserção do autor naquele conturbado ambiente o fez mais que sintonizar seus posicionamentos políticos de outrora, quando defendia a oligarquia

republicana. Ele assumiu um papel de porta-voz de sertanejos humildes e sofridos que viam em Canudos a última possibilidade de luta por direitos nunca considerados pelas elites dominantes do litoral e do poder central. Sobre esse pormenor, o pesquisador Aleilton Fonseca, em artigo intitulado “A poesia de Canudos em *Os sertões*, de Euclides da Cunha”, publicado no livro *Euclides da Cunha: presente e plural*, também discute essa inversão da convicção que tinha Euclides na vitória do exército contra as “hostes fanáticas de Conselheiro”, antes de partir para Canudos, o que o fez passar a denunciar a violenta ação que fora empreendida na Bahia:

Ao presenciar a ação dos republicanos contra Canudos, as convicções de Euclides começam a entrar em colapso, o que abala sua identificação anterior com a cultura litorânea. O contato direto com o sertanejo mestiço, “antes de tudo um forte”, muda a visão do autor. (...)

Em 1902, Euclides da Cunha surpreende o país com o livro *Os sertões*, no qual denuncia a campanha de Canudos como “um crime da nacionalidade”. Emparedado entre suas convicções teóricas de base e o choque da experiência com a realidade da guerra, o intelectual fluminense constrói seu discurso em estilo ambíguo, vazado num jogo retórico de epítetos e antíteses, em que imagens positivas e negativas se justapõem e se entrecrocaram, indicando os impasses de seu pensamento. Desejava, ao mesmo tempo, imprimir rigor científico à sua abordagem e formular uma denúncia eficaz contra a destruição do arraial sertanejo (FONSECA, 2010:41-42).

De todo modo, o que percebemos em Euclides é que sua postura mudou no transcorrer da sua narrativa, e sua mudança comprova a potência denunciativa que seu texto adquire à medida que relata a agravante investida contra um povo. Por meio de construções cuja elegância e vigor de frase promovem imagens rutilantes, sombras e algum colorido, as bases “científicas” de Cunha são superadas por supremas elaborações literárias que deixam claro que, para o autor, estar em Canudos foi como viver o outro lado dessa história, como vestir-se de uma postura de constante entender do outro.

5.2 – Alteridade e denúncia

Convém, dessa forma, nos atermos à definição da palavra alteridade, construída ao longo da própria história do homem, em que percebemos a expansão do conhecimento das relações entre os sujeitos. Esse ato de colocar-se no lugar do outro, assumindo suas lutas e dores, implica diretamente a ideia de que existe uma doutrina da inquietação com o sofrimento alheio como o princípio magno. Euclides se vale naquele momento dessa importante noção e passa a denunciar não só a injustiça reinante, mas delata a barbárie daqueles dias. Ao comentar essa agonia que se seguiu àqueles confusos eventos exacerbados

em Canudos, o professor Godofredo de Oliveira Neto também articula em: “Sublimação de uma verdade não dita: Os sertões”, do livro *Euclides, mestre-escola* (2015). Godofredo destaca que, nos sertões de Euclides, se evidenciou um conflito brutal permitido pelo amedrontamento dos governantes de qualquer ameaça à principiante República:

Um pouco como nas *Afinidades eletivas* de Goethe, Euclides mostra como um mundo bem arrumado (o do litoral burguês e aristocrático) pode desmoronar com a entrada em cena de forças brutais que se imaginava já estivessem longe. As forças e a luta do sertanejo são acarinhadas pelo narrador – é a entrada dessas forças da barbárie no plano individual e no plano coletivo. A epidemia jagunça que pode vir a fazer adoecer de morte a jovem República, nem jovem, infantil (OLIVEIRA NETO, 2015:157).

A voz insistente de Euclides, quando denuncia tantas afrontas à vida, o confronta com uma situação que se constitui o grande contraste dos seus mais íntimos pressupostos. O fato de colocar-se no lugar do outro, acentuando uma relação interpessoal que o leva não somente a identificar infortúnios, mas implica a necessidade de pleno diálogo com esse outro, ressalta uma definição de alteridade que diverge do plano positivista que o formou na capital. Todavia, conhecer a diferença entre o que teorizou e o que viu na prática incrementou em Euclides os mais profundos sentimentos humanos e o tornou capaz de apreender o outro na plenitude da sua dignidade, dos seus direitos e, sobretudo, da sua diferença. Cunha parece apenas ter comprovado que, quanto menos alteridade existe nas relações pessoais e sociais, mais conflitos ocorrem.

Ronaldes de Melo e Souza, no seu *A geopoética de Euclides da Cunha*, destaca essa revolução permanente que Euclides da Cunha sedimentou em seu texto. Ronaldes destaca que Euclides parece ter incorporado a visão de um sujeito em permanente fraternidade, dentro de uma mentalidade que preconizava a máxima: “Viver como um bárbaro, para entender o bárbaro”. Embora esse objetivo solidário tenha firmado seu trabalho na expedição, o conflito de civilizações continuou seu percurso firme, e as fortes indagações sobre tão intrigantes questões lhe fizeram expor ainda mais as falências do homem frente às compreensões que deveria ter sobre o outro. Assim Ronaldes enfatiza essa lógica:

O historiador euclidiano assume a máscara do ironista da campanha de Canudos para evidenciar o desconcerto ridículo das manobras táticas e estratégias de combate do exército em marcha contra Canudos (pp. 219-23). O comandante expedicionário deixa em Queimadas grande parte de munições para não protelar por mais tempo a marcha. A protelação anularia seu intento de conseguir uma arremetida fulminante contra o inimigo. O historiador observa ironicamente que “a partida rápida de uma localidade condena a demora inconsequente na outra”. Acrescenta que, “depois de longa inatividade em Monte Santo, a expedição partiu ainda menos aparelhada do que quando ali chegara 15 dias antes, abandonando, mais uma

vez, parte dos restos de um trem de guerra já muitíssimo reduzido” (p. 220). Aos olhos do historiador irônico, a situação ainda se agrava devido à imprevidência dos expedicionários, que não consideraram a possibilidade de olheiros canudenses, capazes de avisar aos companheiros, anulando, assim, o planejado ataque de surpresa. A tropa que pretende surpreender acaba surpreendida. O historiador assinala o fato inadmissível da descoberta tardia de que muitos espias espertos “dentro da própria vila acotovelavam os expedicionários”. Ironiza o “erro de ofício” da expedição, que se desarmava “à medida que se aproximava do inimigo” (SOUZA, 2009:91-92).

Diante de expectativas tão difusas, Euclides propõe-se ainda a interpretar, segundo o professor Ronaldo, o cenário da guerra como uma encenação teatral que beirava a galhofa, ainda que fosse acentuadamente trágica pela própria natureza da questão:

O inimigo tinha na ocasião o alento do ataque e a certeza na própria temibilidade. Acometeu ruidosamente, entre vivas entusiásticos, por todos os lados, em arremetida envolvente. Embaixo começou a bater desabaladamente o sino; a igreja nova explodia em descargas, e adensada no largo, ou correndo para o alto das colinas, toda a população de Canudos contemplava aquela cena, dando ao trágico do lance a nota galhofeira e irritante de milhares de assovios estridentes, longos, implacáveis... Mais uma vez o drama temeroso da guerra sertaneja tinha o desenlace de uma pateada lúgubre (CUNHA, 2016:331).

Ronaldo de Melo e Souza sinaliza ainda que, em Euclides, há a presença incontestável de máscaras narrativas que concebem visões diferenciadas para cada situação vivida pelos personagens da narrativa. Para Ronaldo, um dos disfarces do narrador euclidiano é o encenador teatral, personagem que incorpora os componentes teatrais à sua descrição narrativa:

A plateia de canudenses apupadores se amplia, “toda a população de Canudos” acorre para as galéias naturalmente dispostas nos altos das colinas, os sinos celebram a vitória e o narrador transcreve o impacto dúbio da nota “galhofeira e irritante” dos espectadores jubilosos e dos atores vilipendiados. Numa inversão de perspectiva, em que soldados do governo se apresentam como vencedores, e conselheiristas se mostram como derrotados, o narrador mobiliza os recursos de encenador teatral a fim de representar o assédio dramático de Canudos como uma cena trágica (SOUZA, 2009:445).

Diante da concretização de tão desumana tragédia, ironizar a derrota dos soldados do governo parece único recurso de um delator angustiado com tanta desgraça. E outros resultados negativos se desenrolaram para ambos os lados. Sobre esse percurso paradoxal, Luiz Fernando Conde Sangenis, autor do artigo “Euclides da Cunha: um andarilho entre o franciscanismo e o jesuitismo”, também publicado no livro *Euclides, mestre-escola* (2015), destaca que Euclides da Cunha nunca se deteve aos pressupostos estritamente racionais – cuja

latência encontrava respaldo na visão missionária jesuítica –, e sua vertente poética, visivelmente mais ligada ao franciscanismo, o empurrou de vez a uma análise da batalha de Canudos como um ato genuinamente autêntico de um povo sofrido e esquecido:

É inequívoco que Euclides se identifica com os jesuítas; ele os admira: racionais, intelectualizados, organizados, agentes da civilização, preocupados com as questões seculares, hábeis esgrimistas da palavra, defensores de causas modernas. Seu agir heroico é tipicamente jesuítico, não perseguir ideais teológicos, mas ao modo de um quase missionário laico da República tomado por um espírito de cruzado moderno, combatente da barbárie, subproduto da civilização. É jesuítica a sua inquietude que o leva à tarefa de deslocar-se a lugares de um Brasil profundo. Não é um missionário?

Eis seu incômodo com os eventos do Belo Monte. Eles não podem ser compreendidos pela racionalidade vigente, simplesmente porque atuam em outra chave do entendimento. Daí que há algo de franciscano no canudofilismo que encabula as pretensões da intelectualidade nacional quando busca encetar uma explicação plausível e razoável para aquela guerra. Não havendo tal entendimento, explica-se o inexplicável, atribuindo-lhe a tarja do fanatismo, da patologia, da paranoia. É esse franciscanismo de Canudos que inquieta Euclides da Cunha, justo porque aquilo que a intelectualidade nega também o seduz (SANGENIS, 2015:112).

O aparato formal, objetivo e a razão da existência, que estão presentes nos ideais franciscanos, com sua noção de alteridade explícita, em que a visão subjetiva é elevada ao máximo, além da figuração de um entendimento de compreensão do outro, e de suas mazelas, permeiam uma análise do que Euclides poderia pensar sobre as relações entre os indivíduos. Nesse aspecto, os contrastes explicitados na obra euclidiana ultrapassam até as fronteiras de qualquer lógica religiosa, já que nele se poderia imaginar apenas a valorização dos conceitos jesuítas.

De igual modo, no prosseguimento da marcha da batalha, as nefastas realizações que culminaram para o alicerce dessa obra comprovam uma série de contrastes e ironias. Elas podem ser percebidas tanto no desastre da campanha Moreira César, passando pela fabricação das armas e o preparo das munições canudenses, quanto no abate genocida. Apesar disso, as paisagens descritas por Euclides durante esses eventos detalham a quietude e a planura dos cenários, como se nessa ambientação desastrosa de uma luta desigual, desenfreada e intensa, pudessemos encontrar calma e novas esperanças. Nesse sentido, os casos relatados de encorajamento, fé e milagres misturavam ainda mais fortemente as emoções de todos, conforme destaca Euclides da Cunha no trecho seguinte:

Não havia ilusão possível: o inimigo, dispondo de engenhos de tal ordem, ali estaria em breve, sobrestante, no rastro dos derradeiros defensores do arraial. Quebrou-se o encanto do Conselheiro. Tonto de pavor, o povo ingênuo perdeu, em momentos, as crenças que o haviam empolgado. Bandos de

fugitivos, sobraçando trouxas estavanadamente feitas, porfiavam em fuga, atravessando, rápidos, a praça e os becos, demandando as caatingas, sem que os contivessem os cabecilhas mais prestigiosos; enquanto as mulheres, em desalinho, em gritos, soluçando, clamando, numa algazarra indefinível, mas ainda fascinadas, agitando os relicários, rezando, se agrupavam à porta do Santuário, implorando a presença do evangelizador.

(...)

Nesse comenos sobreveio a nova de que a força recuava. Foi um milagre. A desordem desfechava em prodígio (CUNHA, 2016:268).

Como toda batalha sangrenta, a luta em Canudos se desenrola estrangulando todos os elementos sociais envolvidos. Nesse sentido, até as mulheres, na defesa tenaz do lar miserável, se punham em luta contra os “trastes miseráveis” do exército, que investiam tudo contra o arraial de Canudos. Confrontando qualquer previsão racional, muitas viraram heroínas e marcaram sua presença nas lutas, segundo denúncia de Euclides:

(...) Soldados possantes, que vinham resfolegando de uma luta de quatro horas, caíram, alguns mortos por mulheres frágeis. Algumas valiam homens. Velhas megeras de tez baça, faces murchas, olhares afuzilando faúlhas, cabelos corredios e soltos, arremetiam com os invasores num delírio de fúrias. E quando se dobravam, sob o pulso daqueles, juguladas e quase estranguladas pelas mãos potentes, arrastadas pelos cabelos, atiradas ao chão e calcadas pelo tacão dos coturnos – não faqueavam, morriam num estertor de feras, cuspendo-lhes em cima um esconjuro doloroso e trágico... (CUNHA, 2016:441).

De modo semelhante, Euclides denuncia ainda a grande ironia de uma luta feita por facas, foices e espingardas de caça que passavam ao patamar de objetos de confusa religiosidade, já que a causa era justa, o preço era altíssimo, mas a missão ultrapassava os limites daquelas terras. Na “guerra dos céus”, os objetos de devoção se uniam às armas de conflito e, por mais paradoxal que possa parecer, esse era um movimento referendado pelas tropas religiosas do Conselheiro, conforme o texto euclidiano:

Ora, entre as dádivas que jazem em considerável cópia no chão e às paredes do estranho templo, o visitante observa de para com as imagens e as relíquias, um traço sombrio da religiosidade singular: facas e espingardas (CUNHA, 2016:216).

Além disso, os contrastes que alimentavam essa empreitada sangrenta traziam outros componentes da singularidade sertaneja: os fanáticos de Conselheiro eram os próprios artífices do seu armamento de batalha. Todo o arraial se dispunha a preparar, a reparar e a fabricar as foices, os ferrões e as lâminas que pudessem dar cabo de um inimigo potencialmente bem mais armado e preparado para aquela intrigante guerra:

Não ficavam nisto os preparativos. Reparavam-se as armas. No arraial estrugia a orquestra estridente das bigornas, à cadência dos malhos e marrões: enrijando e maleandro as foices entortadas; aguçando e aceirando os ferrões buídos; temperando as lâminas largas das facas de arrasto, compridas como espadas; retesando os arcos, que lembram uma transição entre as armas dos selvagens e a antiga besta de polé; consertando a fecharia perra das velhas espingardas e garruchas. E das tendas abrasantes irrompia um ressoar metálico de arsenais ativos (CUNHA, 2016:294).

Por outro lado, se algum elemento externo quisesse dizer que no agravamento daquela batalha haveria espaço para apoios ou aproveitamentos estratégicos para as munições ou mesmo para o combate vigoroso, corria sério risco de ser invalidado na sua arrogante postura. Na realidade, o próprio povoado era quem providenciava o suprimento para as demandas de pólvora. Euclides explica essa fabricação naquele ambiente, em que o caboclo transformado em sertanejo confrontava suas necessidades com a determinação, a garra e a força para uma batalha de improvável vitória:

Não era suficiente a pólvora adquirida nas vilas próximas, faziam-na; tinham o carvão, tinham o salitre, apanhado à flor da terra mais para o norte, junto ao S. Francisco, e tinham, desde muito, o enxofre. O explosivo surgia perfeito, de uma dosagem segura, rivalizando bem com os que adotavam nas caçadas (CUNHA, 2016:294).

De modo análogo, na falta das balas, a criatividade do jagunço sertanejo para ensejar combates era tão grande que pouco faltava para assegurar qualquer levante mais intenso, ou melhor executado. Qualquer objeto, por mais estranho que pudesse parecer, poderia ser utilizado como armamento de guerra, enquanto Euclides destaca que a batalha continuava em sua ascensão máxima:

Não faltavam balas. A goela larga dos bacamartes aceitava tudo: seixos rolados, pedaços de pregos, pontas de chifres, cacos de garrafas, esquirolas de pedras (CUNHA, 2016:294).

Em meio a tantos assombros causados pela guerra, também podemos destacar a visão poética expressa por Euclides de que os arbustos e outros vegetais aderiram ao conflito em Canudos e atrapalharam as investidas das tropas do exército e protegeram e sustentaram o sertanejo. Essas interatividades inesperadas confirmam um alto grau de contrastes também reforçados por Santana nas observações sobre o texto euclidiano:

A natureza ainda desempenha o papel de proteger o sertanejo durante a luta, erguendo trincheiras na movimentação irregular do solo e facilitando a fuga no meio de uma vegetação que se torna impenetrável aos que lhe são estranhos. A própria inferioridade dos sertanejos em armamentos é compensada pelo fornecimento natural do salitre para a composição da pólvora e dos seixos rolados de quartzo, que “são depósitos inexauríveis de balas” (CUNHA, 1966:578-582). Escritos antes da passagem do escritor

pelos sertões baianos, os artigos “A nossa Vendéia” tiveram como base suas leituras sobre a região (SANTANA, 2001:91).

Diante de um arraial imenso e em convulsão, a cena que projetou um magote de inimigos mortos que são teatralmente dispostos no cenário por meio de arbustos que os estilizam e qualificam para uma apresentação que se desenvolve. A cena consolida a tentativa iminente de ironizar e de debochar do soldado em esqueleto que ou se posiciona alinhado em formatura ou se movimenta pela oscilação dos ventos. Euclides conta essa singular encenação:

E do correr da borda do caminho ao mais profundo das macegas, outros companheiros de infortúnio: esqueletos vestidos de fardas poentas e rotas, estirados no chão, de supino, num alinhamento de formatura trágica; ou desequilibradamente arrimados aos arbustos flexíveis, que, oscilando à feição do vento, lhes davam singulares movimentos de espectros – delatavam demoníaca encenação adrede engenhada pelos jagunços (CUNHA, 2016:372-373).

Euclides da Cunha destaca em seu texto que, a despeito de qualquer aniquilamento físico proveniente de tão altos embates, o arrefecimento dos conflitos construiu um sujeito dissolvido de sentimentos e ambições. Neles, sobrecarrega-lhes os desalentos e lamúrias diante de investidas improvisadas, incertas e variáveis, escolhendo entre milhares de homens uma vítima qualquer. De modo similar, os ordenamentos dos batalhões já dissolvidos pelas derrotas compunham a veracidade ingrata de uma luta desumana para ambos os lados. Uma brigada, um batalhão, uma companhia mesmo, cujos infelizes baleados alcançariam uma disputada aferição de títulos que pouco importava naquele tão sofrível momento. Ainda assim, as derrocadas eram acrescidas de novo ânimo oficial, sobrepujando as situações-limite que deflagravam mais sortilégios e enfatiza:

A ordem do dia 17 de julho marcando o ataque para o imediato, 18, foi recebida com delírio. Esteando-se nas façanhas anteriores, o comandante em chefe, numa dedução atrevida, voltava uma página do futuro e punha diante dos lutadores a miragem da vitória.

(...) Amanhã vamos abatê-lo na sua cidadela de Canudos. A pátria tem os olhos fitos sobre vós, tudo espera da vossa bravura. O inimigo traiçoeiro que não se apresenta de frente, que combate-nos sem ser visto, tem, contudo, sofrido perdas consideráveis. Ele está desmoralizado, e, pois, se... (CUNHA, 2016:429).

Mesmo incentivados por tamanha dose de otimismo, os combatentes se deparam com um cenário hostil que confronta incisivamente aquela carta encorajadora recebida pelas tropas. A derrota inesperada sucumbiu várias vidas e os sofrimentos irreparáveis que tais

atrocidades deixaram naqueles povoados e redondezas ganhariam os rumos de uma história contada a troco de muito sangue e sofrimento, como Euclides diz:

Mais tarde, relatando o feito, o chefe expedicionário se confessou impotente para descrever a imensa “chuva de balas que desciam dos morros e subiam das planícies num sibilo horrível de notas”, que atordoavam. (...) Realmente, os sertanejos revelavam uma firmeza de tiro surpreendedora. (...) a tropa desabrigada bateram, convergentes, sobre a artilharia. Dizimaram-na. Tombaram dezenas de soldados e a metade dos oficiais (CUNHA, 2016:381).

Num longo período de reticências na alma, os sofridos e desamparados jagunços de Canudos movimentam uma série de ações com o intuito de adquirir força e coragem para um caminhar respeitoso diante da sociedade. Na toada melancólica das rezas, diante de todo tipo de entrincheiramentos ameaçadores, a figura imóvel de um general de guerra, preparado para todo tipo de batalhas, chama a atenção de todos e de Euclides em especial:

O general Artur Oscar, que se obstinara a permanecer ali, iludido a princípio, pela miragem de um comboio, justificava-se, agora, pela impossibilidade absoluta de se mover. (...) com traço vigoroso da jovialidade heroica, num calão pinturesco e incisivo e vibrante; patenteando sempre, insofridas, todas as impaciências e todos os arrojos de um temperamento nervoso e forte; aquele general, numa campanha, no meio de cultura por excelência de tão notáveis requisitos, se transmuda, e, com espanto dos que o conhecem, só tem uma tática – a da imobilidade.

Resiste; não delibera.

Inflexivelmente imóvel diante do adversário, não o perturba com as sortidas bem combinadas e o arremesso das cargas; opõe-lhe a força emperradora da inércia (CUNHA, 2016:419).

O drama imerso na profundura dos sertões explica expedições que exauriam incontáveis disparidades. Seja pelo descontrole dos temperamentos, seja pela amplitude das crueldades exacerbadas, o narrador euclidiano incrementa vastos esforços para tentar descortinar as maldades reparadas em ambos os lados do conflito. Seu fôlego se renova com os desdobramentos da falta de bom senso e ao peso das desequilibradas ordens que infringiam qualquer noção mínima de direitos nas cenas descritas por Cunha:

Em torno mulheres desatinadas disparavam em choros, e rolavam pelos cantos; até baquear no chão, cosido a baioneta ou esmoído a coronhadas, pisoado sob o rompão dos coturnos, o lutador temerário.

Reproduziam-se tais cenas (CUNHA, 2016:320).

Em contrapartida, no intermitir constante dos combates, a refeição insuficiente aos soldados famintos e a escassez da água para mitigar a sede constituíam elementos indispensáveis para o fortalecimento do espírito aguerrido necessário àqueles sofridos soldados que lutavam numa tentativa heroica de cumprimento do papel republicano.

Entretanto, Cunha destaca que as dificuldades não conseguiam brechar a força pulsante das investidas contra o inimigo:

As longas combinações concretas de um combate, adrede elaboradas consoante as condições excepcionais do meio e do adversário, não as satisfaziam. O rancor longamente acumulado por anteriores insucessos exigia revides fulminantes. Era preciso levar às recuadas os bandidos tontos e, de uma só vez, de pancada, socá-los dentro da cova de Canudos, a couces de armas (CUNHA, 2016:428-429).

No texto do “Discurso de posse no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro”, compilado em *Outros contrastes e confrontos*, Euclides da Cunha destrincha o que seria em sua análise a razão mais óbvia de um empreendimento tão mal elaborado que foi a divisão de terras no Brasil. Fato que, segundo suas observações, gerou enormes desproporções sociais e injustiças de várias ordens, segregando comunidades inteiras a uma completa falta de oportunidades. Essa agitação negativa criou um sem-número de famintos, degredados a uma sorte vil de mazelas e infortúnios, carregando na própria pele a aridez das lutas pelo sustento e pela provisão tão cara e difícil, num reconhecimento de direitos que, de tão distantes, fortaleciam a necessidade de luta daqueles infelizes:

Entre as notáveis vicissitudes da nossa existência coletiva, com os seus desvios, com os seus recuos, com os seus descompassados arrojados seguidos de subitâneos desfalecimentos; e com as suas grandes curvas quase fechadas, que fazem do Brasil exemplo único a estear a fantasia filosófica de Vico, porque trouxeram a nossa Idade Média até ao nosso tempo, irmanando o feudalismo retrógrado dos donatários, que os alvarás nomeavam, com o feudalismo anárquico dos governantes, que as eleições não elegem – tudo isto, toda essa agitação tumultuária, onde raro se destaca o carácter social dos acontecimentos, nos revelaria que aquele título não é uma coisa que se recebe, senão uma posição que se conquista, e acarreta deveres tão sérios que quem a merece não sabe distinguir os compatriotas da boa vontade pelas fórmulas inexpressivas e artificiosas dos partidos. Revelaria isto a mais ligeira análise da situação presente (CUNHA, 1966d:418-419).

Esse reconhecimento de Euclides da Cunha é ratificado pela analogia que ele criou para discriminar a paisagem dos sertões, chamando-a de “a nossa Vendeia”, para exemplificar uma luta de carácter estritamente social que se impetrava naquela região tão desgastada pelas dificuldades já impostas naturalmente.

5.3 – “Canudos não se rendeu”

Ainda sobre essa questão, vale destacar o que discutem Guilherme Felice Garcia e Fabiana Figueira Corrêa, no artigo “Euclides da Cunha: uma obra em aberto, uma denúncia

que incomoda”, publicado no livro: *Euclides, mestre-escola* (2015). Os pesquisadores explicam que seria imprudente tentar justificar a empreitada de Canudos pelo simplismo do fanatismo religioso ou do positivismo de Euclides, desconsiderando a potência disforme desses tão exauridos territórios e de seus sujeitos, que representam um diagnóstico preciso da nação brasileira:

Limitar a compreensão do texto euclidiano ao cientificismo positivista é desprezar seu caráter plurivocal, é encerrar as discussões que suscitam sua obra e sua visão, sempre à frente de seu próprio tempo, que, por isso, se coloca de forma tão contemporânea, apesar de já decorrido mais de um século de sua publicação. É isso, portanto, que nos leva a vislumbrar um Euclides entre a singularidade e a pluralidade, aquele que nos deixa uma obra em aberto a chamar-nos insistentemente a desvendá-la, considerando, sempre, as denúncias que alinhavam as palavras de seu texto, que nos chamam à reflexão constante não apenas a respeito da gênese do povo brasileiro, mas da gênese de nossa própria nação (GARCIA e CORRÊA, 2015:199-200).

De forma semelhante, Luciana de Oliveira Mangueira, no mesmo livro *Euclides, mestre-escola*, no artigo “Os narradores de *Os sertões*: sobre como um precisa ser muitos para ser único”, mostra como em Euclides se evidencia a denúncia de uma guerra que, aos olhos e na voz oficial, representava só e tão somente uma luta por um regime político. Na verdade, a narrativa euclidiana amplia a visão da nação para o morticínio que se instaurou em Canudos, massacre que se sagrou como um dos mais ingratos conflitos sociais da nossa história recente:

O autor aparece como o nome que trouxe para o centro a realidade sobre uma guerra que se passava no meio do sertão. Verdade que era oposta à divulgada pelos meios oficiais e, por isso, surge um livro vingador: a grande vingança contida em suas páginas fora a de destruir paradigmas, revelar o outro lado da batalha, denunciar um massacre, gritar para o país os efeitos de uma guerra infundada (MANGUEIRA, 2015:220-221).

Ainda nesse aspecto, a pesquisadora reitera que a escrita de Euclides foi intencionalmente não linear para que pudesse, com isso, abrir o entendimento dos habitantes urbanos sobre as grandes questões apontadas na horripilante tragédia canudense:

Um importante diferencial entre esse e os demais é que o escrito de Euclides da Cunha não é um relato sobre a guerra de Canudos, mas sobre as impressões que ela causou sobre os homens e sobre a terra. Não seria possível um livro representar o drama de um massacre, denunciar a violência de um exército, representar as características ambíguas de uma terra e o caráter múltiplo de personagens tão desconhecidos do homem cidadão se não fosse através de uma escrita que rompesse com a tradição da ficção linear (MANGUEIRA, 2015:229).

Numa conciliação dessa compreensão de que *Os sertões* foi marcadamente uma obra denunciativa, Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros, em artigo intitulado “Canudos e

Contestado: reflexões antropológicas sobre educação, violência e literatura”, presente no livro: *Euclides, mestre-escola* (2015), assinala sobre reportagem bombástica publicada cinquenta anos após Canudos, em 1947, pelo jornalista pernambucano Odorico Tavares, intitulada “Canudos cinquenta anos depois”, em que o autor da notícia relata que, dentre as cinzas da velha Canudos, ficaram as marcas não somente da dinamitada e incendiada cidade, mas também:

(...) da degola dos últimos prisioneiros, o estupro das mulheres sobreviventes, a diáspora das crianças filhas dos jagunços, que foram doadas como souvenir da guerra a soldados, oficiais e à população das cidades circunvizinhas, inclusive com a distribuição de meninas a partir de dez anos entre prostíbulos, de Alagoinhas até Salvador, Canudos renascera (BARROS, 2015:89).

Esse amplo leque de discussões sobre o caráter mais intrínseco da obra euclidiana traz à tona mais uma vez a importância de conferirmos olhar diferenciado sobre tão grandiosa narrativa. Os efeitos irônicos e contrastivos presentes no livro delineiam uma visão crítica da guerra, segundo a ótica dos vencidos. Os textos produzidos no calor das batalhas reafirmam, na forma e no conteúdo, os traços culturais sertanejos, que lutaram como titãs contra uma série de soldados moribundos:

Foi o que sucedeu ao ser conquistado um casebre, depois de tenazmente defendido. Os soldados invadiram-no atumultuadamente. E depararam um monte de cadáveres; seis ou oito, caídos uns sobre outros, abarrecendo a entrada. Não se impressionaram com o quadro. Enveredaram pelos cômodos escuros. Mas receberam em cheio, pelas costas, partindo daquela pilha de trapos sanguinolentos, um tiro. Voltando-se, pasmos, denotou-lhes outro, à queima-roupa, de frente. Sopitando o espanto, comprimidos na saleta estreita, viram então saltar e fugir o lutador fantástico, que adotara o stratagem profanador, batendo-se por trás de uma trincheira de mortos...(CUNHA, 2016:544).

Por outro lado, nos últimos dias da guerra, o cenário que se desenrolara nas cercanias canudenses era devastador. Eram frequentes cotidianamente: o estrebuchar dos vencidos, mais jagunços sendo considerados prisioneiros; além disso, as degolas e o depoimento de testemunhas oculares dos massacres se acentuavam a cada instante. Paradoxalmente, aqueles que simbolizavam os mais aguerridos guerreiros de Conselheiro passaram a constituir o quadro do horror sertanejo e os titãs das caatingas pareciam compor a imagem literal do que de fato simbolizava aquela batalha: o genocídio. Euclides, sensivelmente, destaca as atrocidades:

Em todos os corpos emagrecidos e nas vestes em pedaços, liam-se as provações sofridas. Alguns ardam, lentamente, sem chamas, revelados por tênues fios de fumaça, que se alteavam em diversos pontos. Outros,

incinerados, se desenhavam, salteadamente, nítidos, esbatida a brancura das cinzas no chão poento e pardo, à maneira de toscas e grandes caricaturas feitas a giz... (CUNHA, 2016:549).

Ou seja: tanto na retratação de uma trincheira formada por cadáveres homicidas, quanto no cenário devastador dos jagunços abatidos pelas tropas, Euclides compõe imagens que escandalizam pela dureza e que expõem as fragilidades e as falências de uma política social inexistente. Por isso, Euclides interpreta a intervenção militar como um erro histórico e um “crime da nacionalidade”, e o livro *Os sertões* passa a ser uma veemente denúncia contra a opressão sobre aqueles desvalidos:

Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a História, resistiu até ao esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu no dia 5, ao entardecer, quando caíram os seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dous homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente cinco mil soldados.

(...)

Vimos como quem vinga uma montanha altíssima. No alto, a par de uma perspectiva maior, a vertigem...

Ademais não desafiaria a incredulidade do futuro a narrativa de pormenores em que se amostrassem mulheres precipitando-se nas fogueiras dos próprios lares, abraçadas aos filhos pequeninos?..

E de que modo comentaríamos, com a só fragilidade da palavra humana, o fato singular de não aparecerem mais, desde a manhã de 3, os prisioneiros válidos colhidos na véspera, e entre eles aquele Antônio Beatinho que se nos entregara, confiante – e a quem devemos preciosos esclarecimentos sobre esta fase obscura da nossa história? (CUNHA, 2016:576).

Essa construção narrativa metamorfoseada possibilita-nos conferir à obra um caráter extremamente literário para uma problemática social inquietante em todos os tempos. Apesar de o escritor assumir uma visão partidária conflitante com seus postulados anteriores, a obra denuncia a equivocada visão estrutural da sociedade brasileira que ainda perdura. De modo semelhante, para Sevcenko (1995), era esperada a indignação de Euclides frente àqueles tão cruéis embates. Para o autor, Euclides entendia que, naqueles sertões, estava sendo concebida a base de nossa nacionalidade e que ali se criaria o perfeito consórcio entre o homem e a sua própria terra, conforme Sevcenko aponta a seguir:

Era de se esperar a sua indignação e revolta diante desses fatos. Afinal, contrariando a visão dos homens públicos, Euclides concebia todas essas populações do interior como os sedimentos básicos da nação. E mais, eram elas que, afeiçoadas a um trato cotidiano e secular com a terra, conheciam-lhe os segredos, as virtudes e as carências. Descontadas as superstições, o autor via nelas um modelo para um perfeito consórcio entre o homem e a terra no Brasil, que o livrasse das falácias do cosmopolitismo, “essa espécie de *regimen* colonial do espírito que transforma o filho de um país num

emigrado virtual, vivendo, estéril, no ambiente fictício de uma civilização de empréstimo”⁵. Essa foi uma das maiores lições que o autor retirou do episódio de Canudos, onde, por três vezes sucessivas, o exército brasileiro foi derrotado pelo total desconhecimento da terra e do meio da caatinga (SEVCENKO, 1995:145).

Dentro dessa perspectiva, fica acentuado o empenho despendido por Euclides no sentido da assimilação e participação nos processos históricos em curso. Sua obra torna-se, dessa forma, um registro denunciativo de uma época, de um regime político e de uma ideia social alternativa para sua transformação. De maneira análoga, diante de cenas de guerra que acentuam um exorbitante realismo, através de retratos de soldados estropiados ou exauridos pela refrega, Euclides da Cunha oportunizou chances de percebermos uma guerra desajeitada e desengonçada, além de muito cruel nas impunidades:

É uma ação diplomática entre potências. A justiça armada parlamenta com os criminosos; balanceia as condições de um e outro partido; discute; evita os ultimatoss; e acaba ratificando verdadeiros tratados de paz, sancionando a soberania da capangagem impune (CUNHA, 2016:218).

Aquela localidade de imensas chapadas que se formalizam como rudes monumentos, ou que quebram a monotonia da paisagem, corrobora o cenário de extensos vales de erosão projetada num percurso tão desconexo e que ampliam a visão contraditória daquelas vastas terras. Por outro lado, as caracterizações dos sertanejos, e de suas condições de vida, muito se justificam também diante das arreadas condições geológicas e climáticas ali estabelecidas, mas estão diretamente relacionadas às questões sociais ali vislumbradas. Esses nossos patrícios do sertão são identificados pela própria aspereza do solo em que nasceram, são educados numa rude escola de dificuldades e perigos e formam um tipo etnologicamente indefinido que conspira contra sua própria existência. Esse desfecho caracteriza de maneira pungente o que significa a luta estabelecida naqueles sertões tão contraditórios.

⁵ A expressão entre aspas foi utilizada por Euclides da Cunha no texto “O ideal americano”, publicado em *Contrastes e confrontos* (1966c, v.1, p.172).

6. Conclusão

No livro *Euclides da Cunha: esboço biográfico* (2003), que Roberto Ventura preparou por dez anos e não conseguiu concluir devido à fatalidade que o acometeu e o levou precocemente, o escritor organizador Mario Cesar Carvalho, na nota introdutória que elabora para a obra não terminada de Ventura, deixa evidente o descompasso entre a missão que Euclides recebera de levantar dados e informações sobre a campanha de Canudos e a própria vestimenta usada por ele na viagem ao sertão. Apesar de simples, essa nota sinaliza o quanto a elite litorânea brasileira mantinha uma visão potencialmente distante do real sobre o interior do país e Carvalho destaca essa evidência:

Na entrevista a Viriato Corrêa, publicada em 15 de agosto de 1909, na *Ilustração Brasileira*, Euclides descrevia a subida à serra de modo cinematográfico: Euclides, de terno de linho branco e camisa de seda, chega em agosto de 1897 para cobrir, como correspondente do jornal *O Estado de São Paulo*, o que seria a quarta e última expedição contra Canudos, com 8 mil soldados. O descompasso entre a missão de Euclides e a roupa com que se vestira, na visão de Roberto, parecia espelhar o equívoco da elite brasileira, que via num arraial de cristãos primitivos uma ameaça à República (CARVALHO, 2003:11).

Euclides da Cunha desembarca em Canudos com a mesma visão que seus contemporâneos do litoral tinham e vive a experiência mais marcante de sua trajetória como cientista, como poeta, como escritor, como homem. O grande incômodo que marcou sua formação e vida fincou suas estacas naquelas terras sertanejas e ali, diante de uma formação geológica singular, Euclides encanta-se pelas disparidades de relevo e pelas formações rochosas desiguais e monumentais. Inquieta-se, ainda, pelo clima extremado entre o escaldante e o torrencial. Cunha elabora também análises etnológicas que repensam preconceitos, além de denunciar que a luta ali travada não tinha qualquer origem partidária, exibida tão somente a luta pela sobrevivência.

Nas novas formas e significados que inquietaram tanto sua natureza, Euclides elabora uma série de construções reflexivas que confirmam a potencialidade literária de seu texto. Seu olhar irônico sobre as contradições da vida nos sertões representam muito mais do que um pretenso distanciamento das vicissitudes ali observadas. Na prática, o autor chama a atenção para uma já tão conhecida articulação que defendera de forma veemente entre ciência e arte. Estes polos de concepções extremadas permeiam a obra *Os sertões* em todo o tempo e se desdobram em terras adversas e entristecidas, mas belas e abundantes; em sujeitos cuja mistura e descendências incomuns refletem uma vigorosa e forte coluna étnica; e ainda nos

detalhes de uma desengonçada saga entre soldados e sertanejos numa luta que ia além de um pedaço de chão aparentemente esquecido.

Neste trabalho, buscamos encontrar algumas evidências contrastivas que alimentaram esse imaginário literário do engenheiro Euclides e que foram potencializadas por sensíveis contrastes e confrontos percebidos nos ambientes, nas pessoas e no evento desdobrado em Canudos. Sua obra-prima contribui, indiscutivelmente, para uma compreensão mais expressiva do que foi o autor para a literatura brasileira e sustentam o mais preponderante aspecto que o formara, que é a tese dialógica entre os paradoxos. Além disso, se considerarmos os detalhes de *Os sertões*, verificaremos inúmeros elementos irônicos que corroboraram para a noção de que se está falando de um autor rigorosamente conjugado às discussões político-sociais e filosóficas pelo mundo afora, no final do século XIX. O recurso das ironias ali apresentadas confronta a hegemonia ideológica que insistia em se formar no Brasil, e as dosagens desse recurso literário naqueles escritos destacam não apenas caras metáforas, mas todo um retrato da paradoxal e contundente realidade social brasileira.

Com efeito, Cunha fala de representações da humanidade que ultrapassam os limites da compreensão científica e mergulham o leitor num universo de infundáveis reflexões sobre a vida, o homem e o Brasil nos seus descaminhos para o desenvolvimento. O texto euclidiano forma um percurso literário cuja construção não se sustenta somente pela visão objetiva e determinista que o formara. Pouco a pouco se percebe que até mesmo nas disparidades dos cenários, dos sujeitos e da batalha o autor tem como foco principal a instauração de uma dinâmica irônica que possibilite que um olhar reflexivo se consolide sobre as oposições delineadas naquelas terras.

Tantas contrariedades são evidenciadas também pela maneira como o narrador euclidiano se apresenta. Nesse aspecto, Ronaldo de Melo e Souza, em seu livro *A geopoética de Euclides da Cunha* (2009), interpreta as “máscaras narrativas” de Euclides e comprova amplos antagonismos. Como no caso do incomum “observador itinerante” que se projeta como um narrador que se expressa ironicamente para se permitir outro olhar sobre uma pesada tragédia, como nessa conhecida representação suave da tragédia da morte, em que Euclides se vale de uma perspectiva irônica para neutralizar sentimentos e silenciar assombros terríveis de um real aterrorizante. Ele alia a observação à reflexão, num ato contemplativo e poético ao mesmo tempo. “O sol poente desatava, longa, a sua sombra pelo chão e protegido por ela – braços largamente abertos, face volvida para os céus – um soldado descansava. Descansava... havia três meses.” (CUNHA, 2016:40-41).

Essa antagonista encenação descreve muito mais do que paisagens, indivíduos ou eventos. Na realidade, o autor enfatiza os aspectos contraditórios de uma guerra, que se constituiu cruel e assustadora; e que não levou em conta a beleza dos cenários e os sublimes sujeitos que constituíam aqueles sertões. Além disso, numa época de difícil conciliação entre saberes e num momento em que o conhecimento técnico altamente especializado se construía com uma amarga hegemonia, Cunha suspende suas próprias convicções formativas e apresenta outro olhar sobre a tragédia anunciada em Canudos, vinculando pensamentos à frente de seu tempo.

Na escalada narrativa de *Os sertões*, Euclides dedica amplo espaço aos contrastes, e verificamos visões acentuadas de cenários antagonísticos que formam nosso referencial paisagístico, formações etnológicas que confrontam cores e formas, mas incentivam superações, e conhecemos um engenheiro poeta partidário da história que delata a barbárie de uma empreitada alçoz e genocida. Portanto, comprovamos a potencialidade literária exacerbada nos contrastes e confrontos que Euclides insiste em nos apresentar como prova cabal de que esse homem das ciências e das artes sabia muito mais do que apenas os frios e racionais cálculos ou projetos que elaborava. A visão que Euclides desenvolvera antes de chegar a Canudos e as primeiras impressões que constata no próprio local são a prova da contundência de seus próprios conceitos e a matéria-prima de sua admirável produção literária.

De igual modo, as ironias gestadas na obra de Euclides da Cunha recheiam o imaginário, entrelaçam terras, gêneros, povos e ideais, formando uma verdadeira sinfonia literária que vai além do singular. Na verdade, cria caminhos alternativos incessantes que tentam descortinar o imaginário humano diante de suas muitas crises. Afinal, só mesmo a palavra, seja ela literal ou abstrata, tem a capacidade de ordenar o caos, de dar forma ao informe, de gerar vida plena de significados e é potencialmente capaz de extrair elementos do cotidiano e impregná-los de poesia, devolvendo-lhes a analogia paradisíaca entre os nomes e as coisas, magia de que só os poetas, os loucos e as crianças são capazes.

7. Bibliografia

ADORNO, Theodor W. “Palestra sobre lírica e sociedade”. In: *Notas de literatura I*. Tradução e apresentação de Jorge M. B. de Almeida. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2003. p. 65-89.

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Tradução de Roberto Raposo, posfácio de Celso Lafer. 10ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

_____. *A vida do espírito*. Tradução de Cesar Augusto de Almeida, Antônio Abranches e Helena Martins. 6ª ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2017.

ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução, prefácio, introdução, comentário e apêndices de Eudoro de Sousa. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1992.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. v. II.

AZEVEDO, Aluísio de. *O cortiço*. São Paulo: L&PM Pocket, 1998.

BASTOS, Dau. “A experimentação na prosa ficcional brasileira do último quarto do século XX”. *Anais do X Congresso Internacional da ABRALIC*. Rio de Janeiro, 2006.

_____. “Viva a vanguarda: literatura brasileira contemporânea à luz da ruptura”. In: *Fórum de Literatura Brasileira Contemporânea*. Seção Ensaios. Jun 2009. p. 33-51. Disponível em <http://www.forumdeliteratura.com.br/ensaios/ensaios-1-edicao>.

BENJAMIN, Walter. *O conceito de crítica de arte no Romantismo alemão*. São Paulo: Iluminuras, 2011.

_____. “O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. Obras escolhidas. v.1. 7.ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. “Canudos e Contestado: reflexões antropológicas sobre educação, violência e literatura”. In: CONSIDERA, Anabelle Loivos; PIETRANI, Anélia Montechiari; SANGENIS, Luiz Fernando Conde (orgs.). *Euclides, mestre-escola*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2015. p. 77-96.

_____. “A escrita da história e a literatura em Euclides da Cunha”. In: PIETRANI, Anélia Montechiari (org.). *Euclides da Cunha, presente e plural* (ensaios). Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010. p. 155-170.

BRAIT, Beth. *Ironia em perspectiva polifônica*. 2ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008.

BROWN, Theodore L. *Química: a ciência central*. Tradução de Robson Matos. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2005.

CARVALHO, Mario Cesar. “Diálogo com a memória de um computador”. In: VENTURA, Roberto. *Retrato interrompido da vida de Euclides da Cunha – esboço biográfico*. Organização de Mario Cesar Carvalho e José Carlos Barreto de Santana. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CERVANTES, Miguel de. *O engenhoso fidalgo D. Quixote de La Mancha*. Tradução e notas de Eugênio Amado. 3ª ed. Belo Horizonte: Villa Rica, 1991.

CONSIDERA, Anabelle Loivos; PIETRANI, Anélia Montechiari; SANGENIS, Luiz Fernando Conde (orgs.). *Euclides, mestre-escola*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2015.

CORRÊA, Fabiana Figueira. “Euclides da Cunha em sala de aula: um desafio recompensador”. In: CONSIDERA, Anabelle Loivos; PIETRANI, Anélia Montechiari; SANGENIS, Luiz Fernando Conde (orgs.). *Euclides, mestre-escola*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2015. p. 55-76.

COUTO, Mia. *Terra sonâmbula*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CUNHA, Euclides da. “À margem da geografia”. In: _____. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Companhia José Aguilar Editora, 1966a. v. 1, p. 477-514.

_____. “À margem da história”. In: _____. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Companhia José Aguilar Editora, 1966b. v. 1, p. 221-384.

_____. “Contrastes e confrontos”. In: _____. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Companhia José Aguilar Editora, 1966c. v. 1, p. 101-220.

_____. “Outros contrastes e confrontos”. In: _____. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Companhia José Aguilar Editora, 1966d. v. 1, p. 385-476.

_____. “Correspondência (1890-1909)”. In: GALVÃO, Walnice Nogueira & GALOTTI, Oswaldo. *Correspondência de Euclides da Cunha*. São Paulo: EDUSP, 1997.

_____. *Os sertões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. (Ed. Especial).

DUARTE, Lélia Parreira. *Ironia e humor na literatura*. Belo Horizonte, MG: Editora PUC Minas; São Paulo, SP: Alameda, 2006.

FONSECA, Aleilton. “A poesia de Canudos em *Os sertões*, de Euclides da Cunha”. In: PIETRANI, Anélia Montechiari (org.). *Euclides da Cunha, presente e plural* (ensaios). Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010. p. 41-50.

FREYRE, Gilberto. “Euclides da Cunha, revelador da realidade brasileira”. In: CUNHA, Euclides da. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Companhia José Aguilar Editora, 1966. v. 1, p. 17-32.

GALVÃO, Walnice Nogueira. *O império do Belo Monte: vida e morte de Canudos*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2001.

_____. “Euclides da Cunha”. *América Latina: palavra, literatura e cultura*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1994, v. 2, p. 615-33.

GARCIA, Guilherme Felice & CORRÊA, Fabiana Figueira. “Euclides da Cunha: uma obra em aberto, uma denúncia que incomoda”. In: CONSIDERA, Anabelle Loivos; PIETRANI, Anélia Montechiari; SANGENIS, Luiz Fernando Conde (orgs.). *Euclides, mestre-escola*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2015. p. 173-200.

GALILEU GALILEI. *Opere complete di Galileo Galilei*. Organização de E. Albèri. Florença: s.e., 1842.

GOETHE, Johann Wolfgang Von. *Fausto zero (Urfaust)*. Tradução de Christine Röhrig. São Paulo: Cosac&Naify, 2001.

HEGEL, George Wilhelm Friedrich. *Curso de estética. O sistema das artes*. Tradução de Álvaro Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

HUTCHEON, Linda. *Teoria e política da ironia*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

ISER, Wolfgang. *O fictício e o imaginário*. 2ª ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

KIERKEGAARD, Søren Aabye. *O conceito de ironia: constantemente referido a Sócrates*. Apresentação e tradução de Álvaro Luiz Montenegro Valls. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

LIMA, Luiz Costa. *Terra ignota: a construção de Os sertões*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

MANGUEIRA, Luciana de Oliveira. “Os narradores de *Os sertões*: sobre como um precisa ser muitos para ser único”. In: CONSIDERA, Anabelle Loivos; PIETRANI, Anélia Montechiari; SANGENIS, Luiz Fernando Conde (orgs.). *Euclides, mestre-escola*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2015. p. 219-236.

OLIVEIRA NETO, Godofredo de. “Sublimação de uma verdade não dita: *Os sertões*”. In: CONSIDERA, Anabelle Loivos; PIETRANI, Anélia Montechiari; SANGENIS, Luiz Fernando Conde (orgs.). *Euclides, mestre-escola*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2015. p. 153-160.

PAZ, Octávio. *A outra voz*. Tradução de Wladir Dupont. São Paulo: Siciliano, 1993.

PEREIRA, João Henrique Belos. “Euclides e o branqueamento”. In: PIETRANI, Anélia Montechiari (org.). *Euclides da Cunha, presente e plural* (ensaios). Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010, p. 99-110.

PIETRANI, Anélia Montechiari. “Euclides da Cunha e a poesia do pensamento”. *Pensares em revista* (FFP-UERJ), n. 1, p. 10-18, 2012.

_____. “Euclides da Cunha e a ponte engenheira da poesia”. In: CONSIDERA, Anabelle Loivos; PIETRANI, Anélia Montechiari; SANGENIS, Luiz Fernando Conde (orgs.). *Euclides, mestre-escola*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2015. p. 135-152.

_____. (org.). *Euclides da Cunha, presente e plural* (ensaios). Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010.

_____. ““Judas-Asvero””, um conto de Euclides da Cunha”. *O eixo e a roda* (UFMG), n. 25, p. 65-86, 2016.

_____. “Ler o clássico: plural e sempre presente”. In: _____. (org.). *Euclides da Cunha, presente e plural* (ensaios). Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010. p. 9-19.

PLATÃO. *A República*. São Paulo: Edipro, 2012.

RIBEIRO, Luiz Felipe. “Quem fala no discurso: o lugar de *Os sertões* no romance brasileiro” In: PIETRANI, Anélia Montechiari (org.). *Euclides da Cunha, presente e plural* (ensaios). Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010. p. 143-154.

SANGENIS, Luiz Fernando Conde. “Euclides da Cunha: um andarilho entre o franciscanismo e o jesuitismo”. In: CONSIDERA, Anabelle Loivos; PIETRANI, Anélia Montechiari; SANGENIS, Luiz Fernando Conde (orgs.). *Euclides, mestre-escola*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2015. p. 97-116.

SANTANA, José Carlos Barreto de. *Ciência e arte: Euclides e as ciências naturais*. São Paulo; Feira de Santana: HUCITEC; UEFS, 2001.

SECCHIN, Antonio Carlos. “Euclides da Cunha: três faces da poesia”. In: PIETRANI, Anélia Montechiari (org.). *Euclides da Cunha, presente e plural* (ensaios). Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010. p. 65-78.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 4ª. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

SCHLEGEL, Friedrich. *O dialeto dos fragmentos*. Tradução de Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 1997.

SCHILLER, Friedrich. *Poesia ingênua e sentimental*. Estudo e tradução de Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 1991.

_____. *A educação estética do homem: numa série de cartas*, Tradução de Roberto Schwarz e Márcio Suzuki. Introdução e notas de Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 2011, p. 23, 37 e 38.

SODRÉ, Nelson Werneck. “Revisão de Euclides da Cunha”. In: COUTINHO, A. (org.) *Euclides da Cunha: Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1966, v. 2, p. 11-55.

SOUZA, Ronaldo de Melo e. *A geopoética de Euclides da Cunha*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2009.

SPINELLI, Miguel. *Filósofos pré-socráticos. Primeiros mestres da filosofia e da ciência grega*. 2ª ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2003.

VENTURA, Roberto. *Retrato interrompido da vida de Euclides da Cunha – esboço biográfico*. Organização de Mario Cesar Carvalho e José Carlos Barreto de Santana. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. “Apresentação: Viagem ao centro da terra”. In: SANTANA, José Carlos Barreto de. *Ciência e arte: Euclides e as ciências naturais*. São Paulo; Feira de Santana: HUCITEC; UEFS, 2001. p. 13-17.